CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

"IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VIVER?!" – A CANÇÃO DO CAZUZA COMO PRELÚDIO À CRÍTICA DA IDEOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Fábio Soriano Pereira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador:

Prof. Dr. Felipe Gonçalves Pinto

Rio de Janeiro
Agosto / 2020

“IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VIVER?!” – A CANÇÃO DO CAZUZA COMO PRELÚDIO À CRÍTICA DA IDEOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Fábio Soriano Pereira

Banca Examinadora:

Presidente, Prof. Dr. Felipe Gonçalves Pinto – PPFEN – CEFET / RJ
Orientador

Prof. Dra. Patrícia Maneschy Duarte – PROFEC / IFRJ

Prof. Dra. Taís Silva Pereira – PPFEN – CEFET / RJ

Rio de Janeiro
Agosto / 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

P436 Pereira, Fábio Soriano
"Ideologia: eu quero uma pra viver?!" : a canção do Cazuza como prelúdio à crítica da ideologia no ensino médio / Fábio Soriano Pereira — 2020.
85f + anexo : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2020.
Bibliografia : f. 83-85
Orientador: Felipe Gonçalves Pinto

1. Ideologia. 2. Filosofia (Ensino médio) – Estudo e ensino. 3. Filosofia moderna. 4. Música popular - Brasil. 5. Cartilhas. I. Pinto, Felipe Gonçalves (Orient.). II. Título.

CDD 107

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

A minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Felipe Gonçalves Pinto, meu orientador, pelo suporte, pelas críticas, pelas ideias, pela paciência, e, é claro, por acreditar em mim, dando-me todo apoio necessário à conclusão desse trabalho.

Aos professores e colegas do curso de pós-graduação de mestrado profissional em filosofia e ensino do CEFET-RJ, pelo apoio, pelas discussões, críticas, sugestões e ideias que muito contribuíram à conclusão deste trabalho; em especial aos amigos Marcelo Ribeiro e Márcio Nicodemos que me deram força para continuar e não desistir.

Aos meus colegas professores com quem trabalhei durante todos esses anos, que com eles aprendi e aprendo esse grande ofício que é lecionar.

Aos meus alunos e ex-alunos, com quem troquei conhecimentos e vivência e com quem aprendi e aprendo a ser melhor.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente à conclusão deste trabalho, seja com o suporte técnico, seja com o suporte emocional.

A cada um de vocês, meu muito obrigado.

Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro

(Cazuza)

RESUMO

Esta pesquisa visa examinar criticamente diferentes concepções de ideologia e, a partir desse exame, apresentar uma cartilha sobre o tema "ideologia" como produto didático destinado ao ensino de filosofia no ensino médio. No primeiro momento, buscou-se analisar os percursos conceituais do termo "ideologia" a partir de Destutt de Tracy (1754-1836), com especial atenção à ressignificação marxiana do termo e à tradição crítica que, de certo modo, o materialismo histórico de Karl Marx (1818-1883) veio a inaugurar. Em seguida, foram examinadas, em linhas gerais, as abordagens da noção de ideologia presentes nos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2018). A partir dessas etapas da investigação, o produto didático foi desenvolvido e utilizado pelo autor desta pesquisa junto a turmas de ensino médio das escolas em que leciona, no âmbito da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, visto que nessa prática puderam ser observados certos problemas pertinentes ao próprio objetivo da pesquisa e do próprio material proposto, conduzindo portanto a certos questionamentos acerca dos conceitos primordiais à crítica da ideologia. O produto didático resultante desta pesquisa consiste em uma cartilha que o(a) professor(a) poderá utilizar em suas aulas ou servir-se dele como sugestão de modelo para a criação de novos produtos que busquem proporcionar o diálogo didático e crítico entre canções e conceitos. A cartilha recorre à música "Ideologia", de Cazuza, e a seu videoclipe como base introdutória às reflexões e questões sobre a ideologia, buscando proporcionar artifícios para que o(a) professor(a) desenvolva, em seu trabalho docente a articulação entre ideias presentes na música popular brasileira a uma reflexão conceitual rica e plural da filosofia contemporânea. O princípio que fundamenta esta pesquisa e o próprio produto didático é o questionamento acerca dos conceitos de ideologia recorrentes seja na literatura canônica seja no próprio senso comum. O produto didático foi criado sob esse viés, buscando a análise conceitual e reflexiva da ideologia, tendo em vista os muitos sentidos que ora se complementam ora se contradizem acerca desse termo "ideologia", e tudo isso através da união da filosofia com a música.

Palavras-chave: Ideologia. Música. Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

This research aims to critically examine different conceptions of ideology and based on that examination, present a booklet on the theme "ideology" as a didactic product for the teaching of philosophy in high school. At first, we sought to analyze the conceptual paths of the term "ideology" from Destutt de Tracy (1754-1836) with special attention to the Marxian resignification of the term and to the critical tradition that, in a way, the historical materialism of Karl Marx (1818-1883) came to inaugurate. Then, in general, the approaches to the notion of ideology present in the textbooks of the Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2018) were examined From these stages of the investigation, the didactic product was developed and used by the author of this research with high school classes in the schools in which he teaches within the scope of the state education network in Rio de Janeiro, since in this practice, certain questions could be observed, questions pertinent to the research objective itself and the proposed material itself, thus leading to certain matters about the fundamental concepts to the critique of ideology. The didactic product resulting from this research consists of a booklet that the teacher may use in his classes or use it as a model suggestion for the creation of new products that seek to provide the didactic and critical dialogue between songs and concepts. The booklet uses the music "Ideologia", by Cazuza, and its video clip as an introductory basis for reflections and questions about ideology, seeking to provide artifices for the teacher to develop, in his teaching work, the articulation between ideas present in Brazilian popular music to a rich and plural conceptual reflection of contemporary philosophy. The principle that underlies this research and the didactic product itself is the questioning of the concepts of ideology that are recurrent, whether in canonical literature or in common sense itself. The didactic product was created under this bias, seeking a conceptual and reflective analysis of the ideology, in view of the many meanings that sometimes complement each other and sometimes contradict themselves about this term "ideology", and all this through the union of philosophy with music.

Keywords: *Ideology. Music. Philosophy Teaching.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO---------- 11

Objetivo ---------- 12

Justificativa ---------- 13

Delimitação do problema ---------- 13

Metodologia ---------- 14

Plano de trabalho de dissertação ---------- 15

Plano de produção do produto didático ---------- 15

1 – UM MAPA HISTÓRICO CONCEITUAL DA IDEOLOGIA ---------- 17

1.1 - A origem do termo ---------- 17

1.2 – A subversão da *ideologia* por Napoleão, da *tragédia à farsa* ---------- 19

1.3 – A virada marxiana ---------- 21

1.3.1 – A ideologia alemã ---------- 26

1.4 – As contribuições pós-marxianas---------- 30

1.4.1 – As análises da ideologia no início do século XX---------- 31

1.4.2 – Novas concepções da Ideologia---------- 34

Considerações finais do capítulo ---------- 46

2 – O CAMPO DE APLICAÇÃO DO PRODUTO DIDÁTICO PROPOSTO ---------- 49

2.1 – Análise dos livros didáticos do PNLD ---------- 49

2.2 – Lista dos livros analisados ---------- 49

2.2.1 – Análise das abordagens sobre o conceito de ideologia nos livros didáticos do PNLD 2018 ---------- 50

2.3. – O teste inicial do produto didático ---------- 53

2.4 – Uma justificativa ao processo---------- 54

2.5 – Os três bimestres anteriores ao trabalho com o tema Ideologia ---------- 55

2.6 - Quarto bimestre: Ideologia ---------- 66

2.7 – Qual conclusão foi tirada dessa experiência? ---------- 69

3 – APRESENTAÇÃO DETALHADA DO PRODUTO DIDÁTICO – A CARTILHA E SUAS IMPLICAÇÕES ---------- 73

3.1 – Introdução ---------- 73

3.2 - Panorama geral da cartilha ---------- 73

3.3 - Por que Terry Eagleton e suas concepções? ---------- 75

3.4 - Por que trabalhar com música? ---------- 75

3.4.1 - E o porquê da canção “Ideologia” do Cazuza? ---------- 77

CONSIDERAÇÕES FINAIS ---------- 78

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ---------- 87

APÊNDICE: PRODUTO DIDÁTICO ---------- 91

CARTILHA ---------- 92

INTRODUÇÃO

Kant disse que não se ensina filosofia, mas sim a filosofar. Mas como é de fato o ato de filosofar? Há inúmeras respostas a essa pergunta: refletir sobre a realidade, questionar o mundo, trazer à tona problemas que estavam ocultos nas respostas dadas. Tudo isso é atribuído ao ato de filosofar. Talvez a filosofia seja o mais esfíngico dos saberes humanos. Precisamente por ser a filosofia esse movimento de retorno em si mesma, voltando-se para dentro do conceito para tentar compreendê-lo. Mas como fugir ao labirinto da linguagem? Como nomear o inominável? Eis o grande problema que a própria filosofia passa ao refletir sobre os temas pelos quais ela se inclina. E a ideologia é um desses temas complexos pelo qual a filosofia tem de se ater, uma vez que a ideologia, com sua raiz na ideia, perpassa todo e qualquer conceito que se encontra no meio político-social, ou até mesmo no foro íntimo, coisa que advém do meio social. Ninguém é o que é do nada. Tudo tem uma história. E como bem nos disse Marx na "Ideologia Alemã": "As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes". E essas ideias afetam todos os seres humanos dentro da sociedade. E como, portanto, a filosofia pode contribuir para a transformação e até a reformulação dessas ideias? Através da compreensão da origem, da incidência, da lógica, e das consequências que essas ideias causaram, causam e ainda causarão na sociedade. Acredito, enquanto professor de filosofia, que pensar a ideologia é de substancial importância para os seres humanos, porquanto só assim se saberá de fato livre ou não diante das ideias que têm. E é exatamente por isso que para os jovens estudantes do ensino médio, que estão em fase de formação de seu intelecto, é imprescindível a análise e o questionamento do conceito de ideologia. E cabe também à filosofia esse papel na escola. E foi pensando exatamente nisso que essa pesquisa e o produto didático se basearam.

É claro que tenho em mente que não cabe à filosofia o esgotamento dos conceitos. Não irei aqui com essa pesquisa pretender pôr fim ao debate sobre o conceito de ideologia, mas sim desenvolver uma pesquisa que apresente os múltiplos significados que o termo ideologia tem, e as muitas implicações teóricas e práticas que isso incide. A ideia que me inclinou na criação do produto didático foi exatamente essa fomentação do debate crítico

sobre os conceitos de ideologia, e ainda a necessidade de uma desconstrução nos estudantes de uma aceitação plástica de um conceito qualquer de ideologia. Através da música “Ideologia”, do Cazuza, música essa que teve importância fundamental à MPB dos anos 80, uma vez que trazia à tona o termo ideologia, e disso fomentando reflexões, ainda que não profundamente filosóficas, no sentido acadêmico, mas reflexões importantes à época, que era de muitas incertezas políticas, e, foi através disso, portanto, que desenvolvi um material onde o professor apresente os principais conceitos que esse termo ideologia sugere no mundo, unindo a força da letra dessa canção bem como as imagens simbólicas de seu videoclipe, e trabalhe com seus alunos as pertinentes significações de ideologia e o que elas engendram na realidade.

OBJETIVO

A filosofia no ensino médio não visa formar filósofos, mas sim estudantes mais críticos, ou como o próprio texto dos Parâmetros Curriculares diz, a filosofia no ensino médio visa “conhecimentos necessários ao exercício de cidadania”. Portanto, é preciso buscar metodologias que façam realmente os estudantes desenvolverem esse conhecimento crítico, que então o dará de fato um melhor exercício de sua cidadania em sociedade. E é por isso que sugerimos o tema da ideologia e o audiovisual que apoie didaticamente a análise conceitual desse tema. No caso aqui em questão, serão usados o videoclipe e a música “Ideologia” (1988), de Cazuza. Pela própria obviedade do título da canção, pela letra e refrão, que ajudam a introduzir questões relacionas à análise crítica e conceitual da ideologia. E também ainda, com ajuda do videoclipe, e suas imagens simbólicas, que ajudarão a associação de ideias que serão sugeridas pelo professor à discussão.

Esse trabalho é, como já supracitado, uma introdução o tema da ideologia, sendo precisamente de vital importância ao ensino de filosofia no ensino médio, buscando com a música e o videoclipe um meio mais divertido a busca pelo entendimento do conceito de ideologia, bem como, mostrando aos estudantes alguns dos muitos problemas que há entorno desse conceito. Espera-se com esse trabalho que os estudantes do ensino médio tenham um encontro com o tema da ideologia de um modo diferente do que a tradicional

teoria e didática pelo qual muitas vezes a Filosofia tende a ser apresentada no âmbito escolar.

JUSTIFICATIVA

Como o tema “Ideologia” é um tema diverso em significação, isto é, foi desde a origem do termo até os dias de hoje atribuído à várias concepções, por isso, é preciso portanto que esse conceito seja sintetizado no entendimento dos estudantes do ensino médio. Pois ao refletir bem sobre esse conceito, os estudantes, ao longo de sua vida em sociedade, transformarão seu meio com mais cidadania e justiça, uma vez que há também na ideologia um aspecto inconsciente de alienação. Assim, ao se criar uma autonomia sobre os males que uma ideologia pode causar a um indivíduo e a sociedade como um todo, esse estudante, consciente de si e do que lhe afeta, irá reconstruir sua atitude diante da vida em sociedade. E como? Através da crítica histórica da ideologia feita por autores como Marx / Engels (na “Ideologia Alemã”, e em escritos posteriores) por exemplo, e também seus contemporâneos marxistas que os criticaram. cremos que com o produto didático proposto e usado pelo professor com seus alunos, o tema possa ser melhor refletido filosoficamente em sala de aula, e assim também levado para a vida desses estudantes. Isso, portanto, vai muito além de uma simples aula teórica de filosofia, e atravessa a vida efetiva desses alunos.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A questão da ideologia, se é possível ou não viver sem uma ideologia, é uma questão fundamental para se discutir o tema. Pois, a partir dessa ideia, da possibilidade de se existir no mundo social com ou sem uma ideologia, o cidadão social irá se colocar de modo mais consciente diante da existência, ou no mínimo diante dessa reflexão, desse questionamento, diante mesmo da ideia de pensar os sentidos de ideologia que existem, os atores sociais irão se lançar no mundo menos ingênuos e mais aptos a desviar de ideias que lhes mantém alienados. E é pensando exatamente nisso que o problema dessa pesquisa se coloca.

O trabalho aqui proposto quer discutir a ideia de como a ideologia é ou não fundante ao trato social de um cidadão no mundo. Essa questão colocada no tema *"Ideologia, eu quero uma pra viver?!",* fazendo alusão ao refrão da música do Cazuza, onde ele afirma que é preciso uma ideologia para se colocar na vida; é através dessa ideia de que uma ideologia é primordial à vida que partiremos da questão fundante: será mesmo que a vida social depende de uma ideologia? Esse questionamento não se pretenderá aqui no trabalho como conclusivo, mas sim como "prelúdio" da discussão, isto é, onde o professor se utilizará do material proposto para uma introdução no ensino médio da análise conceitual da ideologia, e ainda, gerar nos estudantes uma nova análise da própria vida social.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, ou seja, através da leitura de considerável referencial teórico-filosófico sobre as questões levantadas durante o processo da pesquisa e seu objeto final, sabendo-se, é claro da transversalidade dos conceitos que precisam se fundir no discurso. E também haverá o recorte de certas críticas já feitas pelos autores aqui citados na bibliografia, buscando um rol de temas voltados a Ideologia, para que o professor se utilize em seu trabalho em sala de aula. Tendo em vista, é claro, que esses recortes das principais críticas não serão impostos ao trabalho do professor, mas sim sugestivos a um início de trabalho. Pois como o próprio nome da pesquisa sugere, é um "prelúdio" a crítica, e, portanto, haverá sugestões de temas voltados à ideologia, temas para se iniciar uma exposição e/ou debates sobre a análise conceitual da ideologia.

O que se busca aqui não é um aprofundamento nas questões da ideologia, mesmo porque, a literatura sobre o tema é vasta e já bem consagrada. O que se quer aqui é um recorte sobre a questão mesma da ideologia; recorte esse que se pretende dinâmico ao trabalho do professor do ensino médio em sala de aula, isto é, não como um trabalho hiper denso e cheio de prolixidade, mas sim como forma de introdução aos conceitos básicos do tema da ideologia no âmbito escolar, coisa que cabe a Filosofia enquanto disciplina do ensino médio trabalhar.

PLANO DE TRABALHO DE DISSERTAÇÃO

Explicitação do problema de quais conceitos de ideologia partir, os principais conceitos sugeridos, bem como os problemas suscitados por esses conceitos.

No capítulo 1, apresentaremos a trajetória histórica e conceitual do termo "ideologia", desde sua origem na obra de Destutt De Tracy às disputas e polissemias da palavra no mundo contemporâneo.

No capítulo 2, apresentaremos o campo de aplicação do produto didático proposto na experiência do autor da pesquisa, mostrando como foi a aceitação dos alunos e onde e como foi aplicado.

No capítulo 3, faremos a análise de oito livros didáticos contidos no PNLD (2018) de filosofia, observando como o conteúdo "ideologia" aparecem ou não nesses livros. Através dessa análise, traçaremos ideias e sugestões de atividades complementares na cartilha ao auxílio do(a) professor(a) em sala de aula acerca do conteúdo "ideologia"

Na conclusão se mostrará a relevância ao professor de introduzir e discutir o tema ideologia na escola com os estudantes do ensino médio, apresentando de modo sintético, mas crendo ainda assim apresentar questões pertinentes à vida desses estudantes, para que eles possam refletir e, quem sabe, vir a transformar a realidade social que eles se inserem. Nesse momento final da pesquisa, apresentaremos resumidamente o percurso assumido no texto da dissertação, ou seja, mostrando como a Ideologia, desde o surgimento com esse nome com De Tracy, passando por Marx até a contemporaneidade, como isso tudo nos afeta hoje, e como, também, o produto didático proposto se inclina a apresentar a questão da ideologia aos estudantes, e como esse material será de auxiliar ao professor para trabalhar o tema na sala de aula de modo proativo e dinâmico com seus estudantes, tentando evitar a uma didática desinteressante que muitas vezes os alunos enxergam nas aulas de filosofia. Esse será o desafio desse trabalho aqui proposto.

PLANO DE PRODUÇÃO DO PRODUTO DIDÁTICO

O produto didático a ser desenvolvido ao final da pesquisa será um material complementar, isto é, como forma dos professores se utilizarem para algumas aulas específicas para trabalhar o tema da ideologia.

O material será composto de uma cartilha, onde conterão ali as informações sugeridas de como o professor irá trabalhar; informações básicas, mas que o professor, é claro, tem a possibilidade expandir na prática contextual do seu trabalho em sala. Na cartilha haverão sugestões de atividades acerca do conceito de ideologia baseadas nas concepções dadas pelo filósofo Terry Eagleton em seu livro "Ideologia – Uma introdução". Ao mesmo tempo em que iremos sugerir intervenções sobre a letra e o videoclipe da música "Ideologia", do Cazuza. Ou seja, o material contará com a cartilha, unicamente, e o uso do audiovisual será por conta do professor, tendo em vista que hoje em dia as escolas já contam com internet, daí o professor se utilizará desse recurso que as escolas têm, ou até trazer de casa a música, ou se não for possível o uso do recurso por qualquer precariedade da escola, a cartilha também dará uma alternativa de leitura da letra da música, coisa que não atrapalhará o trabalho, embora o ideal fosse mesmo o uso do audiovisual, tendo em vista a dinâmica que esse uso causaria nos estudantes. Porém, o que se quer é a introdução analítica acerca do conceito de ideologia com os estudantes.

Sugeriremos algumas outras canções nas atividades, afim de reafirmar a ideia da atividade mesma de análise do audiovisual, onde o professor trabalhará com os alunos, uma vez que a música do Cazuza é antiga, e os estudantes podem não a reconhecer, daí sugeriremos pelo menos 3 canções mais atuais. No entanto, o professor não deixará de usar a música do Cazuza como prelúdio ao trabalho, ainda que os alunos não a conheçam, mas, ainda assim, ela será introdutória ao tema, visando seu refrão e nome que fala diretamente da ideologia. As músicas sugeridas serão menos explicitas no que tange o tema.

O principal ponto do trabalho (coisa que a cartilha irá sugerir) será a discussão do tema, buscando a análise crítica das concepções da ideologia, e como essas concepções sugeridas por Eagleton afetam a vida dos alunos, e como também o entendimento delas tende a ajudá-los a refletir sobre uma nova consciência da vida em sociedade.

1 – UM MAPA HISTÓRICO-CONCEITUAL DA IDEOLOGIA

1.1 – A Origem do termo

O termo "ideologia" foi cunhado, em francês ("ideologie") na virada do século XVIII-XIX para designar uma teoria sobre a gênese das ideias. Hoje em dia, é uma palavra que traz muita controvérsia, um termo polissêmico capcioso. Michael Löwy, por exemplo, nos alerta que:

> É difícil encontrar na ciência social um conceito tão complexo, tão cheio de significados, quanto o conceito de ideologia. Nele se dá uma acumulação fantástica de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambiguidades, de equívocos e de mal-entendidos, o que torna extremamente difícil encontrar o seu caminho nesse labirinto. (LÖWY, 2010, p.10)

Autores de diversas áreas do conhecimento, como ciências sociais, filosofia, ciências políticas, economia, na contemporaneidade, adotam o termo Ideologia em sentidos bem distintos uns dos outros, às vezes até de modo diametralmente oposto. Diante dessa multiplicidade de significações, Norberto Bobbio propõe em seu "Dicionário de Política", duas instâncias qualitativas do termo *Ideologia*, um "significado forte" e um significado fraco". Segundo o esse dicionário de política, "Ideologia fraca" é "um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos" (BOBBIO, 1998, p.585). O significado forte, marcado pela relação entre a dominação de classe e a consciência, teria sua origem na filosofia de Karl Marx, do qual trataremos mais adiante.

A primeira ocorrência que se tem notícia desse termo foi com o filósofo francês Destutt de Tracy, em 1801, em seu livro chamado *Eléments d'Idéologie* ("Elementos de Ideologia"). Nesse trabalho, Destutt de Tracy tenta mostrar que as ideias surgem das relações que um indivíduo tem com seu corpo e com a materialidade presente na biologia pela qual o indivíduo se encontra determinado, e não de alguma causa metafísica. De Tracy e outros Ideólogos, como eram chamados os membros dessa escola sensualista do pensamento, tentaram mostrar que as ideias têm sua gênese nas impressões sensíveis e processos corpóreos.

Os *Ideólogos* franceses eram "positivistas" no que tange a essa análise das ideias, buscando provar que as ideias nasciam de fenômenos naturais do corpo e que poderiam se submeter à objetividade científica. Michael Löwy afirma que:

> A ideologia, segundo Destutt de Tracy, é o estudo científico das ideias e as ideias são o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza, o meio ambiente. É, portanto, um subcapítulo da zoologia - que estuda o comportamento dos organismos vivos - no que se refere ao estudo do relacionamento dos organismos vivos com o meio ambiente, onde trata da questão dos sentidos, da percepção sensorial, através da qual se chegaria às ideias. É por esse caminho que segue a análise, de um cientificismo materialista vulgar, bastante estreito, que caracteriza essa obra de Destutt de Tracy. (LÖWY, 2010, p.11).

A corrente sensualista de Destutt de Tracy e seus colegas de pesquisa dá à palavra "ideologia" uma conotação fisiológico-materialista, no sentido de determinar que as ideias não surgem de nenhum âmbito metafísico, fora do mundo e da experiência. Para De Tracy, na introdução de seu livro *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia), a ideia é objetiva, nasce no meio material (mundo físico, corpóreo) e deve ser estudada no âmbito das ciências da natureza, estendendo assim o método naturalista ao conhecimento dos indivíduos e da sociedade. Baudouin Jurdant, num artigo intitulado "A comunicação científica da ignorância" (2006) afirma que Destutt de Tracy,

> defende a legitimidade de seus estudos, demonstrando que a ideia possui uma existência objetiva, isto é, independente do status que ela possa ter na consciência subjetiva, individual. A ideia pode ser comunicada de uma consciência a outra, pode ser transmitida entre gerações, ou seja, mesmo imaterial, seu status é similar ao de um objeto real e concreto, o que a torna análoga aos objetos reais e concretos que nos circundam, portanto passível de ser submetida à pesquisa científica. (JURDANT, 2006, p.87)

De Tracy e os ideólogos buscaram elaborar um modo de analisar como as ideias aparecem na realidade enquanto tal, e como elas conduzem os homens em sociedade, delimitando uma "ciência do homem", isto é, uma "antropologia", como afirmado por Cabanis (CLAUZADE, 1998, p.28-29 apud PIMENTA, 2012, p.165). De acordo com Pedro Paulo Pimenta (2012, p.166), essa "antropologia" ou "ciência dos homens" nada tem a ver com o que anos antes Hume chamou de "ciência da natureza humana" ou com

o que Kant chamou de “antropologia”. Pimenta (2012, p.166.) ainda afirma que para De Tracy “o homem é, antes de tudo, um ser natural, que age por instinto antes de ter o conhecimento de regras”. Pimenta (2012, p.166) deixa claro que essa ideia dos sensualistas não é totalmente nova. Desde Condillac, Garat e Sicard já se pensava nessa questão natural das ações instintivas, mas, só com os Ideólogos esse assunto ganhou novo patamar, ou como ele afirma “deu o passo seguinte” (PIMENTA, 2012, p.166.), uma vez que Condillac teria se mantido “prudentemente nos limites mesmos da filosofia enquanto discurso que versa sobre a condição de possibilidade do conhecimento” (PIMENTA, 2012, p.166.), enquanto que a Ideologia, para De Tracy, seria “parte da zoologia e é sobretudo no homem que essa parte é importante e merece ser aprofundada” (DE TRACY, 1801)[1].

1.2– A subversão da *Ideologia* por Napoleão, da *tragédia à farsa*.

Desde o golpe de 18 de Brumário, quando então Napoleão toma o poder na França, instituindo o chamado *Consulado,* época final da Revolução Francesa, época de grande alvoroço político e científico, a Ideologia, termo dos Ideólogos, recebe nova conotação napoleônica, perdurando no tempo, sobretudo na fala do senso comum, como sendo um termo predominante de *falsa consciência* (mais tarde reforçado por Marx), uma “subversão da realidade”. Napoleão, vendo a insatisfação de De Tracy e sua turma com seu governo, rompe seu “laço de amizade” com os ideólogos, aqueles, aos quais, o próprio Bonaparte havia estabelecidos como seus senadores, pois viam em Napoleão um retorno ao *Antigo Regime,* a saber, a *Monarquia*. Com esse rompimento entre Bonaparte e os Ideólogos, através da força política do próprio Bonaparte, o termo ideologia ganha novo viés significativo aos olhos do senso comum, agora, portanto, como sendo aquilo que foge à realidade, àquelas ideias que não correspondem mais ao real, mas que se pretendem ditar a realidade através de uma suposta “essência” do mundo, e por isso mesmo “metafísicas”, pelo menos para Bonaparte.

De Tracy e *os Ideólogos*, como ironicamente, em certo momento, Napoleão os chamou *(Ideologues),* querendo-lhes subverter suas teorias sobre as ideias, lhes

[1] Retirado do prefácio da terceira edição “Primeira parte - Ideologia propriamente dita”, de 1817. Em livre tradução por Nuno Melim. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/%C3%89l%C3%A9ments_d%E2%80%99id%C3%A9ologie/Premi%C3%A8re_partie/Pr%C3%A9face

chamando, portanto, de metafísicos, dizendo que De Tracy e seus companheiros não consideravam a materialidade do mundo nem sua realidade objetiva, mas que eles viviam tal como no "mundo das ideias" de Platão, isto é, afirmando uma idealidade metafísica em detrimento do mundo físico, o que na verdade era exatamente o contrário dessa escola sensualista, como nos afirma a professora Marilena Chauí:

> O sentido pejorativo dos termos "ideologia" e "ideólogos" veio de uma declaração de Napoleão, que, num discurso ao Conselho de Estado de 1812, declarou: "Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história". Com isso, Bonaparte invertia a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos: eles, que se consideravam materialistas, realistas e antimetafísicos, foram perversamente chamados de "tenebrosos metafísicos", ignorantes do realismo político que adapta as leis ao coração humano e às lições da história. (CHAUI, 2008, p.27/28)

Assim, por causa da declaração de Napoleão, se tornou recorrente a interpretação significativa de que a ideologia seria uma metafísica das ideias, e não mais materialista e fisiológica, como propuseram Destutt de Tracy e seus colegas. Tal como Marx observou tempos depois, com Napoleão a Ideologia, cujo sentido inicial se aproximava ao de um ideário, um campo mnemônico de ideias recolhidas pelo corpo no trato social, no sentido mesmo de um aglomerado empírico das percepções historicamente pelo corpo ao recolher os dados da experiência, geraria as ideias através desses dados, isso, segundo Napoleão, isso foi transformado em um *anuviamento*, numa "ilusão" dos fatos transpostos em ideias falsas.

Aqui, tiramos uma citação de Terry Eagleton (1997) onde ele cita literalmente a fala de Bonaparte sobre essa questão:

> É à doutrina dos ideólogos – a essa metafísica difusa que artificialmente busca encontrar as causas primárias e sobre esse alicerce erigir a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e das lições da história – que se deve atribuir todos os infortúnios que se abateram sobre nossa amada França. (NAESS et al., 1956, p.151, apud EAGLETON, 1997)

Vale ressaltar aqui, portanto, que Napoleão não falseia, segundo Eagleton (1997, ibid.), de todo o pensamento de De Tracy e seus companheiros, isto é, ele apenas faz com

que as teorias dos *sensualistas*, aquilo que eles combatiam, a saber, a metafísica e o "misticismo" científico acerca de como surgem as ideias nos seres humanos, pareçam precisamente que os ideólogos se "aproximam", aos olhos do senso comum francês de então ao de um *idealismo transcendental,* ao estilo de Kant:

> De Tracy e seus colegas, fiéis a seu credo racionalista, atribuíram às ideias o papel de alicerce na vida social, e acreditavam que se podia deduzir uma política de princípios a priori. Se por um lado travavam guerra com o idealismo metafísico que via as ideias como entidades espirituais, por outro concordavam com sua crença de que as ideias eram a base sobre a qual assentava todo o resto. (...) (EAGLETON, 1997, p.69)

E Eagleton *ainda* acrescenta:

> (...)Se Napoleão denuncia os ideólogos, é porque eles são os adversários juramentados da ideologia, empenhados em desmistificar as ilusões sentimentais e a religiosidade divagante com a qual ele esperava legitimar seu governo ditatorial. (EAGLETON, 1997, p.69)

Assim, mediante, tais acusações de Napoleão, De Tracy e seus companheiros sensualistas até reviram suas teorias, como nos afirma Eagleton (1997), mas, não, é claro, para nega-las, ao contrário, De Tracy por exemplo lança mais dois volumes aos *Élements*, e seus companheiros também seguem firmes no encalço do melhoramento da "teoria da gênese natural das ideias", a saber, Ideologia. Mas nada disso seguia agradando Napoleão, que se tornava mais e mais hostil a essa corrente *sensualista*, que tanto lhes acusou de serem "sofismáticos e antinaturais". De Tracy, assim como Marx, acreditava que os interesses econômicos eram preponderantes aos ditames da vida social dos homens, no entanto, Marx se utilizou, criticando então os "idealistas" alemães, do significado pelo qual Napoleão, ao criticar os Ideólogos franceses, atribuiu ao termo Ideologia, ou seja, o de uma *"inversão"* das relações entre natureza das ideias e a realidade material mesma. E é exatamente é o que trataremos mais detalhadamente a seguir no próximo ponto da dissertação.

1.3 – A virada marxiana

Aqui, nesse ponto, adentramos ao olhar de Karl Marx para o termo ideologia. Marx retoma o termo ideologia de De Tracy, mas na verdade se utiliza, até certo ponto, também da crítica de Napoleão aos ideólogos. Para Marx, Ideologia agora não é nem mais uma mera teoria orgânica das ideias, nem uma epistemologia metafísica dos conceitos,

mas sim como uma espécie de "ontologia" social. O ser das ideias (ou a própria ideia) nasce não mais simplesmente como um fato biológico, mas também através da história desse corpo vivo que experimenta na cultura o nascimento dessas ideias. Como se sabe, De Tracy em seu "materialismo" pensava a ideologia como essa mistura entre biologia e *habitat,* tal como na tradição darwinista. De Tracy e seus companheiros ideólogos viam a ideologia sob esse aspecto, ainda que com influência do ambiente pelo qual a fisiologia era conduzida, o corpo é que manifesta essas ideias, e por isso haveria uma primazia biológica sobre a gênese dessas ideias, o que aliás foi daí a precisa crítica de Napoleão, onde viu nessa suposta gênese uma metafísica, um misticismo obscuro para a questão mesma da ideologia. Mesmo que Napoleão tenha apenas feito uma crítica por motivos políticos aos ideólogos, Marx absorveu um novo olhar para essa questão. Marx percebeu que realmente, ainda que houvesse um princípio material no primórdio da crítica à ideologia, havia também uma "mística", uma metafísica sobre essa crítica, pois, para Marx, as ideias surgem num movimento ulterior a experiência. Há para Marx um movimento contrário ao dos ideólogos. Marx pensa que a gênese das ideias se dá pela experiência do homem no mundo. Há na experiência histórica do homem todo um corolário de ideias que o constrói como tal, isto é, as ideias dos homens provêm única e exclusivamente, para Marx, das relações dos homens com o mundo material, com o mundo da produção humana. Não há para Marx nenhuma metafísica ao nascimento das ideias. Aliás, Marx é por excelência um antimetafísico.

Aliás também é sob esse aspecto antimetafísico que Marx vai criticar o movimento dialético de Hegel sobre o Espírito, e também a Feuerbach, que revisitou Hegel na sua lógica, subvertendo-a. Marx percebeu em Feuerbach um erro [*ideo*]lógico ao tentar refazer a filosofia de Hegel. Segundo Marx, Feuerbach mesmo fazendo o movimento contrário ao de Hegel, a saber, pensando não mais a ideia pura como autoformadora do homem, que o homem, através da ideia, se faz homem, e percebe ulteriormente o mundo, e depois volta-se para então perceber-se homem no mundo, mas sim, que o homem é natureza; e por ser parte essencial da natureza, o homem cria a ideia como sendo realizadora de uma perfeição mística advinda da noção do homem enquanto criador de tudo. No entanto, Marx, ainda por admirar a inversão de Feuerbach, ao criticar o idealismo de Hegel, percebe também em Feuerbach há uma lacuna no que tange a história desse homem criador da ideia. Para Marx, Feuerbach peca na percepção de que tudo é história, inclusive a natureza percebida. O homem que *cria* essa natureza, e aqui esse *cria,* esse verbo pode ter duplo sentido, no sentido mesmo de *criar* e de *crer;* quer se dizer com

isso, que o homem acredita ser o real criador da natureza, enquanto aquele que a percebe, e também aquele que crê ver nela a realidade pura, sem história, mística, fora de si. Há, portanto para Feuerbach, olhando criticamente para o idealismo místico de Hegel, uma *alienação*[2], isto é, que o homem aliena - na crença da ideia como primordial a própria existência - a vida natural a uma ideia divina, sendo que na verdade é o homem é quem cria a ideia, inclusive a ideia de deus, inclusive todas as ideias, ou seja, há para Feuerbach um problema mesmo de uma inversão da linguagem. Segundo Feuerbach, Hegel troca o sujeito pelo predicado, e se aliena no predicado. A natureza para Feuerbach é primordial, ela é tudo o quanto existe de real, e o homem, que é inseparável dessa natureza, vê nela sua justificação enquanto ser pensante. Mas não há, para Feuerbach, história em relevância a esse homem. A natureza, segundo ele, presume tudo o quanto é (existe).

Marx rompe com esse materialismo antropológico de Feuerbach, pois para Marx essa natureza só existe enquanto criada historicamente pelos homens. Aliás, esse mesmo homem, que também é parte da natureza, é também criado por si mesmo na história. E como? Através do trabalho, segundo Marx. O trabalho humano, a transformação da cultura pelo trabalho, seja ele teórico ou prático, é que torna o homem um ser histórico no mundo. Não há nada fora da história para Marx. E por esse pensamento que permeou todo o processo epistêmico de Marx, é que vai fazê-lo rever Hegel anos mais tarde n' O Capital. Claro, estamos falando aqui ainda do Marx de 1843, na "Crítica da filosofia do direito de Hegel. Marx ainda não tinha escrito a "Ideologia alemã" (1845/46), mas a gênese da crítica da ideologia já estava ali alicerçada na crítica a Hegel. Marx viu nessa leitura feuerbachiana uma luz para sua epistemologia materialista. Ele percebeu que em Hegel as ideias estavam misticamente confundindo o real. A realidade, para Marx, é que era construtor das ideias, só quando o homem, o ser pensante participa do mundo histórico através do trabalho é que suas ideias surgem, e não ao contrário. Aliás também, Feuerbach influenciou Marx na crítica da Ideologia. Feuerbach chamava de ideologia essa "falsa consciência" hegeliana da natureza. Hegel, segundo Feuerbach confundiu a natureza, que é o real, com a ideia, que é o fruto da natureza ao homem, daí, portanto a ideologia de Hegel para Feuerbach. Marx se utilizou dessa perspectiva feuerbachiana para trabalhar o conceito de ideologia, criticando Hegel, e criticando também o próprio Feuerbach, por ver nele ainda um idealismo, ainda que mais brando em relação a Hegel.

[2] Alienação não é entendida aqui em Feuerbach com o mesmo sentido que em Marx, a saber como *estranhamento*..

Michael Löwy nos fala dessa superação de Marx da filosofia hegeliana, dessa filosofia idealista ainda presente também em Feuerbach. Onde a realidade é conduzida pelas ideias, como se a realidade fosse alienada às ideias, e não a realidade mesma é que causassem essas ideias. Isto é, Marx percebeu que Hegel e os jovens hegelianos (ainda que tentando se afastar de Hegel) estavam, na verdade, invertendo os fatos, estavam era encobrindo a verdade com falsas ideias de uma racionalização das ideias sobre a vida. Para Marx as ideias não são anteriores aos homens, mas os homens na vida é quem desenvolvem essas ideias. E no caso da nossa história *"as ideias que prevaleceram foram sempre as ideias das classes dominantes"* (grifo nosso), e não ideias puras, sem qualquer contaminação da economia ou do ambiente histórico onde elas estão inseridas:

> A diferença entre Marx e Hegel tem que ser vista também em outro nível, não só o do materialismo: a dialética de Hegel é um método de reconciliação com a realidade. Para Hegel, o papel da filosofia dialética é o de explicar, descrever e legitimar a realidade existente como racional por isso tem aquela célebre fórmula: tudo que é real é racional, tudo que é racional é real. Em última análise, a filosofia de Hegel é, como ele mesmo diz, a coruja de Minerva, que vem depois que a realidade já terminou o seu trabalho levanta voo ao anoitecer-, vem descrever o que já está terminado, visa simplesmente legitimá-lo como racional. É por isso que a dialética de Hegel é uma tentativa de legitimação da realidade e de reconciliação com a mesma. (LÖWY, 1985, p.18)

E é a isso, exatamente, o que o filósofo comunista quer combater, isto é, essa legitimação da realidade através de uma suposta racionalização ideal, universal, pela qual Hegel e os jovens hegelianos se inclinaram. Marx quis mostrar que esse "real racional" na verdade era uma *ilusão,* ou se se preferir uma ideologia que mascara a realidade material efetiva. Löwy ainda nos fala o seguinte:

> É aí que se dá o divisor de águas fundamental entre a dialética de Marx e a de Hegel. É a dimensão revolucionária da dialética marxiana contra a posição de caráter conservador e legitimador do status quo da dialética hegeliana. A isto eu considero mais importante que à diferença entre o materialismo e o idealismo. (LÖWY, 1985, p.19)

É certo que Marx era um grande admirador da filosofia de Hegel. O filósofo comunista, ainda que criticando Hegel, na verdade se aproveitou de muitos de seus conceitos e formulações filosóficas. Sua crítica sobre a dialética hegeliana se afirma mais fortemente sobre os neo-hegelianos, os jovens hegelianos de esquerda, que tentaram superar Hegel com suas novas teses, mas que na verdade apenas subverteram Hegel no pior sentido, e somente iludiram-se, segundo Marx, sobre essa superação, pois não

perceberam que suas ideias não suplantaram a Ideologia, isto é, os jovens hegelianos ao tentarem mostrar um suposto equívoco de seu mestre Hegel, no que tange a dialética, eles apenas trouxeram um novo equívoco. Marx percebeu tal erro, e desenvolveu, portanto, sua teoria materialista dialética (pelo menos ali foi a gênese). Marx, num trabalho de 1845, intitulado *Teses sobre Feuerbach,* onde se dirige à crítica desse pensador hegeliano, descreve parte desses equívocos metafísicos pelo qual os neo-hegelianos propuseram, mas, é claro, que no caso, sobre as ideias de Feuerbach, que talvez seja o principal nome desses novos hegelianos de esquerda.

Marx nesse texto chama a atenção para como Feuerbach supervaloriza a teoria em detrimento da prática. Para Marx isso é uma influência ideológica, pois, segundo ele, toda ideia teórica qualquer vem por consequência de uma prática humana qualquer, e não o contrário, como pensava Feuerbach. Marx combateu esse idealismo, e chamou esse agir de *ideológico.* Como o próprio Marx disse na tese de número II: "A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática."[3] (MARX, 1982, p.69). Marx aqui, ao criticar Feuerbach, nos mostra também a questão primordial da ciência sociológica, que é a de pensar a práxis, isto é, pensar acerca de como certos hábitos, certos comportamentos, certos modos da ação humana se dão na realidade, e, como esses aspectos são de fato como tem de ser para o bem total da sociedade, ou se eles apenas servem a um interesse da classe dominante, mas que aparecem como naturais, universais, ou ainda como a única verdade da vida. É nesse sentido que Marx fala, portanto, da Ideologia, enquanto força que inverte a realidade, tal como a câmara escura de uma máquina fotográfica, a saber, como aquilo que inverte a imagem distorcida da realidade, transformando-a aos olhos incautos em imagem pura e bela do real.

1.3.1 – *A Ideologia Alemã*

Marx aponta, na sua crítica a *ideologia*, agora já então estabelecida propriamente na *"*Ideologia Alemã", que houve até então apenas místicas tentativas de se analisar as

[3] Publicado pela primeira vez por Engels, em 1888, como apêndice à edição em livro da sua obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*, Estugarda 1888, pp. 69-72. Publicado segundo a versão de Engels de 1888, em cotejo com a redação original de Marx.
Traduzido: do alemão por Álvaro Pina. Editorial "Avante!" - Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982.

ideias que conduzem os homens na vida em sociedade. Para Marx, todas as críticas da *ideologia* que lhe chegaram, seja pela filosofia ou pelas ciências da natureza, são apenas verborragia sem valor, ou seja, não trataram a questão, segundo ele, tal como se deveria tratar, a saber, pela história, pelo intermédio dos homens atuando no mundo pela cultura. Marx ao criticar Feuerbach, e todos os jovens hegelianos, que criam ter destruído o idealismo hegeliano, mas que na verdade, traziam obscurecido um idealismo também:

> Para os jovens hegelianos, as representações, ideias, conceitos, enfim, os produtos da consciência aos quais eles próprios deram autonomia, eram considerados como verdadeiros grilhões da humanidade, assim como os velhos hegelianos proclamavam ser eles os vínculos verdadeiros da sociedade humana. Torna-se assim evidente que os jovens hegelianos devem lutar unicamente contra essas ilusões da consciência. Como, em sua imaginação, as relações dos homens, todos os seus atos e gestos, suas cadeias e seus limites são produtos da sua consciência, coerentes consigo próprios, os jovens hegelianos nos propõem aos homens este postulado moral: trocar a sua consciência atual pela consciência humana, crítica ou egoísta e, assim fazendo, abolir seus limites. (MARX, e ENGELS, 2001, p. 9)

Marx vê nos jovens hegelianos mais ilusões ainda. Ele percebe que esses jovens pensadores na verdade estavam absortos em suas críticas e não perceberam que essa "nova consciência" proposta por eles era outra ilusão advinda da linguagem. Isto é, os jovens hegelianos, ainda que criticassem os velhos hegelianos, estavam sob a égide dos conceitos abstratos. O que é essa consciência afinal de contas? O que lhe caracteriza como tal? Marx percebeu que os jovens hegelianos apenas mudaram a fraseologia, mas não o conteúdo. A ilusão idealista ainda estava lá presente:

> Exigir assim a transformação da consciência equivale a interpretar de modo diferente o que existe, isto é, reconhecê-lo por meio de uma outra interpretação. Apesar de suas frases pomposas, que supostamente "revolucionam o mundo", os ideólogos da escola jovem-hegeliana são os maiores conservadores. Os mais jovens dentre eles acharam a expressão exata para qualificar sua atividade, ao afirmarem que lutam unicamente contra uma "fraseologia". Esqueceram no entanto que eles próprios opõem a essa fraseologia nada mais que outra fraseologia e que não lutam de maneira alguma contra o mundo que existe realmente ao combaterem unicamente a fraseologia desse mundo. [...] Nenhum desses filósofos teve a ideia de se perguntar qual era a ligação entre a filosofia alemã e a realidade alemã, a ligação entre a sua crítica e o próprio meio material.". (MARX, e ENGELS, 2001, p. 09 e 10)

Podemos perceber que Marx aqui nos fala de uma realidade invertida, analisada pelos ideólogos como sendo o real, mas que na verdade é o contrário. Marx critica essa análise dos jovens hegelianos, e por conseguinte ao próprio idealismo hegeliano, embora Marx ainda se utilize até certo ponto dessa perspectiva hegeliana da dialética ao analisar

a realidade. Para Marx não há realmente nada fora da história, e os homens se fazem como tal ao se lançarem no mundo lhe transformando. O real para Marx é a história, história essa que tem dois aspectos, a saber, história da natureza e história dos homens, que são, porém, indissociáveis. Entretanto, na crítica da ideologia, somente nos importa a história dos homens, enquanto seres ativos, que transformam o mundo através do trabalho, isto é, que fazem cultura.

Nem Hegel nem os jovens hegelianos, na sua *inversão* dialética, perceberam o quanto a história dos indivíduos concretos, de carne e osso, é fundamental à gênese das ideias, segundo Marx. Para o filósofo comunista, as ideias que os homens desenvolvem na vida vêm da história que esses homens atravessaram. Ou seja, todos os fatores sociais (até os fisiológicos, que foram incididos pela cultura) incidem no homem de forte avassaladora. A saber, que os homens desenvolvem suas ideias, segundo Marx, pelo processo histórico e cultural (que é também dialético) pelo qual os homens estão inseridos.

Marx nos fala que as ideias não são desassociadas da vida material; nem do copo biológico nem, consequentemente, do corpo social, e isso, segundo Marx, não foi percebido pelos idealistas alemães de sua época. Para ele, a ideologia é fruto dessa vida material. E essa ideologia aparece invertida, exatamente por apresentar-se como algo que foge a real materialidade histórica, e, portanto, os homens que se encontram em tal processo material invertido, assim também suas ideias serão alienadas, invertidas:

> São os homens que produzem suas representações, suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E, se, em toda a ideologia, os homens e suas relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmera escura, esse fenômeno decorre de seu processo de vida histórico, exatamente como a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico. (MARX; ENGELS, 2001, p.19)

Não é ideologia que forma essas ideias invertidas, mas sim a própria materialidade. A ideologia, segundo Marx, apenas ajuda a essas ideias invertidas a se manterem e se instaurarem na realidade como se fossem naturais. A materialidade sob a estrutura capitalista inverte o real, faz com que as ideias produzidas de maneira invertida se passem como naturais. Marx nos fala que os homens condicionados por um modo de produção desenvolvem suas ideias e elas se manifestam no mundo. As ideias, portanto,

aparecem invertidas na realidade tal como a “câmara escura”, isto é, elas se mostram como universais, naturais, mas na verdade são apenas fruto desse modo de produção.

A ideologia para Marx estava, portanto, vinculada à alienação (ou o estranhamento). E como? Os homens, não sendo atuantes na vida material, estando, portanto, alienados dos meios de produção, eles apenas reproduzem as ideias que lhes chegam prontas na história. A ideologia, portanto, para Marx (pelo menos em um primeiro momento de sua crítica) tem um caráter de uma falsa consciência. Ou seja, os homens acreditam conduzir suas ideias com autonomia, mas são na verdade conduzidos por conceitos, valores, etc, que lhes antecederam; preceitos que muitas vezes não condizem com seus reais interesses, e que podem inclusive os levar à destruição de suas potências vitais. Os homens são conduzidos por ideias alienantes advindas de uma classe que os domina e os subjuga. Esses homens mal percebem que suas ideias são captadas historicamente no meio econômico em que estão inseridos. Cada conceito que esses homens creem seguir não são analisados com total frieza e autonomia, mas antes reproduzidos pelo ambiente social pelo qual eles se encontram. Assim, cada trabalhador tende a uma ideologia alienante. Mas é preciso um cuidado aqui com a palavra. Ideologia não denota necessariamente alienação em si mesma. Marx parece dizer que essa alienação que a ideologia conduz seja apenas histórica. Isto é, toda ideologia até então analisada por Marx parece estar sob a égide do capital, sob o controle das classes dominantes. E, por isso, a ideologia ganha esse caráter negativo, pelo menos numa primeira análise. Mais tarde, Marx, em seus escritos mais maduros, retoma o conceito com uma perspectiva não tão negativa como nos primeiros escritos.

É de Engels a ideia de que a Ideologia é uma falsa consciência. Embora Marx associe a Ideologia a uma “inversão”, isto é, pois ela apresenta a realidade de forma invertida, como se tudo o que se apresenta fosse de fato como a Ideologia mostra que é, obscurecendo os reais motivos que estão por trás dessa Ideologia. Embora o autor do Capital fale sobre essa inversão, o que acaba por dar um breve sentido negativo ao termo, essa ideia de “falsa consciência” que seu amigo Engels precipitadamente dá à Ideologia tem de ser analisada com bastante cuidado. Engels ao escrever uma carta a Franz Mehring, tentando então ajudar o amigo e crítico alemão no que tange a militância socialista, disse a ele o seguinte:

> "A ideologia é um processo que o chamado pensador executa certamente com consciência, mas com uma falsa consciência. As verdadeiras forças motrizes

> que o motivam permanecem ignoradas; de outra forma, não se trataria de um processo ideológico" (ENGELS, apud, KONDER, 2002, p.49)

É preciso notar aqui um problema. Engels quis simplificar o problema nessa sua ajuda a Mehring, mas o processo ideológico não pode ser simplesmente reduzido à falsa consciência. Pois a Ideologia abarca muito mais carga semântica do que a apenas uma falsa consciência. E mais, o próprio sentido de falsa consciência já parece contraditório em si mesmo.

Leandro Konder nos fala o seguinte sobre essa ideia de Engels:

> Se nos detemos no exame da frase, observamos que a ideologia é um processo e reconhecemos que quem o executa é um sujeito movido por uma falsa consciência, Porém não Podemos deixar de levar em conta, também, que o processo da ideologia é maior do que a falsa consciência, que ele não se reduz à falsa consciência, já que incorpora necessariamente em seu movimento conhecimentos verdadeiros. (KONDER, 2002. p.49)

A ideologia é maior do que a falsa consciência, exatamente porque ela se transforma, ainda que invertidamente, segundo Marx, em uma realidade. Assim, ela conduz os comportamentos, a economia, a moral, etc, de tal maneira que o subjetivo pareça objetivo, que o particular pareça universal, que o cultural pareça natural. Marx, brilhantemente nos alerta que a Ideologia é algo muito importante e que os trabalhadores precisam se ater para não serem levados à alienação. A ideologia, segundo Marx é de tal sorte o maior problema do âmbito capitalista, pois é através dela que todo o processo capitalista se funda. E como? Pela ideologia o capitalismo estabelece todas as suas formas de alienação. Na questão mesma do chamado "fetichismo da mercadoria", a ideologia é o principal modo como esse "feitiço" acontece. Os produtos do trabalho humano são ideologicamente tratados como que tendo vida própria. As mercadorias tornam-se quase que humanizadas, ganham "alma", e assim, são capazes de seduzir os trabalhadores a seu consumo desenfreado. E, muitas vezes, sem a menor necessidade efetiva desses produtos. Há, de fato, um fetiche pelos trabalhadores sobre as mercadorias, uma vez que a ideologia dominante apresenta tais produtos como se tivessem vida própria, como se tivessem uma importância tão fundamental na realidade dos trabalhadores, que eles precisassem inevitavelmente dessas mercadorias. Tudo no capitalismo se torna uma mercadoria, até o próprio trabalho, até o próprio trabalhador, até o próprio dinheiro. O dinheiro, que é uma unidade meramente intermediária entre as mercadorias, isto é, serviria unicamente em função da mediação do comércio dos produtos, esse mesmo dinheiro se torna agora no capitalismo uma mercadoria, que também é fetichizada pelos trabalhadores. Não se

trabalha mais para sobreviver de forma digna; trabalha-se por uma cifra. Vive-se buscando uma quantia de dinheiro tal que faça a vida digna, pois tudo é movido pelo dinheiro. A Ideologia está por trás de toda essa inversão de valores, segundo Marx. Os valores, as ideias de uns se tornam as ideias de todos. E esses "uns" aí são exatamente os burgueses, os que estão no domínio dos meios de produção. Os trabalhadores, como estão alienados a essa produção, apenas inserindo sua força de trabalho, que é assalariada, paga pelos que tem o capital, eles se veem alienados também a essas ideias dominantes, ainda sem se dar conta de que essas ideias não são universais, mas contingentes, históricas, culturais e até advindas de um âmbito econômico específico.

1.4 – As contribuições pós-marxianas

Muitos pensadores, influenciados pelo materialismo histórico de Marx, pensaram a questão da ideologia de modo bem particular, contribuindo para que o termo se tornasse muito mais denso, porém não menos importante à filosofia e à sociologia. No entanto, também, com essas novas perspectivas, o conceito de Ideologia se mostra agora muito mais pertinente do que nunca. Embora a "Ideologia Alemã" tenha sido lançada oficialmente apenas em 1936, tendo permanecido desconhecida por muitos pensadores posteriores a Marx, a ideia que circunda o conceito de Ideologia estava já introduzida no pensamento marxista desde quando Marx e Engels discutiram a questão do materialismo dialético e toda crítica a metafísica hegeliana.

Pairava desde sempre na teoria marxiana um espectro da crítica da Ideologia, mesmo quando Marx falava do *fetiche da mercadoria*, da *luta de classes* ou mesmo da *mais-valia.* A Ideologia parece ser o fundo central de todos os temas marxianos, isto é, tudo que engloba a crítica do capital perpassa a Ideologia. Mesmo no "Capital", quando Marx focou na mercadoria como problema principal dessa obra, a Ideologia, enquanto superestrutura que conduz o valor de uso e de troca dessa mercadoria, ela quem estava lá, subentendida como a forma mor da condução desse objeto analisado por Marx. A Ideologia para Marx, ainda que implicitamente, ainda que nas entrelinhas da análise, sempre esteve presente em seus trabalhos, direta ou indiretamente, mesmo no Marx jovem ao Marx mais maduro, ela sempre esteve ali, sendo analisada e criticada. E isso foi, portanto, trabalhado por vários autores marxistas depois de Marx, tais como Lênin, Lukács, Gramsci, Adorno, Althusser, Mannheim, e os contemporâneos Zizek e Eagleton. Esse último é exatamente o que mais essa pesquisa se inclina a trabalhar, onde em sua

"Ideologia – uma introdução" (1997) o autor nos fala de modo sintético vários aspectos da ideologia que hoje nos deparamos e precisamos pensar acerca do nosso tempo. Aspectos esses que perpassam basicamente a conceituação do termo, coisa que aliás será base ao trabalho didático proposto no material anexo à pesquisa. Tendo em vista a conceituação, o produto didático proposto incitará a discussão do termo e sua aplicabilidade na vida dos estudantes.

1.4.1 – As análises da ideologia no início do século XX

Após a morte de Marx, em 1883, e a de Engels, em 1895, muitos de seus pensamentos ainda ficaram incompreendidos ou mesmo inacessíveis por vários de seus seguidores. Um deles foi Lênin. O líder soviético não teve acesso a obras de extrema importância de Marx, como por exemplo os "Manuscritos econômico-filosóficos" de 1844 e o texto completo da "ideologia alemã", que só foram de fato publicados no início dos anos 30 do século XX, ou seja, anos que precederam a morte do líder soviético. Ainda assim, com toda essa limitação de conteúdo marxiano, Lênin desenvolveu críticas sobre a ideologia, embora seu foco não fosse uma distinção conceitual do termo, mas sim sua aplicabilidade prática na vida dos trabalhadores. E é exatamente por isso que Lênin fala de "Ideologia proletária" e "Ideologia burguesa", isto é, querendo, portanto, mostrar o confronto das ideologias existentes na época. A saber, para Lênin, ao que parece, Ideologia era entendida como um conjunto de ideias que movem uma condução comportamental qualquer. Assim, o líder soviético se inclinou na crítica desse modo de condução dado pela Ideologia, acerca dessa dialética das ideologias do proletariado e a da burguesia, uma vez que a ideologia do proletariado aqui surge como uma resposta a ideologia que lhe oprime e lhe reduz. Assim, Lênin agora dá ao conceito de ideologia uma carga não mais negativa como em Marx / Engels. Pois a ideologia agora pode ser ativa, ou seja, a ideologia é compreendida também como aquilo que move um certo grupo de indivíduos a um horizonte desejado, como por exemplo a *ideologia socialista:*

> Mas as ideologias também podem ser vistas sob uma luz mais positiva, como quando marxistas como Lenin falam aprobativamente em "ideologia socialista". Ideologia significa aqui um conjunto de crenças que reúne e inspira um grupo ou classe específico a perseguir interesses políticos considerados desejáveis. E então, com frequência, sinônimo da acepção positiva de "consciência de classe" - uma equação dúbia, com efeito, já que se poderia falar dos aspectos de uma consciência de classe que são ideológicos, nesse sentido, e daqueles que não o são. A ideologia poderia ainda ser vista aqui como ideias concebidas principalmente por uma motivação subjacente e que

> são funcionais na consecução de certos objetivos; só que esses objetivos e motivações são agora sancionados, ao passo que eram condenados quando a serviço de uma classe tida como injustamente opressiva. Pode-se utilizar o termo ideologia para significar uma certa elevação do interesse pragmático ou instrumental sobre o interesse teórico pela veracidade das ideias "em si", sem necessariamente sustentar que isso seja um juízo negativo. (EAGLETON, 1997, p.50)

Ou seja, Lênin vê a Ideologia como algo que pode ser positivo aos trabalhadores, bem diferente de como Marx via a Ideologia. A Ideologia pode subverter o quadro negativo da falsa consciência, e conduzir os homens a um novo horizonte. Isto é, para Lênin, ao se compreender o âmbito negativo da Ideologia, tal como Marx apresentou, ao se esclarecer na mente o quanto certas ideias podem ser escravizantes, os trabalhadores desenvolvem então suas próprias ideias, aquelas que conduzem a um novo patamar revolucionário. Seria essa, portanto, a chamada "Ideologia socialista", a saber, aquela em que os trabalhadores não mais são conduzidos inconscientemente por ideias que estão fora da sua realidade, mas sim determinando o mundo conforme seus próprios desejos e fins. A ideologia, a partir de Lênin toma um caráter bem diferente do de Marx. Lênin parte da ideia marxiana, mas o expande a um patamar revolucionário, isto é, pela perspectiva negativa do conceito de ideologia em Marx, Lênin propõe uma ação revolucionária nessa ideologia, que antes dominava os trabalhadores. Se há uma ideologia que escraviza, que se crie então uma nova ideologia que liberte e transforme o mundo. O líder soviético propôs um caminho alternativo onde a ideologia não mais fosse alienante, mas antes libertadora aos trabalhadores. Já que as ideias que sempre reinavam no mundo fossem as ideias da classe dominante, como disse Marx no início de A ideologia alemã (ainda que Lênin não tivesse conhecimento desse texto), Lênin apresentou um caminho que destituiria essa alienação advinda da ideologia burguesa, que seria, portanto, a "Ideologia socialista", ou seja, a Ideologia agora, com Lênin é entendida com um viés positivo, libertador, revolucionário. A inversão dada pela ideologia, tal como Marx / Engels analisaram, agora, na consciência de classe dos trabalhadores, é revertida por uma nova ideologia; mas agora numa ideologia que se pretende substituidora do *status quo:*

> No que concerne à sua concepção de ideologia, entretanto, Lenin não divergiu significativamente de Kautsky e dos teóricos mais influentes da Segunda Internacional. Para o autor do 'Que fazer?' havia ideologias reacionárias e ideologias progressistas. No capitalismo, contrapunham se, fundamentalmente, a ideologia proletária e a ideologia burguesa. A grande divergência de Lenin com a posição teórico-política hegemônica na Segunda Internacional não era relativa ao conceito de ideologia, mas à análise que fazia-se do confronto das ideologias existentes. (KONDER, 2002, p.52)

Kautsky, líder do Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores Alemães, sucessor de Engels, que embora fosse marxista, antes teve forte uma influência darwinista, e por isso, ao sistematizar o pensamento de Marx, desenvolvendo o que hoje chamamos de marxismo, Kautsky uniu sua influência darwinista ao conceito de marxismo. O marxismo portanto é uma teoria onde a história humana tem sua base, isto é, quando falamos de ideologia, temos que pensar na "evolução" histórica desse termo, e do quanto houve a afetação nas pessoas dessa ideologia vigente. Por isso, tanto para Kautsky como para Lênin, a Ideologia pode ser encarada como algo que tem um caráter de condução das ideias, e, assim, Lênin acaba por apresentar uma perspectiva à ideologia mais "branda". A carga negativa dada por Marx agora é vista como passível de uma transformação. O termo pode ser subvertido pelos trabalhadores quando entendido como objeto de sua causa, ou seja, a Ideologia pode ser motor da causa proletária. Basta uma compreensão dos seus âmbitos negativos antes usados pela burguesia para opressão dos trabalhadores, e então, com essa compreensão, os trabalhadores desenvolvem sua própria ideologia, em prol de seus desejos comuns. Cabe uma 'evolução' nos âmbitos ideológicos dado agora pelos próprios trabalhadores, e não mais pela classe dominante.

Não vamos aqui no estender na explanação de nomes e visões da ideologia desse período da história no início do século XX. Ficaremos apenas com Lênin, que nos parece o nome de maior força acerca da crítica da Ideologia, pois será exatamente dele que nos serviremos (dentre outros nomes que citaremos adiante) para trabalhar o tema no produto didático.

1.4.2 - Novas concepções da Ideologia

Um dos pensadores que reiteraram a concepção dos marxistas do início do século XX foi Georg Lukács. Lukács corroborou com Lênin e Kautsky a concepção positiva de Ideologia. Isto é, ideologia não pensada mais como falsa consciência, mas sim aquilo que pode mover a classe trabalhadora no seu horizonte determinado. Ele acreditava ser um grande equívoco pensar a Ideologia como "falsa consciência". Para Lukács, todos as formas de consciência de classe são ideológicas. Por isso a classe trabalhadora pode sim ter uma ideologia, diferente da classe burguesa, que tem uma ideologia que é incapaz de compreender a estrutura da formação social em sua totalidade, de acordo com os efeitos nocivos dados pela reificação. Essa coisificação inverte a real experiência humana que é coletiva e histórica. Assim, Lukács nos mostra que há Ideologias que falsificam o real,

apresentando de modo fragmentado o processo da vida prática como totalizantes, e, desse modo, podem haver Ideologias que apresentam a realidade como ela deve ser, e essa seria, portanto, a Ideologia socialista, que vai no caminho contrário da Ideologia burguesa. O autor de *História e consciência de classe* afirma que é através do pensamento dialético, tal como pensou Marx, que os trabalhadores podem desenvolver uma Ideologia que supera a "falsa consciência" totalizante da Ideologia burguesa.

Lukács diz que, os trabalhadores, por serem explorados pela burguesia, têm, ante a consciência de sua posição, capacidade "natural" de se colocar numa Ideologia revolucionária, que destituiria a opressão ideológica antes incidida sobre eles. A reação do proletariado partiria de sua condição analisada de oprimido diante do processo capitalista, uma vez que os trabalhadores, diante de suas limitações da realidade pela reificação de seu modo de ser, se dessem conta dessa condição e pensassem agora numa nova perspectiva de condução de sua realidade mesma. A percepção que os trabalhadores absorvem da sociedade burguesa em que estão inseridos está sob uma névoa ideológica de opressão, e, através de uma "consciência acrescentada" os trabalhadores desenvolvem agora uma *"*contra-ideologia*",* que é exatamente uma nova forma de condução consciente dos trabalhadores para enfrentar a Ideologia dominante, isto é, as ideias vigentes portanto seriam aquelas que os trabalhadores mesmos desenvolveriam na sociedade, tendo em vista seus próprios horizontes e não mais o mundo *invertido* da burguesia capitalista.[4]

Terry Eagleton nos fala como Lukács pensa a Ideologia num aspecto positivo, mas ainda assim vê com mais cuidado a teoria marxista da Segunda Internacional, que não avaliava os pormenores históricos de mudança da sociedade:

> Ao escrever História e consciência de classe, Lukács viu-se diante de uma espécie de escolha de Hobson ou oposição impossível. Por um lado, havia a fantasia positivista (herdada da Segunda Internacional) de uma ciência marxista que parecia reprimir suas próprias raízes históricas; por outro lado, havia o espectro do relativismo histórico. Ou o conhecimento era sublimemente exterior à história que procurava conhecer, ou era simplesmente uma questão desta ou daquela marca de consciência histórica, sem nenhum fundamento mais firme que esse. A maneira de Lukács contornar esse dilema é introduzir a categoria da autorreflexão. Existem certas formas de conhecimento — notavelmente o autoconhecimento de uma classe explorada

[4] Nesse capítulo está-se apenas fazendo um resumo bem geral do pensamento de Lukács (e de todos os outros pensadores citados). O que importa nesse trabalho é apresentar os principais problemas de significação do termo Ideologia. Portanto, não iremos adentrar a fundo na teoria nem de Lukács nem de nenhum outro filósofo, pois no que tange a confecção do produto didático proposto serão as questões levantadas por cada pensador selecionado, bem como os problemas que disso decorreram, que o professor se utilizará para provocar em seus alunos a reflexão sobre o conceito de Ideologia.

> — que, embora inteiramente históricas, são, não obstante, capazes de revelar os limites de outras ideologias e, portanto, de figurar como uma força emancipatória. (EAGLETON, 1997, p.91)

Para Lukács, a autorreflexão da classe trabalhadora é o modo pelo qual a Ideologia dominante pode ser suprimida. Através dessa reflexão, os trabalhadores conhecendo sua condição, conhecendo aquilo que os oprime pode então desenvolver uma nova forma de condução, agora autônoma de sua vida social. Mas para isso não pode se desvincular da história, tal como Marx já havia alertado anos antes. Coisa que Lukács criticou no marxismo da sua época:

> A verdade, na perspectiva "historicista" de Lukács, é sempre relativa a uma situação histórica particular, nunca uma questão metafísica inteiramente além da história; mas o proletariado, de forma única, está posicionado historicamente de tal forma que é capaz, em princípio, de revelar o segredo do capitalismo como um todo. Assim, não há mais necessidade de permanecer preso à antítese estéril da ideologia como consciência falsa ou parcial, por um lado, e da ciência como modo de saber absoluto, a-histórico, por outro. Pois nem toda consciência de classe é falsa consciência e a ciência é simplesmente uma expressão ou codificação da "verdadeira" consciência de classe. (EAGLETON, 1997, p.91)

Aqui podemos perceber a crítica a noção de falsa consciência em Lukács. Para ele o proletariado tem total capacidade de consciência. Ainda que sobre a influência da Ideologia dominante, tem os aspectos necessários para a "contra-ideologia", pois no âmbito do trabalho há todas as características da consciência, e com a ajuda da ciência social, que é o que traz à consciência de classe, segundo o filósofo húngaro, os trabalhadores podem tomar para si a ideologia, porém agora como aquilo que move à revolução. Claro é que só a ciência ou só o trabalho não dá condições totais a essa transformação, segundo Lukács. É preciso a união da consciência operária com a ciência social, assim, os trabalhadores podem desenvolver sua *ideologia orgânica* (grifo nosso), ou seja, aquelas ideias advindas naturalmente do âmbito do trabalho e das necessidades humanas mais puras, não contaminadas pelo capital. Eagleton (1997, p.91) afirma ainda que "a ideologia é para Lukács não exatamente um discurso infiel à maneira como as coisas são, mas fiel apenas de uma maneira limitada, superficial, ignorando suas tendências e ligações mais profundas.", isso significa que, para o autor de "História e consciência de classe", a Ideologia não é mera *falsa consciência,* mas algo que vai além; algo que pode fomentar diante da consciência da práxis a revolução do proletariado.

Outro grande pensador marxista que trabalhou o tema da Ideologia foi Antonio Gramsci. Gramsci normalmente não usa a palavra "Ideologia" em suas análises, mas sim a palavra "Hegemonia". No entanto, Gramsci diz que hegemonia, tal como nos afirma Eagleton (1997, p.105), é "a maneira como um poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio", e isso pode ser tanto pelo consentimento como pela coerção. O termo Hegemonia é mais abrangente do que a Ideologia para Gramsci, pois a ultrapassa. A Hegemonia pode se impor pela força coercitiva da economia, determinando por exemplo os preços altos de certos produtos ou talvez o valor irrisório do salário mínimo, ou a hegemonia ainda pode se lançar por um modo mais brando, como por exemplo, por uma política, que falsamente pode dar aos trabalhadores uma ideia de liberdade, através da ideia de que se é possível enriquecer, bastando o esforça e o mérito, coisa que dissimula a realidade efetiva, ou ainda pela tradição e pela cultura:

> A hegemonia, então, não é apenas um tipo bem-sucedido de ideologia, mas pode ser decomposta em seus vários aspectos ideológicos, culturais, políticos e econômicos. A ideologia refere-se especificamente à maneira como as lutas de poder são levadas a cabo no nível da significação, e, embora tal significação esteja envolvida em todos os processos hegemônicos, ela não é em todos os casos o nível *dominante* pelo qual a regra é sustentada. Cantar o Hino Nacional aproxima-se tanto quanto se pode imaginar de uma atividade puramente ideológica; certamente não parece cumprir nenhum outro propósito além de, talvez, irritar os vizinhos. A religião, de modo similar, é provavelmente a mais puramente ideológica de todas as várias instituições da sociedade civil. Mas a hegemonia também é mantida em formas culturais, políticas e econômicas – em práticas não-discursivas, assim como em todas as elocuções retóricas. (EAGLETON, 1997, p.106)

Gramsci vê na cultura o solo fértil onde a hegemonia lança suas raízes. É na cultura que o poder hegemônico sutilmente se expande nas massas de trabalhadores. Há todo um processo velado, onde certos valores dominantes são inseridos nos homens e mulheres da sociedade proletária. Esse processo, segundo Gramsci, além da coerção explícita do Estado, com seus códigos e leis, se dá também de modo latente pela cultura. Não seria possível a crença nas instituições burguesas, se os trabalhadores não houvessem já inoculada a ideia de que as leis são boas em si mesmo, se o Estado não fosse a síntese do *absoluto* (tal como em Hegel). Isto é, para Gramsci, o poder dominante, antes de tudo, incide no imaginário, no inconsciente das massas. Assim, é pela cultura que esse poder se propaga. Daí a grande dificuldade de se combater essa hegemonia. Um dos aspectos

da hegemonia é a Ideologia, que se materializa na mente dos trabalhadores como reprodutora do *status quo.*

Há que se ressaltar também que Gramsci não vê a Ideologia como algo negativo. Para o pensador italiano, a Ideologia não se resume a essa perspectiva de falsa consciência apenas. Em sua obra "Cadernos do cárcere", Gramsci distingue a Ideologia a dois modos de aplicação. Um deles é a Ideologia enquanto "historicamente orgânica", isto é, aquelas ideias que são fundamentais a uma dada estrutura social, ou ainda a Ideologia enquanto "especulação arbitrária dos indivíduos". Gramsci ressalta que a Ideologia tem uma força psicológica tal que vai além de uma mera imposição economicista. A Ideologia, para o filósofo italiano, funda-se numa base psicologicamente cultural que os conceitos se apresentam e se sintetizam para as massas. Em outras palavras, para Gramsci, a Ideologia se apresenta como aquilo que valida os conceitos, a ponto de serem naturalizados, ainda que nunca antes avaliados com cuidado, e, por isso mesmo, a Ideologia é, muitas vezes, uma força que dissimula a realidade, acobertando o que está no fundo da estrutura pelas quais as ideias se formaram e foram naturalizadas. Mas, ao mesmo tempo, diante das forças materiais, a Ideologia pode então se lançar de modo "orgânico", a saber, que a materialidade é o "conteúdo" e a Ideologia a "forma", segundo Gramsci. Isso significa que, a Ideologia, encarada por Marx / Engels como "ilusão" na "Ideologia Alemã", na verdade teve uma função material histórica para tal conceituação, mas que essa mesma Ideologia pode ser encarada como outra, diante, talvez, de outra materialidade histórica possível. Assim, Ideologia, para Gramsci, é aquilo que, diante da materialidade, se verte tal como essa materialidade específica lhe molda. E é, exatamente, essa a força da cultura. É através da cultura vigente que as ideias, os conceitos, as ações, os comportamentos, as crenças, enfim, todos os *modus operandi* dos homens se lançam na existência. E é, também, pela transformação dessa cultura que a Ideologia pode ser, então, transfigurada de algo negativo aos trabalhadores a algo válido, positivo.

Gramsci afirma que o proletariado tem uma forma "orgânica" de absorver as ideias vigentes. E dessa consciência orgânica, diante da materialidade, os trabalhadores, segundo Gramsci, podem agir de modo a revolucionar o status quo, uma vez que se dão conta da realidade corrente sob a sombra da hegemonia dominante, e disso vir a transformá-la numa nova realidade possível, e disso decorre uma nova Ideologia, que claro depende da união da própria vivência dos trabalhadores e da análise científica dessa vivência, através do estudo sistemático desse processo.

Agora falemos de Karl Mannheim. Esse pensador, seguindo o escopo de Lukács e Gramsci, de que há na Ideologia um princípio mantenedor do *status quo,* e advindo disso, podendo haver também uma possível perspectiva otimista de transformação, pelo qual Mannheim a chamou de "Utopia". Ideologia, portanto, para Mannheim é aquilo que se pretende manter a tradição das ideias vigentes, enquanto a Utopia seria o contrário, é a consciência diante da Ideologia vigente, e disso pensando num novo estágio da sociedade, em novas ideias pelas quais se moveria a sociedade a partir da reflexão e da transformação do real num novo estado das coisas no futuro. Ele escreveu:

> somente nos tornamos senhores de nós mesmos quando as motivações inconscientes, de que anteriormente não nos dávamos conta, adentram repentinamente nosso campo de visão, tornando-se assim acessíveis ao controle consciente (MANNHEIM, 1972, p.33).

Agora é preciso falar de dois grandes pensadores da chamada Escola de Frankfurt, que discutiram bastante o tema da Ideologia. E são eles Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Ainda sob um escopo marxista, fazendo críticas a como Marx pensava a chamada consciência da classe trabalhadora, ambos escreveram juntos uma obra intitulada "Dialética do esclarecimento" (2006), onde apresentam a noção já lançada por Kant do *Aufklärung* (esclarecimento), isto é, a "clarificação" de como o ser humano compreende, de como o sujeito do conhecimento pode então, de fato, ter entendimento sobre a realidade. No caso de Adorno e Horkheimer, esse conceito de *Aufklärung* (esclarecimento) recebe junto com a noção dialética influenciada por Hegel, e depois Marx, no sentido mesmo de dizer que para o esclarecimento era preciso uma noção dialética da realidade. A contradição para os pensadores da Escola de Frankfurt ganha força. Eles acreditavam que o esclarecimento precisa levar em conta todas as contradições existentes na sociedade regidas pelo capital, pois senão, poderiam, portanto, não se livrar de fato dos preconceitos e de todos males que o capital pode incidir nos seres humanos. Adorno e Horkheimer acreditavam que o pensamento iluminista de Kant, na verdade, não era "libertador" como se pretendia, pois ainda estava sob a luz da burguesia, e por isso eles se interessavam mais por pensadores mais sombrios, como Sade e Nietzsche por exemplo, que mostravam com dureza a realidade da sociedade burguesa de então, e ainda revelavam também a cruel relação entre a ciência e a perversidade. Para eles ocultar a contradição é sucumbir a ideologia", isto é, é por causa desse encobrimento (consciente

ou não) da contradição que a ideologia surge como tal. Leandro Konder (2002) nos fala que:

> A ideia de maior impacto veiculada pela *Dialética do esclarecimento* é a de que na nossa época, no século XX, a ideologia dominante e a sua capacidade de impingir às pessoas uma ilusão de harmonia" adquiriram um poder muito superior àquele que Marx poderia ter imaginado no século XX, graças à criação da *indústria cultural.* (KONDER, 2002, p.82)

Aliás, esse termo *indústria cultural*, inventado por Adorno e Horkheimer é fundamental para a compreensão de como eles pensaram a inserção da ideologia na sociedade contemporânea. Para eles a indústria cultural é a principal fonte de adição da ideologia dominante do capital nos trabalhadores, pois com a comunicação de massa, o cinema, o rádio, os jornais, etc., as ideias dominantes da burguesia adentravam diretamente a classe trabalhadora. É através dessa indústria que os conceitos subvertidos do capital penetram a mente não "esclarecida" dos trabalhadores mais incautos. O fetiche da mercadoria, já tanto falado por Marx no "Capital", com a "indústria cultural" agora ganha muito mais força. Aquele que está diante da comunicação de massa não precisa pensar, basta *assistir*, e disso é bombardeado pelas ideias que lhe são impostas, e disso ele internaliza, sem qualquer crítica:

> A indústria cultural conferiu poderes avassaladores à capacidade que a ideologia dominante possui de induzir o pensamento, a atenção e mesmo o olhar, a percepção, para os pontos por ela iluminados. A indústria cultural possibilitou, no século XX, a criação e o funcionamento de sociedades totalmente administradas, que já não precisam se empenhar em justificar suas prescrições e imposições: a massa dos consumidores tende a aceitá-las passivamente, considerando-as normas legitimadas pelo simples fato de existirem. (KONDER, 2002, p.84)

E é por isso mesmo que Adorno e Horkheimer sugerem que somente através de um pensamento dialético diante do *esclarecimento*, é que os trabalhadores podem superar a Ideologia. Pois essa mesma Ideologia está sutilmente encoberta na cultura, nos meios de comunicação de massa, enfim, na "indústria cultural", como eles o chamavam essa "máquina" de inserção da Ideologia.

Mas, Adorno vai mais além de Horkheimer no que tange a noção de Ideologia. Em sua obra *Dialética negativa*, onde, segundo Eagleton (1997), Adorno não quer opor Ideologia a verdade, ou a teoria, mas sim opor Ideologia a identidade, ou a heterogeneidade. Isto quer dizer que para Adorno nenhum conceito esgota o objeto, pois

o conceito homogeneíza todo e qualquer objeto, e é assim mesmo que funciona a Ideologia, a saber, homogeneizando o mundo, ou seja, "igualando fenômenos distintos", como diz Eagleton. E é exatamente por isso que Adorno propõe uma "dialética negativa", que se pretende incluir no pensamento aquilo que é heterogêneo nos conceitos do mundo. Para Adorno, portanto, como nos fala Eagleton, "a identidade é a 'forma primal' de toda ideologia", ou seja, a Ideologia se pretende unificadora das ideias, aquilo que quer ocultar a diferença, apresentando apenas "uma" ideia como verdadeira, isto é, uma moral, uma estética, uma economia, uma forma política, etc. Para Adorno a forma mais alta de *razão negativa* de não-identidade, de não-idêntica, e por isso mesma não-ideológica, é a arte, pois a arte trabalha com o diferencial. Embora temos que destacar aqui que Adorno, como bem nos fala Eagleton, não fica criticamente cego diante da diferença nem imparcialmente diante da identidade, muito pelo contrário:

> Apesar de toda a sua angústia paranoica, o princípio de identidade carrega consigo uma tênue esperança de que um dia a reconciliação acontecerá e de que um mundo de puras diferenças seria indistinguível de um mundo de puras identidades. A ideia de utopia viaja entre os dois conceitos: seria, ao invés, uma "conjunção na diversidade".' O objetivo do socialismo é libertar a rica diversidade do valor de uso sensual da prisão metafísica do valor de troca — emancipar a história das equivalências especiosas a ela impostas pela ideologia e pela produção de mercadoria. "A reconciliação", escreve Adorno, "liberaria o não-idêntico, livrá-lo-ia da coerção, inclusive da coerção espiritualizada; abriria o caminho para a multiplicidade de coisas diferentes e despiria a dialética de seu poder sobre elas". (EAGLETON, 1997, p.116).

Adorno propõe um meio termo entre a pura razão, que segundo ele não dá conta de resolver o problema, pois os conceitos por ela usados estão viciados pelo capital, bem como um uso puramente empírico sem uso da mente como guia. O esclarecimento, portanto, é dialético exatamente por procurar um caminho do meio entre essas duas instâncias, e só assim poderia se achar fora da Ideologia dominante. Adorno, diferente de Lukács, não dá tanta importância a noção de consciência reificada. Para Adorno, assim como para o velho Marx, a Ideologia não é uma questão de mera consciência, mas sim das relações materiais que os indivíduos têm nas trocas das mercadorias. Esse esclarecimento proposto por Adorno e Horkheimer é muito mais do que uma consciência pura ao estilo de Kant; é preciso uma análise dialética material profunda.

Outro grande filósofo que pensou a Ideologia foi o francês Louis Althusser, que também é um tanto esquivo a teoria da reificação de Lukács, porém com razões diferentes das de Adorno. Para Althusser, tanto a Ideologia como a alienação tendem a uma

pressuposição de uma "essência humana", coisa que ele nega veementemente. Althusser, enquanto marxista anti-humanista, nega qualquer ideia de uma essência humana, de uma "humanidade essencial", e por isso não dá base a sua teoria sobre a Ideologia nessa ideia para ele também "ideológica". E mais, o filósofo francês também não funda sua teoria na chamada "visão de mundo", pois por ser ele um anti-humanista, é também anti-historicista, isto é, não crê num "sujeito de classe", e ainda acredita que todo materialismo histórico e totalmente independente da consciência de classe. Althusser, portanto, desenvolve sua teoria sob uma base psicanalítica influenciada em Lacan e de certas características um pouco menos historicistas de Gramsci. E é na sua obra mais célebre intitulada "Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado" (1980) que Althusser irá discutir essas ideias acerca da sua visão da Ideologia.

Para Althusser toda sociedade está sob uma organização baseada num modo de produção específico dos bens materiais de que precisa, e, assim, sob também sua necessidade de reprodução desses modos de produção e das condições materiais dessa produção em geral. E entre essas condições materiais da produção, pelas quais precisam ser, então, reproduzidas, se encontra a força de trabalho. E para que essa força de mão de obra, portanto, se reproduza, é necessário, pois, receber meios materiais, ou seja, o *salário,* e mais, a formação de competência, a saber, a *educação.* No entanto, essa formação de competência não é feita no local mesmo do trabalho, mas fora dele, na escola; e, complementarmente, pelas igrejas, pelas forças armadas, ou outras instituições do Estado, que serve, segundo Althusser, a ideologia capitalista.

Segundo o marxista francês, é através dessa educação, dessa formação que a Ideologia penetra a mente dos trabalhadores. Pois ela incide inconscientemente como natural, como universalizante. Disso decorre, portanto, a força ideológica dominante do Estado capitalista burguês. Uma vez que as instituições se passam por "científicas", naturais; transmitem aos trabalhadores a força do status quo de tal sorte, que mascaram sua real intenção alienante. E tudo dentre a realidade material, que está condicionada pelo mundo material consumista e repressor do Estado. A Ideologia passa desapercebida dentre tantas facetas inconscientes. Os trabalhadores aceitam as condições, por piores que sejam, sem pestanejar, sem crítica (no sentido científico-filosófico), isto é, sem ter uma diretriz revolucionária à situação que se encontra. O status quo parece inevitável e natural realmente. Os chamados por Althusser de *Aparelhos ideológicos de Estado (AIE)* têm um mecanismo tão bem ideologicamente elaborado dentro do sistema capitalista, que passam como uma "brisa" leve na pele proletariado, ainda que essa brisa seja tóxica; onde a toxina

vai afetando lentamente. Não importa, a Ideologia dominante, para Althusser, agora chegou num nível de influência tal, que quase ninguém mais a percebe, a não ser então através da ciência crítica. Porém, a ciência pura não pode transformar o quadro. É preciso a vida material unida a ciência. O discurso da ciência para Althusser é sempre um discurso sem sujeito. Assim, a ciência pode conduzir o sujeito para fora da Ideologia que o domina, pois para o pensador marxista francês, o que faz um sujeito é sua relação com a materialidade, e que por sua vez está subordinada aos *AIE*.

Eagleton nos fala que para Althusser:

> A ideologia, portanto, pode ser resumida como "uma representação das relações imaginárias dos indivíduos com suas condições reais de existência". Na ideologia, escreve Althusser, "os homens realmente expressam, não a relação entre eles e suas condições de existência, mas a maneira como vivem a relação entre eles e suas condições de existência: isso pressupõe uma relação real e uma relação imaginária, vivida. (EAGLETON, 1997, p.129)

Ou seja, o sujeito, que se constitui como tal, nunca é autônomo, pois está sob a égide ideológica dos AIE. E, somente com a ciência ele pode, então, superar a Ideologia dominante. Embora também, para Althusser, a Ideologia não provenha dos AIE, mas sim da luta de classe, os *AIE* são aqueles que mantém a Ideologia como tal, isto é, os *AIE* sustentam as ideias dominantes, através da manutenção da força repressora, seja ela direta ou indireta (na Ideologia propriamente dita), como por exemplo nas leis, na moralidade, na estética, na política, etc.

E Eagleton ainda diz o seguinte:

> Na ideologia, a relação real é inevitavelmente investida na relação imaginária". A ideologia existe apenas no sujeito humano e por meio dele, e dizer que o sujeito habita o imaginário é afirmar que refere compulsivamente o mundo a si mesmo. A ideologia é centrada no sujeito ou "antropomórfica": ela nos faz ver o mundo como, de certa forma, naturalmente orientado para nós mesmos, espontaneamente "dado" ao sujeito, e o sujeito, inversamente, sente-se uma parte natural da realidade, reclamada e exigida por ela. Por meio da ideologia, observa Althusser, a sociedade nos "interpela" ou "saúda", parece nos destacar como unicamente valorosos e se dirige a nós pelo nome. Promove a ilusão de que não poderia sobreviver sem nós(...) (EAGLETON, 1997, p.129)

Althusser, portanto, nos fala que a Ideologia *enfeitiça* os homens na sociedade, de tal maneira que os sujeitos se sentem valorosos, porém ilusoriamente, no sentido mesmo de não perceber que são apenas "número", isto é, substituíveis nesse mundo mercadológico, mas que, no entanto, cegados pelo discurso ideológico do capital, através dos AIE, são absortos na Ideologia, e disso acreditam cegamente que sua existência é

importante no mundo, e assim apenas reproduzem mais e mais a mesma Ideologia que o domina. Eis o quanto a Ideologia para Althusser é um tema importante a ser pensado, e por isso mesmo combatido pela ciência, que é, segundo ele, o único modo de libertação do proletariado. Embora haja, no entanto, certas circunstâncias lógicas problemáticas nessa visão de Althusser, como trabalharemos nas questões levantadas e discutidas no produto didático, suas análises são de alta importância da história e crítica do conceito de Ideologia.

Outro importante pensador contemporâneo que estuda o tema da Ideologia é o esloveno Slavoj Zizek. Assim como Althusser, Zizek une a psicanálise de Lacan, com a filosofia de Hegel e Marx, tudo isso para tratar do tema da Ideologia. Zizek propõe um novo olhar ao tema, resgatando um olhar marxista ortodoxo, mas com contribuições contemporâneas.

Numa linguagem ao estilo de Hegel, Zizek propõe três instâncias da Ideologia, que ele veio chamar de Ideologia "em-si", Ideologia "para-si", e Ideologia "em-si-e-para-si". Nessas três propostas, Zizek fala que a Ideologia segue desde a visão tradicional (ideologia "em-si"), passando pela "materialidade da ideologia (ideologia "para-si"), chegando então na chamada "fantasia ideológica (ideologia "em-si-e-para-si"). Na primeira ideia, a Ideologia "em-si", Zizek afirma que a noção básica que se fundou a Ideologia parte da tradição marxiana, contida n'A Ideologia alemã. Onde Marx afirma que os discurso ideológicos surgem pela associação da criação da divisão do trabalho pela burguesia. E isso, exatamente, pelo desenvolvimento da distinção entre o trabalho material e o trabalho espiritual pela classe dominante. Para Marx, uma classe dominante só é como tal, não apenas porque dispõe dos meios materiais de produção, da propriedade privada, mas também se dispõe da produção de trabalho espiritual, isto é, aquilo que cria conceitos dentro da sociedade. Ou seja, a classe dominante domina também as ideias:

> Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX / ENGELS, 2001, p.48)

Assim, portanto, vai nascer a Ideologia dentro da sociedade, a saber, através desse domínio intelectual que a classe dominante tem sobre os trabalhadores, lhes submetendo às suas ideias.

No entanto, o mesmo Marx vê que há nessas ideias dominantes uma "inversão", isto é, os conceitos determinados pela classe dominante nada mais são do que conceitos "falsos", no sentido mesmo de inverter o real. Os trabalhadores são bombardeados de informações díspares de sua realidade efetiva, mas que passam como se fossem de fato a "verdade" de sua situação vivida. Assim, portanto funciona a Ideologia para Marx, como a câmara escura de uma máquina fotográfica, que inverte a imagem da realidade, revelando uma "falsidade", um simulacro ideal falso da realidade. Assim, cabe à crítica da Ideologia "em-si" a percepção dessa inversão, e a apresentação da "ideia verdadeira" da realidade enquanto tal.

Outra perspectiva zizekquiana da Ideologia é a Ideologia "para-si", que, segundo Zizek se coloca na noção da "materialidade da Ideologia", isto é, onde o discurso ideológico que está explícito na Ideologia "em-si" necessita de vasto suporte exterior para que se realize e se reproduza factualmente. Essa perspectiva, aliás, é investigada e analisada exaustivamente por Louis Althusser, como vimos anteriormente. Althusser denominou duas instâncias dentro da sociedade capitalista nessa análise da Ideologia, que ele chamou de *Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e Aparelhos Repressivos de Estado (ARE).* A saber, que os aparelhos repressivos de Estado, segundo Althusser, são as forças coercitivas que o Estado capitalista se utiliza para manter a "ordem", através da força bruta mesmo, com o exército e as polícias. Já com os aparelhos ideológicos, o Estado usa as ideias para administrar sua condução dos trabalhadores, através das leis, da mídia, da religião, etc. E é aqui que Zizek se coloca quando fala de Ideologia "para-si", isto é, corroborando com a perspectiva de Althusser, o filósofo esloveno diz que os AIE são a Ideologia exteriorizada, ou materializada, ou ainda a Ideologia "para-si", como ele prefere chamar. Althusser, quando analisa a ideologia desse modo, isto é, com a noção de Aparelho Ideológico, ele avalia que a participação do indivíduo nesse ritual prepara um espaço para reprodução das relações de exploração capitalista:

> Quando Althusser repete, seguindo Pascal, "Aja como se acreditasse, reze, ajoelhe-se, e você acreditará, a fé chegará por si", ele delineia um complexo mecanismo reflexo de fundação "autopoiética" retroativa que excede em muito a afirmação reducionista da dependência da crença interna em relação ao comportamento externo. Ou seja, a lógica implícita dessa argumentação é: ajoelhe-se e você acreditará que se ajoelhou por causa de sua fé — isto é, o fato de você seguir o ritual é uma expressão/efeito de sua crença íntima; ao ser executado, o ritual "externo" gera sua própria base ideológica (ZIZEK, 1996, p.18).

Para Althusser, é preciso uma exteriorização das ideias e das práticas pelas instituições sociais, para que essas ideias fossem interiorizadas numa Ideologia pelos indivíduos. Mesmo que o indivíduo participe desse processo de modo inconsciente, de modo não refletido, isso faz com que ele esteja, portanto, inserido no campo ideológico, e por isso mesmo, na adesão irrestrita da Ideologia. Conquanto, esse paradigma althusseriano ainda é delimitado por um viés epistemológico entre conceitos considerados verdadeiros e falsos, como na conceituação marxiana. A superfície das ideias falsa ou ilusórias estariam na competência ideológica, mesmo que concretizadas em aparelhos. Já a superfície da verdade oculta estaria no entendimento marxista da história na qualidade de história de luta de classes e transformações no modo de produção. Zizek, portanto, propõe que é vital descartar essa oposição à uma real compreensão da Ideologia no nosso tempo contemporâneo.

E por fim, acerca da chamada por Zizek de Ideologia *"em-si-e-para-si"*, o filósofo esloveno propõe uma deficiência nas concepções marxianas de Ideologia. Além de Althusser, Zizek segue no escopo de um outro filósofo, o alemão Peter Sloterdijk, que tem um livro muito perspicaz intitulado "Crítica da Razão Cínica" (SLOTERDIJK, 2012). Nesse livro, Sloterdijk afirma que a crítica da Ideologia é cada vez mais ineficaz sob os maldes marxistas ortodoxos, diante da nossa sociedade contemporânea se tornar mais e mais cínica, isto é, ainda que estejamos mais conscientes de que existe um falso discurso ideológico pairando no mundo, mesmo assim não nos desprendemos desse discurso, e continuamos lhe perpetuando. Zizek comenta o seguinte:

> O cinismo é justamente a resposta da cultura vigente à subversão cínica: reconhecemos o interesse particular por trás da máscara ideológica, mas, mesmo assim, conservamos a máscara. O cinismo não é uma postura de imoralidade direta, mas, antes, a própria moral colocada a serviço da imoralidade: a "sabedoria" cínica consiste em apreender a probidade como a mais rematada forma da desonestidade, a moral como a forma suprema da devassidão e a verdade como a forma mais eficaz da mentira. Assim, o cinismo realiza uma espécie de "negação da negação" pervertida; por exemplo, diante do enriquecimento ilícito, do roubo, do assalto, a reação cínica consiste em afirmar que o enriquecimento legítimo é um assalto muito mais eficaz do que o assalto criminoso e, ainda por cima, protegido pela lei […] (ZIZEK 1992, p.60).

Há portanto um modus operandi dos indivíduos, que não agem expressamente conforme suas convicções ou crenças. E se isso é verdade, se essa maneira cínica de comportamento dos indivíduos em nosso tempo procede, então a noção de Ideologia de

Marx não tem tanta força crítica atualmente, uma vez que não se trata mais de elucidar a suposta "ilusão" criada, que contribuiria na exploração das classes menos favorecidas da sociedade. Aliás, inclusive nesse mesmo sentido, a Ideologia *sui generis* se extingue progressivamente, porquanto perde-se a eficiência do discurso do status quo ideológico por excelência, a saber, aquele que "ilude", conduz e explora os indivíduos, acerca das ideias dominantes. No entanto, Zizek não caminha para um discurso que nega a Ideologia. Muito pelo contrário. Žižek diz que quem tenta rejeitar a noção de ideologia precisa ficar atento a um problema, que é: "onde se encontra [...] o lugar da ilusão ideológica, no 'saber', ou no 'fazer', na própria 'realidade'?" (ZIZEK, 1992, p.61). Quer dizer, estando ou não o sujeito consciente da Ideologia isso indica o fracasso ou sucesso dela? Será que a Ideologia tem sucesso enquanto a praticamos? O que o filósofo esloveno faz é se utilizar da ideia de fetichismo da mercadoria em Marx como representação a uma nova aparência da Ideologia contemporânea, onde o destaque não reside mais na especificidade de ilusão ou ainda de se sabemos ou não que tal discurso engendra uma Ideologia dominante. O ressalto de Zizek agora se dá nessa nova forma de Ideologia, então efetivada na prática ordinária das nossas relações sociais, ainda que o grau de "consciência" que possuamos dela não seja assim tão alto ou "realmente" consciente em sua totalidade.

Considerações finais do capítulo

Pudemos ver que a Ideologia passou através dos tempos por muitas conceituações, e, nesse ínterim ganhou carga semântica tal, que a própria Ideologia passou de uma "análise das ideias" a uma "ideia" propriamente dita. Ou seja, a palavra ideologia, embora tendo o sufixo "logia" na sua construção, que quer dizer "estudo", "análise", etc., com o tempo passou a ser entendida como uma "coisa" independente, a saber, um modo próprio de condução das ideias. Vários pensadores se inclinaram (e ainda se inclinam hoje em dia) a estudar o termo. Tendo em vista como a Ideologia afeta indireta e diretamente a vida dos indivíduos em sociedade.

O que pretendíamos aqui nesse capítulo não era mostrar todas as significações do termo Ideologia, mesmo porque isso seria impossível. Mas sim, queríamos sim apresentar as principais, ou mais polêmicas e importantes tentativas de conceituação do termo Ideologia durante a história, e, sobretudo, o impacto que causou no mundo político. Através disso, pretendemos usar essas ideias debatidas aqui no primeiro capítulo da pesquisa, lá, no produto didático. Como? Através de questionamentos, já levantados pelo

filósofo Terry Eagleton (1997), onde ele traz certos problemas nessas conceituações corriqueiras do termo, que vieram durante a história, e que ainda persistem no senso comum.

Acreditamos que com esse debate levantado na pesquisa, não que o conceito de Ideologia seja esgotado, resolvido, ou ainda solucionado, mas sim que possam ser clarificadas as ideias acerca do que tange o termo e a trajetória de seus conceitos.

Tentamos aqui, nesse primeiro momento da pesquisa, apresentar uma gama de conceitos chaves que referenciam o produto didático elaborado como resultado da pesquisa. Pensamos aqui, nesse primeiro capítulo, que o professor poderá se utilizar dessa leitura histórico conceitual, para melhor se situar na conceituação básica do termo. Claro é que através de uma leitura mais detalhada, com o auxílio da literatura indicada na bibliografia aqui sugerida no final da pesquisa, o professor poderá se aprofundar mais nessa conceituação. No entanto, acreditamos que com esse capítulo introdutório, o professor terá um bom apoio epistêmico para trabalhar com o material e até ir um pouco além do sugerido, se assim o preferir. O livro base que iremos trabalhar as questões apresentadas no produto didático será o livro "Ideologia – Uma introdução" (1997), de Terry Eagleton, onde ele, através também dessas análises históricas do termo, citando vários autores, como aqui o fizemos, ele tenta apresentar as querelas fundamentais do termo durante a história, até os dias de hoje. Assim, ainda que o professor não tenha acesso a esse livro, aqui, com a pesquisa, ele terá um suporte histórico e conceitual suficiente a seu trabalho em sala de aula. Visamos aqui uma perspectiva mais dinâmica, pois o termo Ideologia é bem complexo, e isso levaria tempo e muita pesquisa para um trabalho mais aprofundado. Temos em vista que nossa pesquisa e o produto didático proposto, com a música e o videoclipe do Cazuza da canção "Ideologia", serão artifícios pedagógicos para que o professor desperte nos seus alunos a atenção ao termo; e sabemos também que o pouco tempo dentro da carga horária no ensino médio que a filosofia tem para discutir tantos temas complexos não é o suficiente para trabalhar de modo tão satisfatório como deveria. Ainda assim, acreditamos que com esse trabalho, o professor trará aos alunos uma nova perspectiva ao conceito de Ideologia, e com isso uma nova perspectiva à própria vida desses estudantes, uma vez que discutir Ideologia é algo primordial nos nossos dias (e talvez em todos os tempo em que se discutiu o termo), pois esse conceito atravessa, se não todos, muitos aspectos da vida, seja no foro privado seja no social.

2 – O CAMPO DE APLICAÇÃO DO PRODUTO DIDÁTICO PROPOSTO

2.1 – Análise dos livros didáticos do PNLD

Fiz a análise de oito livros do ensino médio presentes no PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) utilizados para o ensino de Filosofia no Ensino Médio brasileiro. Procurei no conteúdo geral o tema *Ideologia,* a partir disso, fiz uma análise geral de como o tema era abordado nos livros e quais exercícios foram sugeridos. E através dessas análises tracei no produto didático proposto um caminho de como o(a) professor(a) poderia trabalhar com auxílio de música e de vídeos, seja com videoclipes de música mesmo, ou ainda com sugestões de documentários sobre o tema da ideologia, buscando uma dinâmica mais atrativa diante de seus estudantes, tendo em vista que diante da análise dos conteúdos dos livros, sentimos necessidade de nos utilizar desses recursos audiovisuais.

Essa análise visa buscar um modo diferente ao que encontramos tradicionalmente nas atividades propostas dos livros analisados, para que o material em anexo na pesquisa tenda a um novo caminho, uma vez que o tema da Ideologia, sendo denso como tal possa ser trabalhado em sala de aula de maneira que fuja ao tradicional. A música e o vídeo agregarão aos professores uma dinâmica mais atrativa, assim acreditamos. Portanto, pretendemos analisar os livros buscando um novo viés para o que se seguirá no produto didático proposto. Essa ideia vem através das questões que pensamos ser pertinentes ao tema central, que é a Ideologia, pois nos parece primordial certos problemas que são, muitas vezes, trabalhados de modo resumido. Mas, caberá ao professor pôr em prática essa fomentação diante da sua realidade escolar e cultural, ainda que o material proposto não seja o "ideal" pedagógico, seja é que isso existe, porém, se conseguimos que tanto o professor quanto os alunos consigam analisar e criticar de modo minimamente satisfatório no âmbito do Ensino Médio o tema da Ideologia, já teremos chegado ao objetivo pré-determinado.

2.2 – Lista dos livros analisados

Analisamos os conteúdos do tema Ideologia dos seguintes livros contidos no PNLD de 2018:

- Filosofia – Experiência do Pensamento. De Silvio Gallo. Editora Scipione. 2ª edição – 2016;
- Filosofia e Filosofias – Existência e Sentido. De Juvenal Savian Filho. Editora Autêntica. 1ª edição – 2016;
- Fundamentos de Filosofia. De Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes. Editora Saraiva. 4ª edição – 2016;
- Filosofando – Introdução à Filosofia. De Maria Helena Pires Martins e Maria Lúcia De Arruda Aranha. Editora Moderna. 6ª edição – 2016;
- Reflexões: Filosofia e Cotidiano. De José Antonio Vasconcelos. Editora SM. 1ª edição – 2016;
- Iniciação à Filosofia. De Marilena Chaui. Editora Ática. 3ª edição - 2016;
- Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia. De Ricardo Melani. Editora Moderna. 2ª edição – 2016;
- Filosofia: Temas e Percursos. De João Vergilio Cuter; Luiz Repa; Marco Valentim; Paulo Vieira Neto; Roberto Bolzani Filho; e Vinicius De Figueiredo. Editora Berlendis & Vertecchia. 2ª edição – 2016.

2.2.1 – Análise das abordagens sobre o conceito de ideologia nos livros didáticos do PNLD 2018

Dos 8 (oito) livros didáticos de filosofia para o ensino médio contemplados no PNLD 2018, 3 (três) deles apresentam seções diretamente dedicadas ao conceito de ideologia. As outras 5 (cinco) obras tratam do tema "ideologia" de maneira difusa, seja por conta das metodologias didáticas adotadas seja pelas diferentes concepções filosóficas que orientam sua organização, suas abordagens e ênfases. Esses últimos demandariam extensa análise sobre a economia geral da obra para que pudéssemos compreender como é trabalhada a noção de ideologia. Por isso, iremos restringir nossa análise àquelas três obras em que a abordagem desse conceito se apresenta de modo claramente delimitado em capítulos ou seções.

No livro "Fundamentos de Filosofia" (COTRIM; FERNANDES, 2016), o conceito de ideologia é desenvolvido na seção intitulada "Cultura – As respostas ao desafio da existência", presente no capítulo 7 ("O ser humano") da Unidade 2 ("Nós e o Mundo"). A seção parte da concepção de ideologia presente no senso comum ("conjunto das ideias que caracterizam determinado grupo social (político, econômico, religioso etc.") à qual acrescenta a noção marxiana, por meio da qual se problematiza a relação entre cultura e "dissimulação da realidade". A seção apresenta ainda contribuições e leituras de autores contemporâneos (Antonio Gramsci, György Lukács, Bertolt Brecht e Marilena Chauí) e oferece, ao final do capítulo, questões dissertativas e sugestões para uma "conversa filosófica".

Já no livro "Filosofando – Introdução à Filosofia" (ARANHA; MARTINS, 2016) há um capítulo inteiro dedicado ao tema da ideologia. Capítulo intitulado "Ideologias: as ilusões do conhecimento". Logo na primeira seção, as autoras nos apresentam o conceito geral de ideologia como "o conjunto de ideias, crenças ou opiniões sobre algum ponto sujeito a discussão" (ARANHA; MARTINS, 2016, p.84). No parágrafo que se segue elas apresentam um novo conceito, que é do de ideologia enquanto "teoria pedagógica que orienta a prática", demonstrando as múltiplas significações que a palavra "ideologia" engendra. Elas nos mostram também a origem do termo em Destutt De Tracy e a subversão do conceito por Napoleão. E ainda falam da incorporação do termo por outros autores na história. As autoras associam ao conceito marxiano de ideologia o conceito de alienação, e apresentam, para corroborar com essa ideia marxiana, os conceitos de: a) Naturalização; b) Universalização; c) Abstração e aparecer social; d) Lacuna; e e) Inversão. As autoras também citam Brecht com o mesmo poema do livro anterior analisado, além de uma tirinha do quadrinista Hegé (Georges Rémi), a partir da qual propõem uma atividade reflexiva.

Na terceira seção do mesmo livro, a chamada "Ideologia em ação", as autoras nos apresentam os exemplos das histórias em quadrinhos, a publicidade e a mídia. Nessa seção elas nos chamam a atenção para como a "cultura de massa" é onde a ideologia encontra terreno fértil para sua propagação. E finalizam essa análise dos espaços midiáticos sugerindo uma atividade reflexiva para que os estudantes analisem pelo menos quatro fontes de uma mesma notícia e comparem as ideias propostas nas reportagens.

Na seção subsequente do capítulo, intitulada "Outras concepções de ideologia", elas nos apresentam quatro autores que posteriormente a Marx também falaram do tema da ideologia, que são Lênin, Gramsci, Habermas e Ricoeur. Nessa seção, elas nos falam

como cada um desses marxistas trouxeram novidades à crítica da ideologia, introduzindo novos termos complementares ao tema. Já na última seção do capítulo intitulada "Questionamento e conscientização" as autoras falam acerca de como o questionamento do que é ou não ideológico, e de onde a ideologia age no cotidiano. E por fim, as atividades propostas por elas foram uma leitura complementar de um texto retirado da "Ideologia alemã" de Marx / Engels e um questionário que se segue, contendo quatro questões sobre esse texto. Mais à frente, na seção de atividades, tal qual ocorre em todos os capítulos do livro, as autoras propõem mais cinco novas questões, mas agora como revisão de todo o capítulo, e mais uma leitura de um texto de Marilena Chaui, e que disso se faça uma análise sobre o texto. E mais a frente, apresentam um poema de Drummond, intitulado "Eu, etiqueta", e sobre ele três questões que têm como fundo o tema da ideologia. E não termina por aí. Elas apresentam ainda uma publicidade, e dela tiram duas questões reflexivas sobre como a publicidade reforça ideologias, etc. E terminam com duas atividades em grupo. A primeira pedindo que os estudantes retirem de jornais, revistas ou da internet e apresentem para a classe exemplos de quadrinhos com características ideológicas e charges políticas. E a segundas das duas atividades em grupo, as autoras usam uma citação de Sartre, e pede que se redija uma dissertação relacionando o tema da ideologia.

O último livro analisado foi o "Iniciação à Filosofia" (CHAUI, 2016). É logo na primeira unidade, na chamada "A filosofia", que o tema surge, no capítulo 6 (seis): "Aspectos da filosofia contemporânea", num subtema chamado de "A maioridade da razão" a autora fala brevemente a respeito da ideologia. Nesse ponto ela cita a ideologia segundo Marx, sem se ater a outras perspectivas do tema. Foi na unidade 5 (cinco), chamada de "O conhecimento", capítulo de número 18 (dezoito), intitulada de "A consciência pode conhecer tudo?" que Chaui retoma o tema da ideologia. Tendo 2 (dois) subtemas dentre o tema central do conhecimento dedicados inteiramente à ideologia. Chaui traça a concepção de ideologia de um modo epistemológico. Ela fala da concepção de ideologia enquanto "ilusão", ou seja, ideologia enquanto artifício das classes dominantes para manutenção do seu status quo, se utilizando do conceito marxiano de ideologia enquanto ilusão social. No segundo subtema, intitulado de "Os procedimentos da ideologia", a autora recorre a três conceitos para tentar exemplificar o conceito de ideologia. São eles a "inversão", o "imaginário social" e o "uso do silêncio". Não nos estenderemos aqui na explicação desses conceitos. E a atividade proposta é um

questionário que segue o fim da unidade, apenas uma questão relacionada ao tema da ideologia.

2.3 – O teste inicial do produto didático

Apresento agora minha experiência enquanto professor de filosofia na educação pública, exatamente na SEEDUC (Secretaria estadual de educação), onde atuo há quase 2 anos como professor de filosofia e sociologia. Lá, no ano passado, ano de 2018, apliquei o embrião do produto didático proposto aqui na dissertação. Embora ainda não completo como aqui sugerido, e, exatamente por essa experiência pude, então, lapidar as ideias e as propostas efetivas do uso do professor, tendo em vista aceitação e/ou a rejeição dos alunos diante da dinâmica utilizada em sala.

Aqui também mostro os caminhos de conteúdo que segui à aplicação do material embrionário utilizado nas turmas do terceiro ano do ensino médio em filosofia, no Colégio Estadual Engenheiro Pedreira, situado no município de Japeri, onde trabalho. Acredito ser importante tal apresentação dos caminhos seguidos por mim, exatamente por ter pertinência na apresentação posterior do tema da Ideologia, e do como o trabalho foi aplicado.

Os caminhos seguidos foram o de uma preparação epistêmica nos alunos, isto é, por se tratar a Ideologia de um tema complexo e abrangente de significados, preferi, portanto, um cronograma que eu compreendi como "lógico" à compreensão do tema aplicado mais tarde, no quarto bimestre de 2018. Pois o *Currículo Mínimo* proposto pela SEEDUC sugere o seguinte ao 3º ano do ensino médio: no 1º bimestre: estética; no 2º bimestre: ética; no 3º bimestre: política; e no 4º e último bimestre: perspectivas. E o que seriam essas "perspectivas"? Segundo o documento do Currículo Mínimo da SEEDUC, há duas instâncias pensadas a essas "perspectivas" que devem ser trabalhadas pelo professor, que são:

1 - Analisar as práticas ideológicas e alienantes presentes no cotidiano e suas repercussões para o mundo do trabalho.

2 - Ser capaz de apresentar trabalho autoral a partir das discussões filosóficas realizadas no ensino médio.

Através desse tema proposto no CM, que são as "Perspectivas", é que será portanto introduzida a discussão sobre a ideologia. Embora eu tenha me baseado no CM

da SEEDUC, o professor de outra instituição, de outro estado ou mesmo da área privada pode a seu modo encontrar outro momento pertinente ao uso do material. Aqui eu pretendo apenas mostrar como foi meu modo de criação e utilização, e justifico por esse caminho seguido, tendo em vista meus alunos, e sua realidade circundante. Assim, esse caminho foi fundamental (pelo menos me pareceu assim) para chegar no objetivo mesmo de utilização do material.

2.4 – Uma justificativa ao processo

Aparentemente pode parecer que o que moveu minha didática durante todo o processo letivo foi a Ideologia somente, no entanto justifico que não exatamente. Como? Verdade é que preparei dia após dia o conteúdo para chegarmos à Ideologia no quarto bimestre de modo que o tema ficasse menos obscuro e cheio de viesses conceituais do senso comum. Disso, trabalhando exatamente o que o CM se nos pede, diante dos temas propostos e dos objetivos que se espera, adentrei todo o possível de autores, temas e história, bem como discussões de temas atuais e da vivência dos estudantes daquela escola de Japeri, com sua realidade mesma, tendo em vista a autonomia de pensamento e crítica dos alunos e sua formação como cidadãos conscientes diante de forças ideológicas que regem a sociedade e que alienam as pessoas. Por isso acredito que o tema da Ideologia tem sua enorme importância a ser trabalhado no Ensino Médio, mesmo dentro de temas aparentemente difusos ao da Ideologia, como o da Estética por exemplo, pudemos ver que é possível perceber como a Ideologia incide sobre esse e qualquer outro dos temas trabalhados durante o ano.

Assim como cada bimestre vai adaptando epistemicamente os estudantes ao próximo bimestre, quero dizer, gradativamente os conteúdos vão ficando mais densos de significado e questionamento, assim, portanto, introduzir brevemente a Ideologia durante os temas fez com que, ao chegar no último bimestre, os alunos não estavam totalmente distantes desse conceito que é a Ideologia, e já haviam visto durante o ano vários âmbitos onde ela incidia, direta ou indiretamente. Através desse processo, pude analisar nas turmas como os temas eram absorvidos, e disso fui traçando o caminho temático de acordo com as dificuldades e tranquilidades diante dos temas propostos.

Na Estética, que foi o primeiro tema trabalhado no ano, no primeiro bimestre do terceiro ano do EM, a Ideologia se fez presente mais claramente quando discutimos o conceito de Industria Cultural, da Escola de Frankfurt, embora antes mesmo desse

assunto, já havíamos falado da Ideologia, quando discutimos o que é a beleza?, tendo em vista as respostas, sobretudo do que eles pensavam sobre o "feio". Mas, foi sobre o da Industria Cultural que persisti no tema da Ideologia, visando as análises da TCS. Esse foi o encerramento do bimestre. Não insisti demais no tema da Ideologia. Foi apenas uma breve "pincelada", uma introdução indireta.

2.5 – Os três bimestres anteriores ao trabalho com o tema Ideologia

Antes de tudo, antes da aplicação do produto didático, antes da utilização da música e do videoclipe do Cazuza, antes da introdução do tema da Ideologia diretamente com os estudantes, eu preferi seguir um caminho epistêmico do CM proposto pela SEEDUC, tendo em vista a própria realidade dos estudantes daquela escola. Assim, pude perceber suas dúvidas e saberes de suas vivências particulares, e disso, portanto, tracei minha estratégia didática pela qual trabalhei com os alunos o produto didático proposto.

No primeiro bimestre de 2018, como esses terceiros anos, tal como o próprio CM sugere, eu trabalhei com eles *Estética*. Introduzi o tema lhes apresentando os principais conceitos de o que é *Estética* (teoria do belo) na história da filosofia. Vindo desde os antigos gregos, com Platão e Aristóteles, chegando em Baumgarten, passando por Kant, depois Hegel, finalizando com a estética marxista da escola de Frankfurt. E, foi exatamente ali onde eu, mesmo trabalhando o tema do belo na arte, pude já introduzir o tema da Ideologia nas discussões em sala de aula. Ainda que de modo sutil, não direto ao tema da Ideologia, ainda assim, pude trabalhar conceitos iniciais, e que incidem no tema da estética, como por exemplo o da Industria Cultural, advinda da Teoria Crítica da Sociedade.

A partir desses conceitos do belo historicamente traçados pela filosofia, debati na turma como o conceito da beleza e do que é arte adentram a sociedade e a moldam. E como a Ideologia funciona nessa conceituação. Numa aula específica em que discutíamos o conceito da beleza, pude perceber o quanto de Ideologia burguesa os alunos estão afetados em suas conceituações do que é ou não a beleza. E os pus em questão sobre a origem desses conceitos. Pude perceber nos estudantes um pasmo diante do questionamento da origem de seus conceitos, e da moralidade assumida no fundo de suas falas acerca do que eles pensam sobre o belo e a arte.

A palavra Ideologia surgiu na sala de aula através de mim. Enquanto professor, eu os questionei da seguinte forma: "Não seriam ideológicas suas maneiras de dizerem o

que é ou não belo, e o que é ou não arte?". E mais: "será que é possível determinarmos um conceito universal para a beleza?". E outra: "Arte é apenas o que está no museu? Quem determina o que é ou não arte? "será que há uma ideologia por de trás dessas conceituações?". Com esses questionamentos pude perceber um certo desconforto nos alunos diante de suas convicções que foram, de certa maneira, "abaladas" pelas perguntas e nas não respostas concretas, que eles não tinham. Daí eu falei brevemente do conceito de ideologia (sem me aprofundar, lhes avisando que esse tema seria trabalhado mais adiante nos próximos bimestres, e mais especificamente no último bimestre), e disse que esse conceito abrange todos os âmbitos da vida social, e que durante o ano letivo o tema seria mais exaustivamente investigado por nós.

Ao adentrar no segundo bimestre, o tema não foi mais a Estética, mas a Ética. E, com esse novo tema, onde eu, seguindo o CM, também tracei historicamente o conceito de Ética e Moral, as principais questões sobre o tema, desde a Antiguidade até os questionamentos contemporâneos. Claro é que, dentro das limitações do tempo que eu tinha em sala, sendo dois tempos de cinquenta minutos de aula por semana, bem como a aplicação de trabalhos e testes previstos no calendário da escola, eu pude discutir com os alunos o surgimento do que se chamou Moral e Ética na Grécia antiga, chegando aos Romanos, depois nos Medievais, discutindo a Ética Cristã, chegando na Modernidade com Descartes, Espinosa e Kant, desembocando em Hegel, Marx e Nietzsche. E foi, assim como no primeiro bimestre, que a Ideologia apareceu. Percebi na conceituação dos alunos do que seria o "certo" ou o "errado" onde a Ideologia adentrava, e os questionei, mais uma vez, da origem de seus conceitos, falando novamente da Ideologia por de trás dessas conceituações.

Nessa nova etapa do ano letivo, introduzi um questionamento novo sobre a moral, ou melhor, sob com a moralidade poderia ser também analisada, além dos conceitos clássicos por nós estudados, que seria exatamente por um viés político. E foi exatamente aí que entrou a Ideologia, onde os questionei se seria possível existir um mundo com uma moralidade (ou ética) diferente da que vivemos na atualidade. E pelas respostas variadas, pude perceber que, diferentemente do primeiro bimestre, os alunos já estavam questionando a si próprios sobre seus conceitos particulares, que trouxeram desde sempre. Que a noção de Ideologia já discutida já fazia certa diferença em seus pensamentos, ainda que de modo bem leve.

Pude perceber perguntas que me foram feitas, e que eu, de fato, esperava receber dos alunos, tais como: *"Professor, seria possível existir um mundo sem uma moralidade ideológica?"*, ou ainda: *"Professor, a Ideologia está em tudo então?, inclusive nos nossos valores morais?"*. Essas perguntas me foram bem interessantes para perceber, tal como numa análise do estilo da psicanálise lacaniana, que através da linguagem se percebe os sintomas (LACAN, 1985, p.27), como os estudantes já manifestavam certas dúvidas, que talvez antes de se falar na Ideologia eles nunca se questionavam. As minhas respostas não foram conclusivas. Mostrei a eles que a filosofia, sobretudo nas nossas aulas, não tinham o intuito de dar respostas finais, mas de nos fazer refletir e questionar o que nos aparecia como universal, inquestionável, como "é assim mesmo que é e ponto final", mas que não, que poderia ser questionado, ainda que não tenhamos uma resposta final apenas, mas que poderíamos ter muitas respostas. E foi precisamente isso que reforçou a análise dos autores que discutimos em sala historicamente. Pois vimos muitas respostas à moral bem distintas umas das outras.

No estudo da Ética que trabalhamos em sala, me utilizei primeiro da explanação oral, onde de início questionei meus alunos se eles sabiam o que era Ética, e qual era a diferença entre Ética e Moral. Depois disso, ao apresentar a distinção entre Ética e Moral exposta pela filosofia, discutimos como a Moral nos chega pela cultura e como a Ética é aquela que reflete sobre a Moral, buscando uma explicação racional dessa moralidade que nos aparece historicamente. Através desse processo, adentramos nos conceitos clássicos da Ética em Platão e Aristóteles, onde a Ética era encarada como um conceito radical de significação ideal em Platão e pela experiência em Aristóteles, como ambas epistemologias de ambos autores se estruturaram. Assim, pudemos ver ao longo do bimestre, quando adentramos os conceitos de Ética que surgiram após a Grécia Antiga sua influência, tal como na Ética cristã de Agostinho e Tomas de Aquino, bem como na Ética segundo Descartes e Espinosa, e mais a frente com Kant e Hegel. Ao chegarmos em Nietzsche, quando a moralidade é radicalizada e posta à prova, os estudantes puderam perceber mais explicitamente como a Moral pode ser sim questionada e até transformada, que seus valores podem não ser os melhores, tal como pareciam ser, e que poderia haver uma Ideologia por de trás desses valores culturais. E foi através da leitura de um breve texto de Marx, retirado do livro a "Ideologia alemã" (2001), onde se discutia que que a condição moral dos seres humanos era condicionada pela condição política pela qual esses seres humanos estão inseridos, isto é, toda moralidade surge cultural e historicamente sob uma conjuntura determinada externamente. O que foi analisado pelos

estudantes foi precisamente que, a Moral, tal como eles conheciam, não era algo meramente ensinado, sem influência ideológica, mas sim que todos os nossos conceitos do certo ou do errado, advinham dessa condição histórico-política pela qual os homens estavam submetidos na sociedade. E no caso deles, dos alunos daquelas turmas, seus conceitos morais poderiam estar sob uma sombra burguesa por exemplo, e cabia a eles compreender se era de fato aquilo que havia em seu horizonte ético, se era exatamente o que eles seguiam, ou se seguiam o que alguém determinava para eles o que seguir. A leitura de Marx nesse texto, tendo os outros autores clássicos e modernos que havíamos trabalhado antes, ajudou, pelo que percebi durante o bimestre, aos estudantes a desconstruir alguns tabus morais, bem como a se questionarem, e até me questionarem de qual horizonte ético, portanto, seguir.

Nesse mesmo bimestre já comecei a me utilizar de músicas para análises e debates. Apresentei algumas músicas aos estudantes, onde fizemos uma breve análise das letras, para discutirmos os conceitos de ética e moral estudados. Apresentei três músicas, onde pudemos perceber nos textos questões morais pertinentes às leituras feitas durante o bimestre. Não fizemos uma análise detalhada das como um todo. Peguei alguns trechos em que achei pertinente e desenvolvi questões morais sobre as ideias apresentadas nas músicas.

As músicas que me utilizei foram: “Mentiras” (banda Titãs), “Na moral” (banda Cidade Negra, e “O certo é o certo” (Mc Sabrina). Através dessas canções coloquei algumas questões acerca da Moral e da Ética para serem analisadas pelos alunos, tendo em vista as letras em questão. E também pedi que eles associassem trechos das canções com pensamentos acerca da Moral ou da Ética dos autores que trabalhamos em sala. Questões que suscitei diante dos trechos das letras foram por exemplo:

1) Existe um bem em si mesmo? Um bem universal tal como Platão dizia? O que vocês pensam a respeito disso?

2) Será possível desenvolvermos uma ética universal, igual para todos em todos os tempos, tal como Kant tentou?

3) Como devemos agir? Quais os horizontes morais uma sociedade deve seguir para estar em harmonia e com justiça?

4) Dá para associarmos os trechos que separamos com quais ideais dos autores que discutimos durante o bimestre?

Pedi que os alunos fizessem grupos, pegassem os trechos das canções e desenvolvessem possíveis respostas ou novas perguntas sobre a Ética e/ou a Moral. E,

com as questões em pauta ou com as respostas, os outros grupos tentassem resolver novas questões ou novas respostas com suas propostas éticas. Os trechos que me utilizei foram os seguintes:

Da música: Mentiras – Titãs:

"Querem me ensinar, querem me julgar pelo que eu fiz
Querem me julgar, querem me ensinar como se diz
Mentiras!
Querem me salvar, querem me curar do que eu não sofro
Querem me curar, querem me salvar, mas eu só ouço
Mentiras!"

Da música: Na moral – Cidade Negra

"Ah, ah, ah, há de se respeitar a minha moral, o meu visual e tudo que eu digo pra alguém me escutar, mesmo a tal cibernética.
Ah, ah, ah, ah e ser imortal não é natural, eu não sou capacho eu sei os meus passos pra não vacilar, pra não vacilar.
É que eu insisto transparecer no que eu acredito sem ressentimentos
E há tanta gente pra convencer e que sei que sentem o mesmo do que eu sinto
Com a certeza do meu destino, sei que o universo vai conspirar comigo"

E da música: O certo é o certo – MC Sabrina

"Na pureza meu amigo eu vou te dar-lhe um papo
O certo é o certo o errado é o errado
Mas não pode trair nem fazer covardia
mostra que tu é puro assim no dia-a-dia
Mas se você bolir, "neguinho" vou te falar
O bonde ta bolado
Nós vai ter que te cobra
Não aceito mancada tem que ter disciplina
Não vale mexer no lucro nóis é sua família"

Enfim, o recurso didático do áudio deu às aulas uma dinâmica interessante. Percebi muito mais empenho nos alunos do que as meras aulas expositivas e de uso do quadro. E dessa experiência tirei ideias para meu produto didático, como por exemplo a questão do debate, dos exercícios propostos em sala e em casa. Pude perceber também a questão do desconhecimento de duas das canções, a do Titãs e a do Cidade Negra. Somente a música da MC Sabrina era de conhecimento deles. Esse desconhecimento das canções, a princípio, me pareceu que os alunos ficaram um tanto quanto indiferentes ao trabalho proposto. E disso repensei sobre como as músicas mais recentes, de conhecimento dos estudantes podem ser mais atrativas ao trabalho. No entanto, com a minha insistência de usar as músicas que eu havia já separado ao trabalho, os alunos

trabalharam com ela. Mas percebi que a música da MC Sabrina foi a mais analisada por eles, com questões sobre o que é o certo, como se deveria agir, etc. Disso pude tirar duas conclusões interessantes: 1) os estudantes jovens do Ensino Médio tendem a se aplicar ao que se identificam e conhecem, e desprezar, ou no mínimo ficar indiferentes ao desconhecido. Sobretudo na questão do audiovisual, os jovens tem certa rejeição aquilo que não está no seu "tempo", ao que não lhes parece "novo". Mas, creio que também cabe ao professor quebrar esses paradigmas e preconceitos nos estudantes. A arte é atemporal, e os alunos de uma classe de filosofia precisam entender isso. Há que se encontrar o meio termo para esse trabalho. Levo isso como lição aos próximos trabalhos dos próximos bimestres. 2) o trabalho com música precisa ser mediado e recortado pelo professor. É preciso fazer um recorte do que se quer e como se quer trabalhar. As letras não podem ser analisadas como numa aula de literatura, ou seja, do ponto de vista meramente textual, mas sim é preciso conduzir as questões filosóficas nos textos das letras de antemão, pelo professor.

Ainda assim, o trabalho com a música gerou bom desempenho dos alunos, uma boa socialização, e também eles se mostraram dispostos a repensar o conteúdo dado durante o bimestre, isto é, as questões filosóficas dos autores trabalhados, tais como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomas de Aquino, Kant, Espinosa, Hegel, Nietzsche e Marx foram retomadas pelos alunos de forma bem interessante, com associações de seu dia a dia, e com levantamentos de trechos direto aos textos dos autores em questão. Ao ouvirmos as músicas e analisarmos os trechos em grupo, os alunos fizeram as associações com as ideias dos filósofos trabalhados e também fizeram suas próprias reflexões. Claro é que eu enquanto professor fiz a mediação das discussões, analisei os desvios, percebi os preconceitos e as circunstâncias onde a Ideologia atuava na fala dos alunos, e fiz também algumas intervenções.

O estudo da Ética, logo depois de um bimestre inteiro discutindo Estética, mostrou aos alunos uma linha epistêmica aproximativa, isto é, eles puderam perceber que em filosofia os temas atravessam-se uns aos outros, ou seja, quando falamos em Platão por exemplo, em sua noção ideal de bem, os alunos viram que para o filósofo grego, o bem está relacionado ao belo; e em Aristóteles há uma lógica nas discussões morais, isto é, a busca racional pela virtude, assim, como nos outros autores que vieram, os temas, tanto da estética como os da ética tem uma reflexão lógica, que seguem um "padrão" analítico, e isso é o filosofar, a saber, a análise do que está posto, sob um discurso lógico que o justifique ou o desconstrua. Enfim, não cabe aqui a análise dos autores e suas ideias, uma

vez que aqui quero apenas apresentar a minha experiência do ano letivo com os recursos e com os conteúdos, tendo em vista o quarto bimestre, que foi o meu foco. Minha meta era exatamente esse caminho que estava sendo traçado, com os temas se conectando uns aos outros, me utilizando dos recursos necessários para então chegarmos o último tema, ou seja, a Ideologia. Mostrando aos alunos que esse tema envolvia quase todos os temas já antes trabalhados por nós em sala durante o ano.

Fazer os alunos refletirem sobre seus valores morais, fazê-los analisarem a origem do que eles acreditam como "certo" ou "errado", fazê-los perceber que há múltiplas perspectivas à Moral, e que cabe à filosofia esse papel analítico, tudo isso foi durante o bimestre muito interessante. E com o auxílio da música, com esse jogo de participações de linguagem extras ao da linguagem corriqueira das aulas, com tudo isso o conteúdo e as questões densas sobre a Ética que trabalhamos, foi bem mais interessante, e os alunos se mostraram, em relação ao primeiro bimestre, onde percebi bem mais desinteresse neles, eles se mostraram mais aplicados à pesquisa, análise das questões, mais abertos ao diálogo e também mais tranquilos em relação a suas convicções, onde eles puderam rever seus conceitos. Claro é também que certos valores culturais já enraizados são mais complexos de se desconstruir, no entanto, ainda assim, pude perceber que muitos dos estudantes relativizaram suas crenças morais diante das perspectivas apresentadas como possíveis aos comportamentos éticos em sociedade. Isso para mim enquanto professor de filosofia foi uma vitória. A música pareceu dar mais força a essa desconstrução, pois ao apresentar as questões e os problemas éticos, os estudantes se viram diante de "labirintos" epistêmicos, onde as respostas morais não eram conclusivas, uma vez que na minha mediação de professor, eu, ao intervir nos seus preconceitos e ideologizações morais, lhes mostrei o problema nas generalizações e nas universalizações que seus valores morais estavam inseridos.

Terminando o bimestre, tendo em vista ainda algumas barreiras que precisaríamos transpassar, tais como preconceitos, medos, limitações epistêmicas de raciocínio, preguiça com a leitura dos textos, timidez de certos alunos em apresentar suas perspectivas no debate, problemas com a escrita, etc, mesmo com tudo isso que ainda enfrentaríamos mais à frente, nos próximos bimestres, ainda assim, estávamos caminhando relativamente bem com as ideias e com alguns paradigmas, que aos poucos , se não estavam sendo quebrados, no mínimo estavam sendo reavaliados pelos alunos daquelas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, uma vez que gradativamente, de acordo com os conteúdos e trabalhos que fazíamos, a questão da Ideologia nos aparecia em vários

âmbitos tanto dos conteúdos analisados, como da própria realidade mesma dos estudantes que ali estavam comigo naquele trabalho sistemático. Desde a Estética no primeiro bimestre, onde discutíamos de onde nos vem nossa conceituação do que é ou não "bonito", de como nós criamos nosso horizonte estético, até chegar então na Ética, no segundo bimestre, onde, portanto, nós desenvolvemos nossa valoração moral, do que é "certo" ou não, de como, pois, isso se nos criou na mente enquanto perspectiva a seguir; todo esse processo até agora por nós seguidos no ano de 2018, estive recolhendo dados para esse pesquisa e produto didático que será desenvolvido no apêndice anexo no final desse trabalho. Tudo isso, todos esses dois primeiros bimestres, com seus erros e acertos trouxeram a base do trabalho que irei propor aos professores de filosofia, ao trabalharem o tema da Ideologia com o auxílio do audiovisual. Como toda essa experiência minha em sala durante esse ano de 2018, e as novas experiências usadas por mim no ano de 2019 foram determinantes à criação do produto didático proposto, a saber, a cartilha com a proposta de análise conceitual da Ideologia, com a colaboração da música e do videoclipe como estímulo dinâmico aos estudantes, bem como as questões levantadas e comparação analítica dos conceitos pré-determinados que os alunos têm, e uma nova perspectiva a esses valores políticos que os mesmos trazem de sua cultura. Essa é, pois, a ideia mesma de seguir esse plano que segui durante o ano letivo de 2018, resultando no trabalho proposto na cartilha aqui anexada à pesquisa.

Ao voltarmos das férias do meio do ano, começamos um novo tema do CM, que foi exatamente a *Política.* O que consiste a Política, qual sua origem nas discussões filosóficas, e quais seus âmbitos e implicações na vida humana. Esses foram os pontos principais pelos quais trabalhamos durante o bimestre. Onde começamos, inicialmente, por uma introdução oral que fiz, questionando os alunos sobre o que eles pensavam acerca do conceito de política. Nessa aula introdutória, pude perceber que os estudantes tinham uma noção meramente institucional sobre o tema, isto é, política para eles estava relacionada à política partidária, à política enquanto partidos e figuras representativas. Lhes faltava ainda compreender onde o termo surgiu, e como esse conceito iria muito além da representação institucional pelo qual eles a compreendiam. Disso, portanto, passamos a leitura e análise dos textos clássicos dos gregos, como Platão e Aristóteles, basicamente. Nesse momento eles já se viram diante de uma nova perspectiva sobre a ideia de *Política.*

Ao perceber nos estudantes uma constante aversão ao tema, como bem parece natural ao senso comum, sobretudo aqui no Brasil, onde discutir política é um assunto "chato", etc, me ative basicamente à explanação das muitas ideias sobre o tema. Tendo Platão como ponto inicial, mostrei aos alunos, a princípio, os conceitos de democracia, que era uma palavra de origem grega, e a própria política, que também tinha origem na Grécia, ainda que fosse bem diferente ao modelo que conhecemos hoje. Nesse ínterim, passadas algumas aulas, lemos trechos da "República" de Platão, onde os estudantes puderam perceber quais as ideias que o filósofo grego pensava sobre a política, como por exemplo a noção de Estado (Cidade Bela), e como Platão pensava a Política pelo olhar da Educação para a organização social da polis. Vimos ainda as discussões de Platão do que seriam os tipos de governo monárquico, aristocrático, democrático, tirânico, a timocracia (que é uma espécie de falsa aristocracia) e a oligarquia (o governo dos ricos), e que dentre todos a tirania é a pior forma de governo. Enfim, os estudantes já puderam expandir seus olhares diante do que era a Política com essas análises de Platão.

Partimos então para o discípulo de Platão, Aristóteles. E vimos que o filósofo de Estagira relaciona a Política à Ética, ou seja, tudo o que havíamos lido e discutido em Aristóteles no bimestre anterior, agora poderia se aplicar ao que o discípulo de Platão pensava sobre a Política. Pensamentos aristotélicos relativos ao Estado, a Justiça, as Constituições, as Formas de Governo, a Escravidão, etc, enfim, vimos como Aristóteles pensava o ser humano como "animal político" *(Zoon Politikon),* isto é, um animal racional que fala e que pensa, e que ainda tem a necessariedade de conviver socialmente com outros animais racionais, e que essa relação é onde se faz precisamente a Política. Enfim, a partir dessa base grega antiga, pudemos agora discutir âmbitos modernos acerca da Política.

Começamos então a leitura de autores que discutiam a formação do Estado moderno, a questão da liberdade, os limites da ação humana, etc. Lemos pequenos trechos de autores como Maquiavel, John Locke, Thomas Hobbes e Rousseau. Com essas leituras, desenvolvi alguns debates com os alunos, onde eu pedi a eles que manifestassem suas opiniões sobre as ideias dos autores. Se eles concordavam ou não, e por quê. Através dessas manifestações, pude perceber nos alunos a carga ideológica que eles traziam em suas falas. Como por exemplo a noção de um Estado enquanto poder absoluto, tal como em Hegel. Isto é, a noção de Estado como organizador dos homens, tendo como fundamental a uma não anarquia (no sentido mais pejorativo do termo). Assim, pude

perceber nos meus alunos essa carga universalizante que a Ideologia penetra nos homens. Disso, me atentei a discutir dois novos autores, que foram Hegel e Marx, respectivamente.

Ao perceber que os alunos estavam sob uma nuvem conceitual da Ideologia em suas falas, mesmo tendo lido e debatido em sala sobre os conceitos dos autores apresentados, adentramos nas análises hegelianas da Política e do Estado, sua noção do "Espírito Absoluto" manifesto na representação do Estado, de como Hegel enxerga a *Dialética* atuando no Espírito, etc. Essas análises hegelianas foram breves. Preferi apenas me ater aquilo que Marx depois iria criticar e desenvolver suas teses acerca da Ideologia e da Alienação. E foi em Marx que nosso conteúdo de Política finalizou.

Debatemos em três aulas sobre a teoria marxista da Política. Suas análises sobre as classes sociais, a questão da propriedade privada e da *mais-valia (ou mais-valor).* Os alunos comentaram que já haviam lido a respeito desses temas marxianos nas aulas de sociologia. Mas nosso foco não foi exatamente como nas aulas de sociologia. Quis apresentar para eles uma noção mais ontológica dessas questões. Assim, pegamos alguns temas fundamentais da teoria de Marx, a saber*, os modos da produção capitalista, a questão da propriedade privada, a questão da mais-valia e a questão da alienação,* temas esses que permeiam, a meu ver, o fundo único, que é a Ideologia. Pois é a Ideologia que conduz a sociedade burguesa moderna e todas as ações presentes nela.

Dentre todas essas discussões teóricas, tivemos em sala muitas discussões de como a política age na vida pessoal de cada um, de como a política traça os comportamentos e vivências dentro de uma cultura. Os estudantes puderam perceber que o conceito de Política vai muito além do que eles achavam no começo do bimestre. Percebi na grande maioria dos alunos, em todas as turmas do terceiro ano que trabalhei, que foram três turmas, com aproximadamente quarenta alunos por turma, que suas visões acerca do que era "Política" haviam se modificado, haviam se expandido. Se seus preconceitos anteriores não haviam desaparecido, mas pelo menos novas ideias agora estavam em jogo nas suas cabeças. Pois, com a leitura e debate dos conceitos filosóficos que a história da filosofia nos apresenta, eles puderam ver novas perspectivas para aquilo que em seus horizontes conceituais pareciam únicos e inabaláveis.

Deixei para as duas últimas aulas do bimestre o documentário chamado "Da servidão moderna" (2009). O documentário tem cinquenta e nove minutos, e pode ser encontrado dublado ou legendado no youtube. Assistimos numa aula de dois tempos de cinquenta minutos, tendo o primeiro tempo para assistir ao filme, e o segundo tempo de debate com os alunos. Onde discutimos os conceitos marxianos de exploração do

trabalho, de alienação, de mais-valia, dos próprios conceitos de capitalismo, socialismo, anarquismo, bem como de aristocracia, democracia e meritocracia. Conceitos esses que hoje em dia ganham nova perspectiva diante da produção em massa da indústria capitalista.

Diante de tudo o que foi visto durante o bimestre, das leituras dos conceitos de Política desde a Grécia Antiga, até a Modernidade e depois com os pensadores contemporâneos, e com a soma do vídeo documentário que assistimos, eu propus um debate final, onde os alunos iriam dar suas opiniões acerca do que era a Política para eles, tendo em vista agora toda a carga semântica que eles receberam dos autores lidos e debatidos durante o bimestre, bem com suas vivências particulares. Pedi a eles que fizessem grupos de 5 a 6 alunos, para o debate. Que levassem em conta o vídeo documentário que assistimos, e que trouxessem por escrito questões e apontamentos, ou sobre o vídeo ou sobre algum autor, ou ainda sobre algum autor lido fazendo link com o vídeo. Enfim. O que percebi desse trabalho foi que, os alunos se empenharam bastante na construção de um discurso que assumia suas ideologias, no sentido mais fraco e do senso comum ao termo. Isto é, de como suas convicções universalizantes sobre o conceito de Política se aplicavam em suas vidas. Mas que com o debate, e diante das questões que eles apresentaram, e que seus colegas deveriam responder, dentro dos grupos (pois assim foi o trabalho feito no final, onde os grupos apresentavam as questões políticas que lhes parecia interessantes, e cabia a um outro grupo escolhido uma resposta possível. Sendo que esse mesmo grupo deveria escolher outro grupo para apresentar uma questão, e assim por diante. E cada membro do grupo deveria dar um parecer de seu ponto de vista), os alunos, mesmo diante de todo conteúdo debatido e analisado, ainda estavam sob a égide da Ideologia dominante. E isso foi uma ‘chave’ para o próximo bimestre.

Nas minhas intervenções enquanto professor, eu deixei claro aos alunos que no próximo bimestre que se aproximava, nós iriamos debater todos os assuntos vistos por nós durante o ano, mas agora sob uma perspectiva diferente de antes. Pois iriamos discutir a Estética, a Ética, e a Política sob o fundo da Ideologia. Conceito esse que já havíamos falado de *en passant* durante todos os bimestres, e em todos os assuntos discutidos. Mas que no último bimestre seria nosso foco fundamental. Deixei claro a eles que várias de suas falas ainda estavam sob esse sintoma, que era o da Ideologia dominante, isto é, que várias de suas significações e determinações atributivas eram universalizantes, sem qualquer justificação racional para tal, e que precisavam de reflexão à luz do entendimento do conceito de Ideologia. E deixei também claro aos alunos que esse

conceito de Ideologia não seria finalizado no próximo bimestre; que eu enquanto professor não iria dizer a eles o que era exatamente o conceito de Ideologia, pois há muitas conceituações possíveis ao termo. E como já havíamos percebido, não só durante esse ano de 2018, no terceiro ano do Ensino Médio, mas bem como todo o Ensino Médio, que os conceitos de qualquer coisa não são herméticos e finais, mas que são cambiantes durante a história, que a linguagem é viva e se transforma, se adapta as circunstâncias e pode sempre se renovar. Assim, que o conceito de Ideologia não seria diferente, e que também não teríamos uma resposta final à sua significação, mas que teríamos muitas perspectivas, e que, através dessas ideias, pudéssemos repensar nossas falas e comportamento diante do mundo, e de nossa própria consciência, seja Estética, Ética, Política, e até Epistêmica, ou seja, diante de qualquer saber. Era preciso portanto uma análise de todos os vieses que se colocavam como possíveis, e disso, através de uma investigação detalhada da linguagem, pudéssemos construir nosso entendimento diante da existência.

Acredito que foi necessário esse caminho epistêmico para chegar onde eu queria. Ou seja, para então discutirmos a Ideologia, e para também o uso do produto didático que aqui venho propor. Material esse que depende de um processo conteudista. Mas não que necessariamente siga os conteúdos da SEEDUC RJ. O que quero dizer com processo conteudista é, a princípio, que siga caminhos de análise das perspectivas das falas e dos comportamentos dos alunos, diante dos conteúdos filosóficos que o professor apresente aos seus educandos durante os anos letivos de preparação até o uso do material proposto aqui na pesquisa. E por quê? Porque a ideia é questionar nos alunos seus conceitos diante das visões de mundo que eles vêm apresentando diante de seus discursos ante as questões filosóficas expostas na carreira do Ensino Médio na disciplina de Filosofia.

2.6 - Quarto bimestre: Ideologia

Chegamos praticamente no final do ano letivo de 2018, no quarto e último bimestre, onde o tema sugerido pela SEEDUC no CM são as chamadas “Perspectivas”, a saber, as visões acerca das ideologias que incidem nos seres humanos em todos os âmbitos de sua vida social. Assim, começamos nesse bimestre, no primeiro dia de aula já discutindo com os alunos o conceito de Ideologia. Fizemos nessa aula introdutória um debate. Eu lhes apresentei o tema e lhes questionei sobre o que eles pensavam sobre o significado de Ideologia. Disse a eles que levassem em conta todas as nossas discussões

durante o ano na hora de falarem o que eles pensavam sobre esse conceito da Ideologia. Ou seja, que repensassem com calma quando fossem me dizer o que achavam que era Ideologia. Pedi que eles lembrassem nossas discussões do primeiro bimestre sobre o que era ou não a beleza; que lembrassem que quando discutíamos o conceito do belo, vimos que a noção estética vai muito além de um "achismo", e que a filosofia vai adiante disso, buscando explicações racionais, sem preconceitos, onde se avalia todas as visões, tendo em vista não um esgotamento, mas sim o próprio processo reflexivo da linguagem que analisa o que se investiga. Pedi a eles também que relembrassem as discussões sobre o que achávamos "certo" ou "errado", e que refletissem sobre o que vimos no segundo bimestre, ao estudarmos Ética; que não esquecessem dos autores lidos e debatidos, e que eles também lembrassem que os conceitos morais podem ser discutidos à luz da filosofia ética com mais cuidado do que simplesmente dizer que "acha" que algo é "certo" "porque sim", mas que era preciso muito mais, deixando de lado todas as nossas convicções advindas da cultura do senso comum. Pedi a eles também que relembrassem nosso terceiro bimestre, antes das férias, onde debatemos bastante o que era Política sob um olhar filosófico, e não mais pensassem como antes, onde achavam que Política era apenas partidos, governantes, enfim, todo o sistema representativo dentro do capitalismo, mas que Política era algo bem maior, e que estava presente em todas as relações humanas, sejam institucionais ou não; enfim, pedi aos alunos, que antes de definir Ideologia para mim eles não apenas dissessem o que lhes viriam à mente de imediato, mas que relembrassem todas as implicações externas que incidiam em todos os conceitos por nós já estudados e refletidos. E foi exatamente aí que pude perceber um resultado interessante dessa interpelação.

Os alunos ficaram pensativos e até levemente apreensivos em responder ao que foi pedido. A princípio pareciam já querer responder. Mas quando eu os interrompi, mesmo antes deles falarem, pedindo que pensassem no que iriam responder, percebi neles esse pasmo e certo receio na hora da resposta. No entanto, depois de alguns segundos de um silêncio curioso nas turmas, eles então se manifestaram em suas opiniões. Opiniões diversas, mas bem previsíveis até. Mesmo diante do que eu pedi, os alunos deram conceituações sobre a Ideologia do tipo: "Ideologia é aquilo que acreditamos e seguimos na vida", ou "Ideologia é um tipo de crença", ou ainda "Ideologia é meu modo de viver. Eu tenho uma ideologia de vida, e vivo nela". Coisas desse tipo foram o que eles responderam. Alguns preferiram não responder. Foi aí nesse momento que eu, na função de professor, disse-lhes que o conceito de Ideologia, assim como todos os outros temas

que estudamos, durante esse ano de 2018, eram bem mais abrangentes do que imaginávamos. E a Ideologia não era diferente. Tudo o que envolvia esse tema da Ideologia era bem complexo, e ainda não havia uma conceituação final, fechada, onde todos os teóricos concordassem. Foi aí que eu apresentei a eles o filósofo Terry Eagleton. Mostrei a eles as conceituações que Eagleton recolheu em sua pesquisa sobre o tema, e que através dessas conceituações que Eagleton sugere à nossa reflexão será nosso ponto de partida do bimestre da análise da Ideologia nesse último bimestre.

Ao mostrar aos alunos as principais conceituações sobre o conceito de Ideologia sugeridos por Eagleton, nós fomos para uma nova fase das aulas desse bimestre final. Lemos os conceitos propostos e eu pedi a eles que pensassem sobre se os conceitos apresentados faziam algum sentido para eles diante do que eles pensavam antes dessa leitura de Eagleton sobre o conceito de Ideologia. Pedi também que escrevessem em seus cadernos um parágrafo curto, de no máximo cinco linhas sobre se algum dos conceitos sugeridos corroborava com o que eles pensavam, e se tinham alguns que não faziam sentido para eles. Pedi que escolhessem um conceito apenas que eles concordassem e um que eles não concordassem com sua significação e dissertassem em cinco linhas apenas. E depois analisei um por um. Dessa análise percebi alguns problemas que me fizeram repensar algumas questões referentes a dinâmica do mesmo, bem como nas atividades que propus na cartilha.

A introdução do tema durou três aulas, isto é, a primeira como prelúdio mesmo do termo, com aquele leve debate e apresentação dos alunos de suas perspectivas sobre o conceito de Ideologia, depois duas aulas para análise e estudo do que Eagleton fez de recorte dos significados recolhidos, e mais outra aula para debate das respostas do exercício por mim proposto de crítica dessas conceituações. A partir de então, na aula seguinte, apresentei o protótipo do produto didático que venho preconizar aqui nessa pesquisa. Mostrei aos alunos o videoclipe da música “Ideologia”, do Cazuza. Diante da música, do videoclipe e da letra os alunos puderam ver uma nova ótica da análise do tema.

Ao findar o processo de audiência do videoclipe, pedi aos alunos que voltassem às significações propostas por Eagleton e tentassem identificar na letra ou no videoclipe algumas daquelas sugeridas. Mas, dessa vez, eu pedi a eles que esquecessem suas crenças diante o que eles pensassem sobre a significação do que é ou não Ideologia. Mas que se ativessem ao autor, e que buscassem diante das ideias sugeridas, alguma transversalidade com a letra (ou com as imagens que o videoclipe sugeria). O que eu queria deles era que eles pudessem perceber novos âmbitos à significação da Ideologia. E, pude perceber que

eles até que conseguiram fazer o link nas ideias. Esse trabalho foi em grupo de 5 a 6 alunos. Pedi que eles apontassem na letra ideias que Eagleton sugeriu como sendo observáveis por ele que muitos chamavam de Ideologia, mesmo que não fosse exatamente Ideologia. Pedi apenas que eles interpretassem essa perspectiva de observação. E que através disso, discorressem de modo oral mesmo. Mas que percebessem que a Ideologia, assim como tudo o que já havíamos estudado, tinha muito mais significado do que podíamos imaginar.

Os alunos fizeram associações diversas. Muitos não conheciam os símbolos do videoclipe, tive de intervir com a explicação, falando em certos grupos que me perguntaram sobre esses símbolos, como numa breve aula de história, explicando do que se tratavam alguns dos símbolos, etc. Assim, alguns dos grupos falaram bastante dos símbolos, outros se ativeram na letra; em algumas estrofes; outros se ativeram ao refrão mesmo, onde a afirmação *"Ideologia, eu quero uma pra viver"* foi debatida em contraponto com as falas anteriores dos alunos, pois vários deles acreditavam que Ideologia era um modo de crença na vida e como seguir através dessa crença. Esse trabalho com a música e com o videoclipe foi bem interessante. No entanto, tenho que ressaltar alguns problemas que encontrei: os alunos não conheciam a música, e como no trabalho já feito por mim no segundo bimestre, onde utilizei músicas, os alunos tiveram certa rejeição à música que eles desconheciam. Mas, ainda assim, deixei que essa aversão primária não abalasse o trabalho. Continuei. Pedi a eles que abstraíssem esse sentimento, e que se ativessem à análise do termo. 2) a dinâmica da interpretação da letra com a associação dos conceitos que Eagleton sugere à reflexão tiveram que ser revistas na cartilha a um melhor desempenho de trabalho do(a) professor(a) em sala. E 3) tive de rever a questão do tempo de trabalho. Isto é, para uma melhor performance da cartilha e suas atividades propostas, tive de repensar o trabalho sob um olhar mais temporal das tarefas que o material quer sugerir acerca da introdução da análise crítica e conceitual da Ideologia para que não se alongue demais nem de menos**.** Claro é que precisei também não deixar o trabalho hermético, mas apenas como num cronograma, que pode ter alguma variação temporal de acordo com cada realidade que o(a) professor(a) encontrar pela frente. Eis portanto o maior desafio que terei de solucionar, e que acredito, com as experiências que tive e com as reflexões que tirei delas, espero que o trabalho seja de fato complementar e enriquecedor ao oficio dos professores de filosofia em sala.

2.7 – Qual conclusão foi tirada dessa experiência?

A partir de todo o processo letivo, durante esse ano de 2018, e com a experimentação do protótipo do produto didático, usado no terceiro ano do ensino médio no quarto bimestre, onde o tema da Ideologia surge, pude traçar os caminhos que me lavaram a reformulação do material proposto aqui nessa pesquisa. Todo o percurso trilhado por mim e minhas turmas do terceiro ano com o conteúdo indicado pela SEEDUC, mais minha didática trabalhada sobre esses conteúdos, bem como a aplicação do material, que ainda era experimental, delineou a forma e o conteúdo nele presente atualmente. E no próximo capítulo apresentarei como então esse produto didático proposto, que é a cartilha, tendo todos os passos que o professor deve trabalhar com seus alunos em sala, visando uma tarefa mais objetiva e dinâmica, acerca da análise conceitual da Ideologia. A ideia é a de evitar os problemas que passei com o material experimental, mas sabendo-se que cada turma e cada realidade escolar requer do professor sua própria dinâmica didática. No entanto, traçarei os caminhos que acredito ser o melhor à realização desse trabalho de análise, como uma introdução básica ao tema da Ideologia. Não há a pretensão de esgotamento do tema. Mesmo porque isso seria impossível e antifilosófico.

O que se quer com o material é uma introdução à análise crítica e conceitual da Ideologia, bem como uma fuga a um trivial trabalho que possa ser realizado em sala, visando um criativo e proativo modo de trabalho à linguagem da analítica, tendo em vista como os estudantes atualmente encaram as aulas não só de filosofia mas de quase todas as matérias. Assim, com todas as reformulações de forma e conteúdo do produto didático, espera-se que tanto o professor quanto os alunos possam ter uma experiência mais jocosa desse tema que é tão controverso muitas vezes, e ao mesmo tempo tão importante de ser trabalhado nas aulas de filosofia, sobretudo no atual momento do Brasil e do mundo, que é conduzido por ideologias dominantes, e que nem sempre são percebidas pelas pessoas na sociedade, mas que acabam por fazê-las se perpetuar, exatamente por desconhecer sua implicação nas vidas e nas instituições.

Toda essa experiência que tive com a tentativa inicial de aplicação do material ainda em forma não acabada, toda maneira trabalhada, enfim, tudo o que pude perceber em sala traçaram os caminhos que seguirei na confecção da cartilha que virá em anexo a essa pesquisa. A saber, novas atividades serão propostas no texto do produto didático para que o que se foi observado em sala como não sendo tão atrativo e confuso sejam reparados. Essa experiência de teste me ajudou a rever algumas ideias e desenvolver outras que tragam maior dinâmica e evite certos problemas didáticos em sala. Buscando

mais reflexão filosófica no trabalho proposto, e mais cuidado à análise conceitual e crítica da Ideologia nas atividades, desde o início do uso da cartilha. Esse será o desafio que fomentará o desenvolvimento desse material, ou seja, evitar rodeios desnecessários, prolixidade vã, falta de dinâmica, negação da autonomia crítica dos estudantes e sobretudo do professor. Não buscarei ensinar nem à(o) professor(a) seu ofício nem mesmo dizer o que é ou não Ideologia a ele(a); jamais teria essa pretensão. A ideia é mesmo a de uma sugestão de atividade mais dinâmica e introdutória aplicada à análise conceitual desse tema que julgo ser de importante discussão no Ensino Médio, pois estando os jovens em fase de formação de suas ideias, ao se pensar acerca de qual Ideologia incide sobre seus comportamentos ou mesmo sobre o sistema político ao qual esses jovens se inserem, eles têm maior preponderância a autonomia diante da realidade circundante. Espero conseguir ser o mais didático, dinâmico e que o material de fato traga à(o) professor(a) boas sugestões de trabalho em suas turmas sobre o tema da Ideologia.

O terceiro passo da cartilha será a apresentação do contexto histórico onde a canção de Cazuza "Ideologia" se insere. E por quê? Porque consideramos importante mostrar como o termo ideologia se fez significativo de ser pensado, cantado, e até debatido tanto na época mesma da composição e lançamento da canção, quanto ainda hoje o é.

O momento histórico em que Cazuza se localiza nesse álbum, que é autointitulado "Ideologia" tem grande pertinência com todo o tema da canção mesma. Pois toda uma renovação das ideias acontecia no Brasil e no mundo. Novas crises no capitalismo, na política, nos comportamentos humanos, na ecologia e na própria arte apontavam que o mundo estava se tornando algo realmente bem diferente do que nas décadas anteriores. O final dos anos 80, início dos 90, essa nova década que se iniciava trazia novidades e ao mesmo tempo insegurança para os indivíduos na sociedade. Cazuza, que como é sabido, sofreu com a AIDS, que era uma doença intratável ou de um tratamento ainda radical, do ponto de vista da recuperação, etc, ele viveu na pele esses aspectos, e tudo isso parece ter incidido na composição dessa canção, e, é claro, todo o contexto político que ocorria no Brasil e no mundo: fim da Guerra Fria, catástrofes ecológicas, desesperanças com o comunismo e o fim eminente da antiga URSS, entre outras coisas, tudo isso apontando para o que viria se transformar a próxima década. Assim parecia, portanto, que a noção de ideologia se esvaziava a tal ponto de querer se buscar uma nova ideologia, ainda inexistente, ou que pelo menos se funda-se uma ideologia que mesclasse aspectos de ideologias anteriores já pregadas, mas que fosse uma nova ideologia. A ideologia pela

qual Cazuza cantava e desejava parecia não existir, parecia evanescer nas ideologias que outrora existiram mas que aparentemente não deram conta de mudar o mundo para melhor, pelo menos essa é a ideia de desesperança que o rapaz que “olha tudo em cima do muro” da letra parece cantar.

Ter um mínimo de conhecimento do momento histórico que a canção foi composta e lançada nos dá uma panorama geral de como o conceito de ideologia é importante de ser discutido na escola no Ensino Médio, para que os jovens percebam como a ideologia incide nas vidas dos cidadãos de todas as sociedades, e que não há um ser humana sequer que fique de fora da influência de uma ideologia, seja consciente ou inconscientemente, e por isso, compreender um mínimo que seja desse conceito é de fundamental importância para a autonomia ou no mínimo para uma possível transformação da sociedade futura.

3 – APRESENTAÇÃO DETALHADA DO PRODUTO DIDÁTICO – A CARTILHA E SUAS IMPLICAÇÕES

3.1 – Introdução

O que se segue neste capítulo é um detalhamento do produto didático aqui proposto, que é uma cartilha de apoio ao professor. Assim, formulamos um material que o(a) professor(a) irá utilizar como complementar aos livros didáticos, através disso pode trazer aos seus alunos novas questões acerca da análise conceitual do tema “ideologia”.

A ideologia, como muito já dito nos capítulos anteriores, é um tema que acreditamos ser de suma importância ser estudado, sobretudo nos tempos atuais, onde várias forças condicionam o agir humano em sociedade. Desse modo, ao se estudar um tema como a ideologia, os estudantes tendem a refletir melhor sobre a origem de suas ideias e como elas agem tanto no foro íntimo de cada indivíduo, como também no âmbito social, conduzindo os jovens estudantes a uma melhor autonomia e melhor estabelecimento de suas faculdades no trato social.

A cartilha baseia-se nas análises conceituais da ideologia bem como as atividades sobre a canção “Ideologia”, de Cazuza, que já no seu título nos instiga a pensar o sentido dessa palavra, aparentemente simples, mas que guarda um campo semântico amplo e complexo. A escolha dessa música se sustentou por toda importância que teve para o Brasil no final dos anos 80, pois ela retomou um tema que grande importância a ser refletido, que é a “ideologia. Quando em seu refrão, que diz: “Ideologia, eu quero uma pra viver” nos incita a um questionamento filosófico que julgamos pertinente, que é: será mesmo que precisamos de uma ideologia para viver? A vida realmente precisa de uma ideologia para acontecer? Mas qual ideologia afinal de contas? Questões como essas nos fizeram desenvolver esse produto didático, nos utilizando da canção, da força de sua letra, das imagens simbólicas do videoclipe, bem como todos os questionamentos que decorrem dessas análises da própria canção e do histórico conceitual que abrange o termo "ideologia”.

3.2 – Panorama geral da cartilha

A cartilha proposta aqui segue o seguinte plano: primeiramente há as considerações iniciais, ou seja, uma introdução textual, apresentando a ordem da cartilha e o que ela se propõe**.** Na sequência, apresentamos a letra da canção do Cazuza, "Ideologia", para que o(a) professor(a) siga com os alunos ao assistir o videoclipe. No item a seguir da cartilha apresentamos as imagens simbólicas que aparecem no videoclipe oficial da música "Ideologia", do Cazuza. Essas imagens ajudam na no debate sobre os conceitos de ideologia que serão trabalhados mais adiante. Através, portanto, da análise dos conceitos de ideologia associados com a letra e o videoclipe da canção, tanto o(a) professor(a) quanto os estudantes terão uma base epistêmica aos exercícios que se seguirão a apreciação da música. Após a apreciação da música com a letra e o videoclipe, há na cartilha uma breve contextualização histórica sobre o ano em que a música do Cazuza foi lançada. Essa contextualização foi importante para situar como esse ano de lançamento da canção, ano de 1988, foi propício a essa temática da ideologia que a música se ateve. E por último na cartilha vêm as propostas de atividades. Serão três atividades sobre a canção e o videoclipe. São elas: **1. desmembramento das concepções de ideologia sob 3 (três) questões.** Que consiste primeiramente na apresentação das concepções prévias de ideologia. E através da leitura e apresentação dessas concepções, virá um questionário, onde os estudantes terão a oportunidade de exercitar sua argumentação crítica sobre as análises feitas acerca dos conceitos de ideologia previamente vistos. Há também uma sugestão de resposta para cada questão; **2. Seminário – exame das imagens simbólicas do videoclipe.** Separamos e colocamos na cartilha as imagens simbólicas que aparecem no videoclipe, e através da análise desses símbolos o(a) professora, de acordo com sua realidade escolar, distribuirá em forma impressa essas imagens simbólicas, ou mesmo desenhar no quadro, ou usar projeção, enfim, da forma possível à sua realidade, e, disso fomentar uma discussão sobre as ideologias por trás de cada símbolo, e sobre qual conceito prévio se encaixa cada símbolo. O(a) professor(a) pedirá a manifestação dos alunos sobre essas análises dos símbolos de forma escrita ou mesmo oral; e **3. Análise das músicas / videoclipes.** Além da música do Cazuza "Ideologia", sugerimos mais 3 (três) canções e seus respectivos videoclipes para que os estudantes os analisem e associem às letras e/ou os videoclipes com algumas das concepções de ideologia apresentadas. Os alunos irão na sequência redigir um texto argumentativo, onde eles expliquem porque eles acreditam que tais canções e suas letras se associam com a concepção escolhida. A ideia é que os alunos trabalhem a argumentação e a interpretação filosófica.

3.3 – Por que Terry Eagleton e suas concepções?

Escolhemos o autor supracitado porque ele nos apresenta uma síntese muito bem elaborada das questões principais que permeiam o tema da ideologia. Eagleton em seu livro "Ideologia – uma introdução" faz um apanhado geral das principais discussões contemporâneas acerca da ideologia. Ele nos mostra de forma clara, ou o mais que isso possa ser possível diante de um tema tão denso, como a ideologia se apresenta atualmente nas discussões filosóficas.

Logo no primeiro capítulo, Eagleton nos apresenta dezesseis concepções que ele afirma ser as mais comuns dadas à ideologia. E através dessa coletânea de significados principais, seguimos analisando todas elas diante do texto que se seguiu nos capítulos posteriores. Eagleton tenta mostrar a relevância e os problemas que essas concepções suscitam, e é a partir disso que nos utilizamos na cartilha.

Eagleton, durante todo o decorrer desse livro tenta mostrar como o termo ideologia é complexo, e muitas vezes confuso na sua significação. O filósofo nos apresenta diversas tentativas de conceituações do termo ideologia na história da filosofia, e tudo o que esse tema suscita. No livro, Eagleton reúne o que ele acredita ser as principais discussões e problemas acerca do conceito de ideologia, e traça uma crítica suscinta e bem didática, e por isso mesmo se trata de uma "introdução" ao debate, uma vez que o tema é longo e complexo, mas ele se atém aos problemas mais contemporâneos que o termo evoca. O filósofo britânico se utiliza de uma linguagem simples e objetiva, provoca questões interessantes diante de conceituações consagradas de ideologia, e analisa essas ideias, nos colocando novas indagações, que nos faz repensar a crítica.

Escolher Terry Eagleton como autor base desse trabalho foi fundamental, pois o tema ideologia na atualidade é de suma importância, pois ao repensarmos a ideologia nos faz repensar inúmeros outros temas como a política, a sociabilidade, o comportamento, a economia, a estética, e o próprio ensino. Eagleton, como autores que lhe influenciaram nessa sua pesquisa e crítica da ideologia, nos mostra que é preciso repensar o conceito de ideologia hoje em dia para que o horizonte da nossa crítica e análise do mundo seja mais assertivo e não mais um artifício falseador de uma ideologia dominante.

3.4– Por que trabalhar com música?

Desde a Grécia antiga a música está presente na educação. O ensino de música sempre foi visto pelos antigos como fundamental a aprendizagem tanto quanto a matemática e a filosofia. O próprio Pitágoras, filósofo e matemático grego afirmava que a música agia diretamente no corpo humano, trazendo reações únicas, sem falar nas relações numéricas que os sons musicais têm. A noção mesma de harmonia para Pitágoras e consequente para o mundo grego antigo perpassa a música e a matemática. Essa relação é fundamental para o mundo grego clássico. Até Platão, no livro VII da República, afirma que que a Harmonia e a Astronomia são ciências irmãs, tudo isso por causa das descobertas e especulações de Pitágoras acerca da chamada "Música das esferas", que, segundo Pitágoras o movimento dos astros produz modos musicais, isto é, deles emanam sons, que ainda que nossa percepção não consiga extraí-los, eles estão lá, e tudo isso dado as relações matemáticas que há entre essa noção harmônica. Segundo Vera Pessagno Brescia: "Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura" (BRÉSCIA, 2003, p.31). E Platão bebeu dessa fonte pitagórica. Boa parte de seu processo didático tem influência dessa escola pitagórica, que afirma que a Harmonia tem papel fundamental na aprendizagem da realidade. Em muitos trechos da República, Platão afirma que a harmonia se reflete tanto na saúde psíquica do ser, quanto na ordem pública da própria República. Desde a Grécia Clássica até o Renascimento, as chamadas "Sete Artes Liberais", a saber, os chamados "Trivium" (Gramática, Dialética e Retórica) e o "Quatrivium" (Geometria, Aritmética, Música e Astronomia) estavam presentes na educação proposta por Platão como forma de um "Curriculum" básico fundamental. Vê-se que a música estava lá, e que ela era tão importante como qualquer um dos outros saberes propostos.

Tendo essa base epistemológica histórica como de alta importância, acreditamos que a música é de grande valia ao ensino-aprendizagem dos jovens. Como nos afirma Gainza (1988, p.22) ressalta que: "A música e o som, enquanto energia estimula o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no 'a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau". E foi pensando nisso que nos utilizamos da música como estímulo ao ensino de filosofia nesse trabalho proposto no produto didático, a cartilha de auxílio ao professor. Tendo em vista que a música estimula, movimenta, eleva o espírito, tranquiliza, e melhora a concentração dos seres humanos, assim, se utilizar da música é um recurso didático grandioso no âmbito escolar, uma vez que o ensino em sala de aula pode ser pouco atrativo, sobretudo no histórico da educação

sob o capitalismo, onde os estudantes são tratados como máquinas ou mesmo com desdém diante do conhecimento e da aquisição da crítica, assim, a música tende a uma transformação didática incrível no que tange a aprendizagem. E, falando do ensino de filosofia, disciplina que é tratada com tamanha indiferença, especialmente no Brasil, por isso, a escolha da utilização da música foi fundamental à mudança dessa ideia. Com a música tentaremos trazer aos estudantes um novo olhar sobre as aulas de filosofia e sobre o tema da ideologia.

3.4.1– E o porquê da canção “Ideologia” do Cazuza?

Na busca mesmo da aplicação da música como recurso didático, buscamos uma canção que sintetizasse o tema da ideologia, tema central do trabalho proposto. Assim, a canção “Ideologia” do Cazuza nos foi peça chave dessa idealização acerca de como trabalharíamos a análise do tema. Pois essa canção, com sua letra que é bem sintética, no que tange o tema da ideologia, aparece de modo a nos proporcionar uma reflexão bem didática no ensino médio.

Em cada verso e inclusive e sobretudo no refrão podemos fazer análises dos significados sugeridos por Eagleton em seu livro que aqui usamos como base. E foi pensando exatamente nisso que escolhemos essa canção como escopo do produto didático proposto. Isso foi o que fizemos nas sugestões de atividades incluso no material anexo. Há ademais sugestões de outras canções que o(a) professor(a) pode se utilizar como base auxiliar, no entanto se apenas se utilizar dessa canção do Cazuza, cremos ser o suficiente a uma introdução à crítica da análise conceitual do tema “ideologia”, pois nessa canção o(a) professor(a) tem pelo próprio conteúdo da letra mais a base conceitual sugerida um suporte para essa análise introdutória do tema de modo dinâmico com seus alunos através da música e tudo o que isso suscita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica da ideologia é um tema complexo, que perpassa várias áreas do conhecimento, como a sociologia, a psicanálise, a história, e a filosofia. E é na filosofia que queremos nos ater. Cremos que o tema seja de total pertinência à filosofia, uma vez que a ideologia atravessa a epistemologia, a filosofia da mente, a ética, a estética e a política. Através do estudo da ideologia, o estudante tende a refletir melhor sobre esses temas primordiais da filosofia. Ele, com essa análise conceitual e crítica da ideologia, enxerga a filosofia de modo mais abrangente, pois ao estudar a ideologia percebe muitas novas questões que por vezes ficam apenas no campo das ideias, no campo mais metafísico, mas que, com a crítica da ideologia, essas ideias são vistas e aplicadas na vida prática. A pertinência do tema da ideologia se valida pelo quanto a questão permeia a vida da sociedade como um todo, e a escola não seria diferente. A ideologia é um conceito primordial à compreensão da vida. Os comportamentos humanos não estão separados das ideias imanentes a eles, isto é, cada movimento do homem em sociedade, em relação com outros seres humanos, em tudo isso a ideologia se faz presente. Desde De Tracy até Marx, chegando nos contemporâneos, esse conceito de que há um corolário de ideias que rege os comportamentos dos homens no trato social, e de que o estudo de sua gênese ajudaria a melhor conhecer o próprio homem enquanto indivíduo, e assim, portanto, se podendo então até traçar novos e melhores atuações comportamentais diante do mundo político. Tal conceito tem grande relevância às ciências humanas, e é isso que queremos reiterar aqui com essa pesquisa e material proposto, pondo à guisa de introdução a ideologia.

As contribuições que a crítica do conceito de ideologia trouxe à reflexão filosófica são fundamentais para uma profunda compreensão da constituição mesma do homem na existência, uma vez que o homem, tal como Aristóteles nos afirma, é um animal político, isto é, precisa viver em relação com os outros, e portanto, está necessariamente diante da liberdade, do estranhamento do outro e de seus desejos, das distinções da própria natureza, que lhe afeta, assim, as ideias que o homem tem, ao contrário da gênese de De Tracy, não são meramente fisiológicas e orgânicas, mas primordialmente históricas, como nos afirma Marx; essas ideias estão arraigadas na cultura, no tempo, no espaço específico, e portanto, todos esses atributos inferem diretamente das ideias geradas por alguém, além da sua própria biologia pura e fria. A biologia sempre que foi analisada esteve presente num espaço/tempo específico, e um cientista que não levar isso em conta, não será preciso em seus diagnósticos. Quanto mais o homem conhece o que conduz seus desejos e atos

na vida, quanto mais administra o controle das ideias que gerem essa condução, mais esse homem adquire autonomia, e, com mais autonomia, mais aumenta sua liberdade e poder; não o poder dominador, mas o poder de diminuição das angústias, daquilo que extingue a vida, e portanto, aumentando aquilo que faz a vida mais plena e sem ressentimento. Conhecer a ideologia, sua origem conceitual e sua implicação, é trazer à tona a face da realidade, isto é, só através de uma melhor reflexão sobre ideologia é que se pode falar em conhecimento, pelo menos no sentido das relações políticas. É como na pergunta que Freud fazia às mulheres em seu consultório *"o que é que vocês querem?"*; ao se descobrir o que pretendemos com uma ideia qualquer que nos é imposta, ou até mesmo a que pretendemos impor ou nos impor; só quando se compreende todo o leque ideológico que ronda a resposta dessa pergunta freudiana é que se pode falar de real consciência social e política. Há no estudo da Ideologia uma sugestão ontológica do homem no mundo, que é, pois, político, isto é, existem outros homens, com ideias diferentes uns dos outros, e, que, precisam se relacionar; a vida se revela relacional, e as ideias também.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek, num artigo intitulado "O Espectro da Ideologia", presente no seu livro coletânea de textos de pensadores contemporâneos famosos sobre o tema da ideologia, chamado "Um Mapa da Ideologia" (1996), ali, Zizek, logo no primeiro parágrafo já nos fala da pertinência da crítica da ideologia na contemporaneidade:

> À guisa de simples reflexão sobre como o horizonte da imaginação histórica está sujeito a mudança, vemo-nos, in medias res, obrigados a aceitar a inexorável pertinência do conceito de ideologia. Até uma ou duas décadas atrás, o sistema produção-natureza (a relação produtivo-exploratória do homem com a natureza e seus recursos) era percebido como uma constante, enquanto todos tratavam de imaginar diferentes formas de organização social da produção e do comercio (o fascismo ou o comunismo como alternativas ao capitalismo liberal); hoje, como assinalou Fredric Jameson com muita perspicácia, ninguém mais considera seriamente as possíveis alternativas ao capitalismo, enquanto a imaginação popular e assombrada pelas visões do futuro "colapso da natureza", da eliminação de toda a vida sobre a Terra. Parece mais fácil imaginar 0 «fim do mundo" que uma mudança muito mais modesta no modo de produção, como se o capitalismo liberal fosse o "real" que de algum modo sobrevivera, mesmo na eventualidade de uma catástrofe ecológica global... Assim, pode-se afirmar categoricamente a existência da ideologia *qua* matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável. bem como as mudanças nessa relação. (ZIZEK *et al*., 1996, p.7).

Se pensarmos, portanto, no contexto do ensino médio, estudar política é mais do que imprescindível. E é no campo do estudo da política que o conceito de ideologia se

apresenta. Como um indivíduo, consciente de si, consciente portanto de sua participação no mundo natural e social, como esse sujeito poderia se denominar como tal, independente, autônomo, sem criticar a ideologia?!, conceito tão imanente a essas questões de consciência e autonomia humanas. Os jovens estudantes, ao entrar em contato com a crítica da ideologia, entram também em contato com a própria formação de sua consciência de existência, uma vez que a crítica se pretende mostrar os âmbitos de atuação da ideologia, e que tem influência direta na formação dos desejos humanos, e por conseguinte, no modo como ele se coloca no mundo social. E essa inserção diante da crítica política da ideologia, faz com que os alunos desconstruas suas visões de mundo, reconstruindo um novo *modus operandi* para si. Isso não acontece por nenhum dogma moral que haveria na crítica da ideologia (aí já funcionando como uma ideologia sobre a ideologia); tal como uma doutrinação, como acusaria o famigerado projeto *Escola Sem Partido*, que insiste em dizer que quando professores fazem certas críticas da realidade, na verdade querem impor algum tipo de comportamento e/ou ideologias, mas, na verdade, é o contrário, ao incitar os estudantes do ensino médio à crítica da ideologia se objeta na formação de autoconsciência do educando, bem como seu portar-se no mundo político, cultural e social. E para tanto, podemos nos utilizar da fala de Terry Eagleton (1997), onde o filósofo inglês nos adverte para o delicado conceito de ideologia, apontando o cuidado pelo qual a crítica deve operar, tal como o caso da crítica do ESP, pelo qual o professor e os alunos precisam estar bem embasados sobre o tema, evitando assim algum cerceamento fascista do conhecimento mesmo do conceito de ideologia e dos seus âmbitos de atuação no indivíduo e na sociedade como um todo:

> "Estudar ideologia", escreve John B. Thompson, "é estudar os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação". Essa é, provavelmente, a única definição de ideologia mais amplamente aceita, e o processo de legitimação pareceria envolver pelo menos seis estratégias diferentes. Um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo ideias que possam desafiá-lo; excluindo formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e obscurecendo a realidade social de modo a favorecê-lo. Tal "mistificação", como é comumente conhecida, com frequência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais. Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexas. (EAGLETON, 1997, p.19)

Vê-se, à vista disso, que esse estudo da crítica da ideologia, introduzido pelo professor de filosofia no ensino médio se faz necessário, sobretudo, levando-se em conta a ideia da inevitabilidade de uma ideologia, quando, portanto, os estudantes possam estar diante da consciência crítica da ideologia, os mesmos podem assim, descontruir o que lhes incide de modo pejorativo, e destarte, reconstruir uma nova vida, sob um novo viés transformador de suas condições desfavoráveis. E, sobre essa ideia de *desconstrução* pela educação, em busca de uma autonomia, nos fala Paulo Freire (1996):

> Creio que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência, é aquele em que se treinam os alunos para práticas apolíticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra. Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, 1996, p.38)

O estudo da ideologia é extremamente pertinente à educação, precisamente, por dar ao educando a oportunidade de repensar seu papel no mundo enquanto indivíduo natural e cidadão social. Deixar esse estudo de lado, não acreditar nessa crítica como pertinente só faz com que mais e mais dominação ideológica se recaia sobre os jovens estudantes, que serão os futuros trabalhadores alienados ao capital num futuro não tão distante assim. Mostrar-lhes o quanto a ideologia permeia suas vidas é de enorme contribuição à consciência de si e de classe. E foi pensando nisso, que após extensiva análise dos oito livros didáticos do PNLD de filosofia, percebemos que o tema da ideologia não é muito valorizado. Mesmo nos livros onde o tema ganha certo destaque, seja com um capítulo inteiro ou mesmo num subcapítulo, percebemos que ainda faltam nos livros uma melhor dedicação à crítica da ideologia, coisa que cremos ser de suma importância dentre os temas que a filosofia se propõe discutir no ensino médio. E é por esse motivo, precisamente, que se faz necessário um produto didático exclusivo voltado ao tema da ideologia e sua crítica. E, pensando nisso, que propomos aqui nessa pesquisa essa cartilha que segue anexa.

Ainda que saibamos que o tema da ideologia seja extenso, cheio de implicações epistemológicas densas e de variada literatura sobre o tema, que tentamos, de maneira mais sintética e didática possível, desenvolver um produto didático de apoio, que o(a)

professor(a), não substituindo os livros do PNLD, mas usando a cartilha como um adendo ao tema, pois vimos que alguns dos livros não dedicaram sequer um parágrafo ao conceito. Assim, esperamos que o material, que com o auxílio da música e do videoclipe e suas imagens, possa servir de colaboração ao seu método de trabalho e também de contribuição aos artifícios que o(a) próprio(a) professor(a) já se utiliza em sua realidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund Dialética negativa. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Edunesp, 2009.

_____, T.W. & HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____, T. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ALTHUSSER, Louis. *A Favor de Marx.* 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_____. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando – Introdução à Filosofia. 6ª edição. São Paulo: Moderna, 2016.

BOBBIO, Norberto, 1909- Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BRASIL. *Ciências Humanas e suas tecnologias. Filosofia: Módulo 1, vols. 1 e 2; e Módulo 2, vols. 1 e 2* – Ciências Humanas / Alexandre Cabral ... [et.al.]. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ (NOVA EJA).

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. In:* Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Filosofia)*. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Parte IV – Conhecimentos de Filosofia)*. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais Complementares (PCN+ - Filosofia)*. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf

BRÉSCIA, V. L. P. Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CAZUZA. Ideologia. **Ideologia** Universal Music Group, 1988.

CHAUÍ, Marilena. Iniciação à Filosofia. São Paulo: Ática, 2016.

_____, Marilena. *O que é Ideologia?*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

CLAUZADE, L. *L'idéologie ou la révolution de l'analyse*. Paris: Gallimard, 1998, pp. 28 – 29 (citação retirada do artigo de Pedro Paulo Pimenta, *Os antípodas franceses de Kant.* Cadernos de Filosofia alemã | nº 19 | pp. 161-174. Jan-jun de 2012.)

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. Fundamentos de Filosofia. 4ª edição. São Paulo: Saraiva, 2016.

EAGLETON, Terry. Ideologia. Uma introdução / Terry Eagleton; tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FIGUEIREDO, Vinicius de; REPA, Luiz; CUTER, João Vergílio Gallerani; *et al.* Filosofia: temas e percursos. 2ª edição. São Paulo: Berlandis & Vertecchia, 2016

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAINZA, V. H. de. Estudos de psicopedagogia musical. Tradução de Beatris A. Cannabrava. 2.ed. São Paulo: Summus,1988.vol.31.

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

JURDANT, Baudouin. A comunicação científica da ignorância. LÍBERO - Ano IX - nº 18 – dez. 2006.

KANT, I. *Resposta à pergunta Que é Esclarecimento?*. In: _. *Textos seletos*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985. P. 100-117.

KONDER, Leandro. A questão da Ideologia. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro onze – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

LÖWY, Michael. Ideologias e ciência social :elementos para uma análise marxista I Michael Lõwy. -19. ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. 2° ed. Trad. de Sérgio M. Santeiro, rev. técnica de César Guimarães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,1972.

MARX, Karl. *O Capital. Posfácio da 2ª. Edição. Tradução de Rubens Enderle. SP: Boitempo. Edição eletrônica, p. 129.*

_____, K. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Lisboa: Presença, 1983.

_____, K. e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. SP: Martins Fontes. 2001.*

_____, *Teses Sobre Feuerbach.* Publicado pela primeira vez: por Engels, em 1888, como apêndice à edição em livro da sua obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*, Estugarda 1888, pp. 69-72. Publicado segundo a versão de Engels de 1888, em cotejo com a redação original de Marx. Traduzido: do alemão por Álvaro Pina. HTML por Jørn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00.

Copyright: © Direitos de tradução em língua portuguesa reservados por Editorial "Avante!" - Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982.

MELANI, Ricardo. Diálogo: primeiros estudos em Filosofia. São Paulo: Moderna, 2016.

PIMENTA, Pedro Paulo. *Os antípodas franceses de Kant* (artigo). Cadernos de Filosofia alemã | nº 19 | pp. 161-174. Jan-jun de 2012.)

PLATÃO. A República. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SLOTERDIJK, P. Crítica da razão cínica. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

_____. Et al. Um mapa da ideologia. Tradução de Vera Ribeiro. Contraponto, 1996.

_____, S. Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

APÊNDICE: PRODUTO DIDÁTICO (CARTILHA PROPOSTA AO PROFESSOR)

IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VIVER?!

CARTILHA PROPOSTA À(O) PROFESSOR(A)

Índice

Considerações iniciais ---------- 89

Apresentando a letra da música - ---------- 91

As imagens simbólicas que aparecem no videoclipe---------- 92

Um breve contexto histórico da música *Ideologia*, de Cazuza---------- 95

Sugestões de atividades ---------- 103

Sugestões de vídeos ---------- 109

Considerações finais ---------- 110

Referências bibliográficas ---------- 112

Considerações iniciais

Caro(a) professor(a), esse material aqui proposto tem como objetivo lhe auxiliar na condução de aulas sobre o tema da Ideologia. O que se segue adiante não se pretende, de forma nenhuma, como um material de ensino de seu ofício, mas sim como uma sugestão complementar de trabalho, onde a dinâmica da música e do videoclipe sugeridos serão meios de se introduzir novas questões e reflexões ao tema da Ideologia no Ensino Médio. Todas as questões e exercícios aqui propostos não são herméticos, sem que se possam serem alterados, isto é, você professor(a) pode se utilizar desse material de acordo com a realidade de sua escola e de seus alunos, seja acrescentando novas questões e atividades, ou até mesmo transformando as que foram sugeridas. O que fizemos aqui foram possíveis maneiras de se trabalhar o tema da Ideologia unidas à música e ao videoclipe, mas que também podem ser usadas outras músicas, como apresentaremos também em recomendação.

Toda a pesquisa feita para a criação desse material se baseou tanto no histórico do termo Ideologia como suas aplicações ao longo do tempo e do uso mesmo do senso comum. O que se pretende, portanto, com o material é colocar à guisa de análise o conceito de Ideologia e também sua aplicabilidade na vida efetiva dos estudantes. Assim, com o tema sendo debatido sistematicamente, crê-se que a realidade pode ser transformada, ou no mínimo considerada sob um novo viés, tendo em vista as forças ideológicas que incidem nos indivíduos na existência, seja em seus desejos, seja em suas conduções morais, estéticas e políticas. O que se pretende com o produto didático é auxiliar seu trabalho, professor(a), para que o tema da Ideologia ganhe nova força reflexiva no currículo escolar e na aplicação em sala de aula, tendo em vista uma certa carência nos livros didáticos do Ensino Médio acerca de conceituações que consideramos importantes à análise da ideologia. Destarte, esse material que aqui se segue quer não facilitar seu trabalho, mas sim lhe sugerir caminhos possíveis de trabalho sobre o tema da Ideologia, do mesmo modo que quer também agregar o audiovisual no âmbito da sala de aula unido à filosofia e seus problemas, pois esses recursos tendem a uma atividade mais proativa com os jovens estudantes, uma vez que esses artifícios do audiovisual aproximam os alunos do tema, haja vista que no mundo contemporâneo os jovens estão conectados com o que há de mais moderno ligado à

tecnologia, portanto, com tais recursos, o tema da Ideologia terá mais abertura para as discussões em sala durante o bimestre onde o material será trabalhado.

Apresentamos, além da música e do videoclipe, algumas propostas de questões que julgamos ser importantes para uma introdução da análise conceitual da Ideologia. Expressamos aqui no material também propostas de exercícios, debates, e os principais problemas concernentes ao tema em questão. Com esse produto didático o tema da Ideologia será mais atrativo e mais aproximado à realidade dos estudantes do que mera explanação teórica na sala de aula. Com o recurso dinâmico do audiovisual, você, professor(a), abre um leque de possibilidades para trabalhar o tema. Portanto, esse material não é hermético, mas sim sugestivo. Onde, através de sua criatividade e realidade de sua escola e região de trabalho, é capaz de acrescentar ideias que trarão mais desenvolvimento dos conceitos que regem o problema da Ideologia.

Sabemos de todos os desafios que a filosofia encontra no ensino brasileiro, e, a partir disso, tentamos fomentar um material que fosse ao mesmo tempo atrativo aos estudantes, objetivo e dinâmico ao professor, e filosófico no seu sentido mais puro, a saber, aquilo que movimenta a razão e o questionamento diante da realidade dada. Assim, esperamos que esse material possa ser de bastante contribuição ao seu trabalho em sala acerca desse tema, como também de auxílio aos estudantes na reconstrução de seus olhares diante da realidade.

Apresentando a letra da música

Abaixo segue a letra exatamente como está na gravação original, com suas repetições e na ordem. E na sequência algumas das imagens que aparecem no clipe. Caso não seja possível, pelo motivo que seja, do não uso do clipe no trabalho, não há nenhum problema, o trabalho aqui proposto não será prejudicado, e o(a) professor(a) pode se utilizar das imagens sugeridas aqui como auxílio nas questões e nas análises propostas:

Ideologia – A letra

Ideologia
Cazuza / Frejat

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões
Estão todas perdidas
Os meus sonhos
Foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Ah! Eu nem acredito

Que aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Frequenta agora
As festas do Grand Monde

Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Eu quero uma pra viver

O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs
Não tem nenhum rock 'n' roll
Eu vou pagar
A conta do analista
Pra nunca mais
Ter que saber
Quem eu sou
Ah! Saber quem eu sou

Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro
Em cima do muro!

Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Pra viver

Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro
Em cima do muro

Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Pra viver
Ideologia!
Eu quero uma pra viver

As imagens simbólicas que aparecem no clipe

Colocamos abaixo os símbolos que aparecem no videoclipe para que o(a) professor(a) se utilize deles no decorrer do trabalho com a música e o próprio videoclipe, a fim de discorrer sobre os aspectos ideológicos contidos nesses símbolos. Com o auxílio dessas imagens, o(a) professor(a) terá um suporte visual na associação de sentidos da ideologia, indicando certos caminhos que lhe permita trabalhar com a letra da música e com a análise canônica da ideologia.

O *A* do anarquismo



O *A* no círculo é o símbolo anarquista mais conhecido. A letra "A" vem da primeira letra da palavra "anarquismo" na maioria das línguas europeias e é a mesma tanto no alfabeto latino quanto no alfabeto cirílico. Já o "O" simboliza a ordem. Juntos eles significam "Anarquismo é Ordem", a primeira parte de uma das mais famosas citações de Proudhon.

A estrela de Davi com a Suástica no meio.



Estrela de Davi é um símbolo utilizado pelo judaísmo e por seus adeptos, além de outras doutrinas como Santo Daime no Brasil.

Já a suástica invertida (卐) símbolo é um símbolo controverso. Surgiu primeiramente como um símbolo religioso de muitas religiões orientais. Mais tarde foi cooptado pelos alemães nazistas, sendo invertida a cruz do original.

A imagem do Cristo junto com o cifrão



Dois símbolos aparentemente discrepantes. O cifrão é o símbolo oficial que representa o dinheiro. E o outro a imagem oficial da Igreja Católica de Cristo, o principal personagem daquela religião.

A foice e o martelo

Esse símbolo surgiu no Estado Soviético, e representava a união entro os trabalhadores do campo (a foice) e os trabalhadores operários da cidade (o martelo). O símbolo foi cooptado por outros países onde a luta socialista se intensificava pelo mundo, até se consolidar como o símbolo oficial do Comunismo.



Um breve contexto histórico da música *Ideologia*, de Cazuza

Introdução

É preciso antes de mais nada expor em qual contexto histórico a música aqui trabalhada na cartilha foi composta. Pois, é exatamente sob esse contexto que, ao nosso ver, a análise das ideias sobre a Ideologia na música se fixa, uma vez que seu autor, Cazuza, usa certos símbolos e certas ideias, aparentemente, "datadas" nos versos da canção. O que queremos dizer com isso é que a pergunta aqui sugerida "Ideologia, eu quero uma pra viver?!" tem, através do contexto histórico mais expressão, no sentido mesmo de todo o processo político e social de então. Haja vista toda reviravolta que ocorria tanto no Brasil quanto em todo o mundo da época, e, portanto, toda uma falta de novas perspectivas que incidiriam anos depois no planeta, diante do novo capitalismo que viria surgir, sobretudo com as novas tecnologias digitais e com a automação do trabalho, que hoje já é uma realidade e que propaga ideologias com muito mais força do que na época da música, mas que já estava sendo, como numa profecia, anunciada por Cazuza. Coisa que nos proporciona uma rica fonte de debates filosóficos sobre o tema em questão.

Relataremos aqui, tão somente, fatos históricos que acreditamos ser de suma importância para o debate do tema da Ideologia através da canção de Cazuza. Fatos esses que nos ajudam a pensar a Ideologia, ainda que de modo introdutório, como é a proposta desse produto didático, mas que, no entanto, clarificam a uma possível interpretação das ideias contidas na letra, bem como a um elo entre os principais problemas que o tema da Ideologia suscitam, tais como o filósofo Terry Eagleton (1997) nos apresenta em seu livro.

A ideia central da explanação do momento histórico da letra é a de que os estudantes possam situar o contexto da letra ao que então ocorria; ao que seu autor vivia na época de sua composição. Claro que podemos trazer o contexto para a atualidade (aliás isso é importante, uma vez que é na atualidade é que esse trabalho se faz presente), porém, o que se quer é que os alunos percebam que o conceito de Ideologia, ao que nos parece, tende a um movimento, isto é, das ideias que sugerem

um deslocamento ou mesmo uma fixidez da realidade. Mas e por que movimento? Pois, para que as ideias transformem ou mantenham o status quo, é preciso uma força que molde essa realidade, e essa força é uma ação que fixa ou que muda a existência, e a isso chamamos Ideologia, independentemente de como essa força se manifeste em forma de ideias, já que para uma ação aconteça, mesmo no plano das ideias, é preciso um movimento advindo de um ser racional que se coloca no mundo histórico-dialético, tal como Marx nos afirma. Assim, portanto, os fatos históricos desse ano de 1988, e tudo o que decorreu depois disso, serão de suma importância para as análises do conceito de Ideologia ao se utilizar da canção e do clipe que aqui sugerimos. No entanto é preciso ressaltar que os fatos narrados a seguir não estão numa ordem cronológica de seus acontecimentos nesse ano. Seguimos, na verdade, outro plano. Os fatos aparecem primeiro no que ocorreu no Brasil – lugar onde Cazuza viveu e compôs a canção -, e depois os fatos marcantes pelo mundo. Procuramos expor os acontecimentos mais marcantes do Brasil e do mundo, mas não no tempo, e sim aquilo que pudesse ser de fato encarado como uma influência de uma Ideologia (direta ou indiretamente). Acreditamos que esses fatos, conhecidos pelo(a) professor(a) auxiliará nos debates propostos sobre a questão da Ideologia unida à música e o clipe.

1988 - Desilusões e pequenas esperanças

Esse ano de 1988, ano do lançamento do disco “Ideologia” do Cazuza, é bem mais do que apenas o ano de um lançamento de um disco. Foi um ano de muita efervescência política e até ideológica tanto no Brasil como no mundo inteiro.

Depois de décadas de Guerra Fria, momento esse de tensão entre o bloco socialista soviético e os EUA, todo o mundo passava por uma reviravolta ideológica, onde antigas ideias pareciam não mais ser o ideal a ser seguido, ou pelo menos esse foi o esforço do grande capital a se inocular na mente das pessoas. O socialismo implementado na antiga União Soviética não conseguia mais se suster, tal como foi concebido antes. Os países capitalistas conseguiram através de sua ideologia consumista jogar por terra muitos dos princípios socialistas desde Marx a Stalin. Em 1988, um ano antes da queda do muro de Berlim, fim da divisão alemã entre o socialismo e o capitalismo, tudo isso já estava em desconstrução na mente das pessoas

de então. Muitas das ideias políticas desde a Revolução Russa, passando pela Revolução cubana ou mesmo a Revolução Chinesa e as Revoluções ocorridas na África, enfim, esses processos estavam já sendo oprimidos pelo grande capital, e as ideias que visavam o consumo como sendo ideias de "liberdade" foram sendo absorvidas pelos trabalhadores. Em 1988 muitos desses países antes revolucionários, agora se alinhavam ao capitalismo, ainda que não totalmente abandonando a ideologia socialista, no entanto abrindo sua economia às ideias da burguesia capitalista, tanto que em 1991 a antiga União Soviética veio a ter seu fim completamente, separando-se em muitos países independentes e com o capitalismo de fundo na economia. Todos esses aspectos parecem incidir na letra da música de Cazuza. Toda desesperança causada pelas aberturas ao capital pelo bloco socialista, que então ruía, parece ter influenciado Cazuza na composição da letra da música. Era preciso agora uma "nova ideologia" a ser seguida. Mas qual? O que chamamos então de "nossa ideologia"? Esses eram os caminhos que história lhe conduzia.

E é isso que acontecia no mundo de então, nada parecia sólido. As ideologias não pareciam suprir a angústia do que o futuro guardava. No Brasil por exemplo, através de todo o quadro mundial das transformações que aconteciam ou se aproximavam de acontecer, com as reviravoltas econômicas e ideológicas mesmo que agitavam o planeta, tudo isso incidiu na política nacional brasileira. O país, após a chamada "abertura política", começou a se transformar no âmbito ideológico aos poucos, e por isso foi imprescindível a reforma constituinte, que ocorreu de fato em 1988, sendo, portanto, um marco divisório na política interna do país. A chamada "Constituição Cidadã" de 88 foi então promulgada a fim de dar uma nova cara ao país, que passara anos de ditadura militar, onde os direitos humanos não eram colocados em prática no país. O texto da nova Constituição agora seguia uma base fortemente influenciada na "Declaração Universal dos direitos humanos". Esse fato marcante na história do Brasil tentou harmonizar a sociedade, trazendo nova esperança ao povo. No entanto, esse fato na prática não resolveu todos os problemas que a ideologia dominante do capitalismo trazia ao mundo inteiro que se globalizava mais e mais desde então. Aliás, a "Constituição Cidadã" não trouxe apenas uma renovação de esperanças aos trabalhadores e aos movimentos sociais, mas também evidenciou como no país existem forças antagônicas que regem a política, e através delas projetos

aparentemente em prol da justiça social, pode também carregar forças ideológicas ocultas e que transformam o país como se queira:

> A promulgação do novo texto constitucional em 1988, após dois anos de trabalhos descentralizados, se deu, pois, sem um impacto capaz de inaugurar um novo trato das questões institucionais. Assegurou conquistas expressivas por parte de trabalhadores e dos movimentos sociais, mas deixou clara, também, a capacidade de pressão e a intransigência das forças conservadoras. Um verdadeiro vácuo de poder se formava em seu rastro, vindo a permitir a ascensão meteórica de um projeto vazio como o de Collor. (MENDONÇA E FONTES, 1996, p.91)

Todo esse processo político de transformação nacional incidiu diretamente nos movimentos sociais. A ideologia bem articulada do capital fez com que os movimentos sociais ficassem divididos entra a luta pelos trabalhadores e o modo como os movimentos adentravam o sistema capitalista. Caso que culmina numa "contaminação" dos movimentos pelos desejos da burguesia. Hoje em dia vemos isso claramente, mas a origem vem desde os anos 80, sobretudo no final da década:

> Finalmente, o processo de abertura e a nova importância adquirida pelas eleições multiplicavam as áreas de ambiguidade. De um lado, asseguravam aos movimentos um espaço real, embora restrito, de intervenção na condução das políticas locais. Por outro, a tendência assim afirmada de incorporá-los às engrenagens do Estado reduzia sua margem de autonomia. A rigor, todas essas dificuldades expressam, a nível interno, a variedade de conflitos que atravessa qualquer sociedade. Assim, se no início dos anos 80 houve um momento de refluxo dos movimentos sociais, o final da década assistiria à sua afirmação enquanto modalidade legítima de articulação, expansão e defesa de interesses. A mobilização em torno da Constituinte veio demonstrar a capacidade de organização da sociedade, traduzida em determinadas conquistas fundamentais, tais como a garantia de direitos individuais e coletivos na abertura da. Carta Magna, além da rejeição de toda forma de discriminação de minorias. (MENDONÇA E FONTES, 1996, p.97)

Tanto Brasil e como no mundo pairavam, como sempre em finais de décadas, um "ar" de medo e esperanças. Talvez até mais medo do que esperanças. Mesmo com o fim da Guerra Fria, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, com a unificação da Alemanha, com o fim da União Soviética, e com todos os processos revolucionários que ocorriam na época e nos anos próximos que seguiram, nada ainda trouxe uma ideologia que desse aos trabalhadores um alento total. Inclusive, no Brasil ainda haviam muitos problemas sociais e de ordem ideológica que assolavam as

pessoas. Uma delas era a questão da reforma agrária e a demarcação das terras indígenas. Não foi apenas por causas de leis criadas para o melhoramento da justiça social que impediram aqueles que acreditam estar do lado "certo" e que por isso podem fazer o que acham para colocar suas ideias como sendo universais e estabelecidas, nem que seja ultrapassando as leis. Ocorreu aqui no Brasil um caso que repercutiu bastante no ano de 1988, que foi o assassinato do ativista Chico Mendes, um defensor da ecologia, das terras indígenas e dos povos nativos. Coisa que era um incômodo a madeireiros e poderosos que viam essa atitude de Chico e de seus companheiros como contrárias as ideias dominantes de então. E por causa disso, Chico Mendes pagou com a vida suas ideias que iam de encontro com o status quo.

Cazuza com seu refrão "Ideologia, eu quero uma pra viver" nos faz pensar bastante sobre como as ideologias, desde aquela época já não pareciam se sustentar como uma unidade. Isto é, qual a ideologia certa a se seguir? Qual parece de fato estar "funcionando"? Mesmo depois de tantas transformações no mundo, tal como a liberação sexual da década de 60 até o final dos anos 80, agora como a epidemia de AIDS que surgia e reprimia os jovens, ou ainda o fim da Segunda Guerra Mundial, com a vitória Soviética, mas com a crise da URSS, e toda crítica mundial ao regime comunista, ou mesmo no Brasil com os governos militares aclamados pelo povo num dado momento, mas que com o tempo, sobretudo no início dos anos 80 até o final da década se mostrou que o caminho da liberdade era o melhor para o país, ou ainda com relação as artes, onde o Rock se mostrava não mais apenas o "yeah, yeah, yeah" da Jovem Guarda, mas sim crítico e atuante no âmbito político, indo na contramão da indústria cultural, pelo menos quando começam as bandas, embora fossem também absorvidas pelo mercado mais a frente, mas que ainda assim, mudando as ideologias da música jovem da época. Tanto que o próprio Cazuza em 88 disse numa entrevista ao Jô Soares, que então era do SBT, que sua música que antes era apenas falando de noitadas, curtição, amores banais, passara então à crítica da realidade. Enfim, o que parece-nos dizer a canção, pelo menos a grosso modo é que as ideologia precisavam ser repensadas e analisadas com cuidado, essa é a principal ideia desse trabalho, com esse breve histórico percebamos e pensemos que o mundo desde a composição da canção "Ideologia" de Cazuza precisa ser filosofado, ou seja, a Ideologia, o conceito desse termo precisa estar no mote da nossa crítica, dentro e fora da sala de aula, pois ela se faz presente onde menos imaginamos que ela está.

Sugestões de atividades

Introdução

Antes de começar a apresentação das atividades é preciso que antes alguns pontos sejam seguidos para que o trabalho siga de modo satisfatório.

Separamos abaixo as concepções do filósofo Terry Eagleton, que faz parte da bibliografia base deste trabalho. Em seu livro intitulado "Ideologia – Uma introdução" (1997), logo no primeiro capítulo, ele sugere-nos algumas das principais tentativas de significação do termo. Não que Eagleton tenha, portanto, chegado a um fim na questão da conceituação do termo, mas antes ele nos permite uma verdadeira introdução à questão da crítica da "Ideologia", nos apresentando as principais significações do termo "Ideologia" que mais se fala no mundo. E, através desse recorte, o(a) professor(a) irá se utilizar com a cartilha de sugestões de atividades a uma introdução crítica da palavra "Ideologia". Eagleton nos apresenta 16 concepções do que ele percebeu como se determina o que é a Ideologia. Ele nos afirma que fez esse recorte mais ou menos ao caso, recortando certas conceituações feitas sobre o termo "Ideologia que são elas, segundo o filósofo inglês:

"a)o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
b)um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social;
c)ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
d)ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante;
e)comunicação sistematicamente distorcida;
f)aquilo que confere certa posição a um sujeito;
g)formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
h)pensamento de identidade;
i)ilusão socialmente necessária;
j)a conjuntura de discurso e poder;
k)o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
l)conjunto de crenças orientadas para a ação;
m)a confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal;
n)oclusão semiótica;
o)o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura

social;

p)o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural."
(1997, p.15 e 16)

Mas, é preciso antes uma breve discussão sobre essas concepções. O próprio Eagleton nos alerta que o termo "Ideologia é um texto", ou seja, tentar determina-lo numa única concepção seria inconcebível, pois há diferentes processos históricos sobre esse conceito, e cada processo tem sua importância à crítica e precisa ser levado em conta.

Segundo Eagleton, nessa lista que ele sugere os termos estão colocados não numa ordem cronológica ou organizacional, mas sim ao acaso. E entre as concepções têm alguma convergência e entre outras alguma divergência. Alguns são compatíveis, outros bem diferentes, e alguns outros com certas características afins e outras nem tanto. Enfim, é preciso pensar cada uma delas e perceber se nossa visão acerca da Ideologia converge ou não para uma das concepções da lista, ou se até temos alguma novidade a acrescentar na semântica do termo.

Se ideologia denota um conjunto de crenças que nos motiva a ação, como poderia ser uma ilusão? Isto é, se há algo na ideologia que nos faz, enquanto atores sociais, agir, pensar, refletir sobre a realidade, onde então residiria a ilusão portanto? Como poderíamos estar totalmente iludidos e ainda assim pensarmos sobre um viés ideológico? Parece contraditória essa afirmativa sobre a ilusão na ideologia. E mais, Ideologia é algo "bom" ou "ruim"? Isto é, é a ideologia algo que nos aprisiona ou nos liberta? Eagleton nos alerta que é preciso considerarmos as diversas definições sobre a ideologia, precisamente para que nossa crítica tenha uma base. Ou seja, como poderíamos saber se ideologia é um termo pejorativo ou não? Baseado em qual conceito estamos levando em conta nosso pensamento? E por aí vai. O termo ideologia é complexo, é um texto. Seus inúmeros usos podem nos revelar muita coisa que está escondida por de trás da origem e do significado dado ao termo. E é isso que esse trabalho propõe. Não um encerramento, um esgotamento do termo, mas sim uma reflexão das diversas significações e dos usos sociais desse termo. Não há discurso não-ideológico. Nem tudo é ideológico, o próprio Eagleton também nos alerta sobre isso, pois aí sim o termo perde o sentido. No entanto, todo discurso, enquanto comunicação social, é sim ideológico. Qualquer fala que esteja no âmbito individual, no foro íntimo, ou no campo biológico de um indivíduo não necessariamente é

ideológico, mas, um discurso é sempre ideológico, é sempre guiado por uma visão de mundo. O problema é saber se o que guia esse campo de significado, se ele é consciente ou não. Ou usando as palavras de Paulo Freire (2011): "Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?"

Atividade 1: desmembramento das concepções de 'ideologia" sob 3 (três) questões.

Material: música e clipe "Ideologia", de Cazuza. (pode ser facilmente encontrada no youtube.com)

- **Componentes:** grupos de 4 ou até 6 alunos. (dependerá do tamanho da turma)

(Abaixo virão algumas questões para que os alunos pensem e argumentem sobre qual compreensão tiveram da explanação feita pelo(a) professor(a) acerca das concepções que Terry Eagleton propôs.)

a) O refrão da música diz: "Ideologia, eu quero uma pra viver". Em que medida é necessária uma ideologia para se viver? Qual das concepções apontadas por podemos associar a essa afirmação feita no refrão e por quê? Discorra.

Sugestão de resposta: *Se ideologia for entendida como "um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social", ou ainda como "aquilo que confere certa posição a um sujeito", ou "o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo", ao se dizer que se quer uma ideologia para viver, essas concepções corroboram com essa afirmação, uma vez que a vida sem esses atributos que a ideologia forneceria não seria possível. Ou seja, um ator social para agir necessitaria de uma ideologia que o motivasse. Caso contrário, sem consciência dessa ação ideológica, outras ideologias que não a desse ator consciente poderiam cooptá-lo a agir conforme interesses que esse ator não faria ideia, e reproduziria sem ao menos ter noção alguma do que faz e pensa.*

b) Retire da letra da canção pelo menos um (1) trecho que justifique que a ideologia pode ser "conjunto de crenças orientadas para a ação". Justifique.

Sugestão de resposta: *No trecho da letra onde diz "Eu vou pagar a conta do analista pra nunca mais ter que saber quem eu sou". Aqui, o eu lírico acredita que pode, depois de passar pelo analista, "se perder" diante do seu "eu", isto é, pode então ficar "suspenso" nas suas ações. Seu conjunto de crenças diante dessa pós análise agora se justificam nesse "eu" que não se conhece mais, assim sua ideologia agora está orientada por esse desconhecimento mesmo de sua individualidade.*

c) ***Na letra da canção, Cazuza se mostra confuso diante da vida e diante da ideologia; do que acreditar ou não, do que seguir ou pensar. Tudo lhe parece estranho e contraditório. Baseado nessa ideia, apresente dentre as concepções de Eagleton quais contradições que há entre os conceitos de ideologia. Mostre as concepções que corroboram a essa confusão do eu lírico da letra da canção.***

Sugestão de resposta: *Todas as concepções apresentadas por Eagleton que indicam uma motivação à ação, ou ainda de um pensamento de uma classe ou um grupo social tendem a uma forma de disposição diante da realidade. Essas alternativas de significado apresentam ao indivíduo um modo de ser e de se colocar na sociedade. Isto é, através de ideias propagadas por um grupo pelo qual o indivíduo se identifica, ou mesmo as ideias autônomas do próprio indivíduo fazem com que ele siga a vida sob certos aspectos epistemológicos. Já as concepções que afirmam que a ideologia é uma ilusão, uma oclusão, uma inversão do real, essas concepções, ao contrário das anteriores mencionadas, fazem com que indivíduo seja aliciado por ideias que não são as dele, nem por ele foram refletidas e então postas em prática de modo consciente. Há, portanto, entre as primeiras concepções citadas e essas últimas uma contradição. As primeiras são positivas, no sentido mesmo de uma pró-ação consciente, e as últimas são alienantes, no sentido de conduzir o indivíduo sem sua consciência na ação. Ao que parece, Cazuza na canção se vê entre essas noções de ideologia, que ora ele se conduz conscientemente na vida, ora ele é conduzido mesmo sem sua vontade. Isso parece lhe colocar nesse "limbo" que a letra sugere, onde ele não sabe mais precisamente quais ações lhe parecem as "certas". Daí portanto ele sugere a ideia de que precisa de uma ideologia, precisa de um conceito de ideologia que lhe de autonomia.*

Atividade 2: Seminário – exame das imagens do clipe.

- **Material:** As imagens do clipe numa folha de papel (anexo) para recorte.

Professor(a), distribua entre os grupos pelo menos uma (1) imagem (símbolo) que aparece no clipe da canção do Cazuza. Cada grupo terá de relacionar oralmente a qual ou quais das concepções da lista de Eagleton o símbolo pertence e o porquê.

(como historicamente aquele símbolo foi associado a alguma ideologia) *******

Abaixo seguem as imagens (símbolos) que você, professor(a), fará cópias, recortará e distribuirá aos grupos.





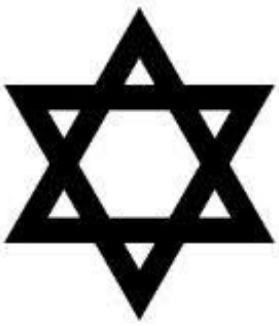












Sugestão de resposta: Peguemos como exemplo o cifrão, que é um símbolo que representa o dinheiro, e que por sua vez, por extensão, representa também a riqueza. Esse símbolo pode estar ligado à concepção de Eagleton da letra i), que é a "ilusão socialmente necessária", uma vez que o dinheiro não determina o valor de algo, mas sim uma "ilusão" de um valor de algo. Aquilo que foi determinado socialmente como o valor (preço) de algo. Essa ilusão se fez necessária num determinado momento da história para "facilitar" a troca dos produtos. Isso portanto é algo ideológico, ou seja, há uma ideia numérica e até fantasmagórica de um "valor" que se coloca no produto, mas que não é seu valor natural, universal, ou qualquer coisa assim, pois se percebe que determinado produtor, que ganha socialmente um valor X qualquer, na verdade pode ter um valor inestimável, e que nenhuma cifra poderia determinar.

Atividade 3: Análise das músicas / videoclipes

- Material: videoclipes (youtube ou outra plataforma streaming) das músicas "Admirável chip novo", da Pitty; "Fora da Ordem", de Caetano Veloso; e "Geração coca-cola", da Legião Urbana (não há clipe oficial).
- Componentes: grupos de 4 ou até 6 alunos (depende do tamanho da turma)

Nessa atividade, após toda a turma assistir as 3 canções e seus respectivos videoclipes, cada grupo deverá analisar as letras, e logo depois, associar num texto um trecho de cada canção pelo menos uma (1) concepção das apresentadas. Esse texto deverá ser lido pelo professor(a) em sala, e os alunos devem debate-lo se eles fazem sentido, se se justificam ou não. A ideia é além de discutir os conceitos de ideologia, fazê-los exercitar a força da argumentação e também a capacidade de associação epistêmica entre as ideias propostas e as interpretações das letras das canções.

Sugestões de vídeos

Aqui, professor(a), seguem algumas sugestões de vídeos que você também poderá se utilizar como complemento do trabalho feito com a canção do Cazuza, com o objetivo de somar as ideias e a crítica do conceito de Ideologia já feitos por você, tanto nas aulas que antecederam a dinâmica do audiovisual como com o próprio audiovisual.

- *O guia pervertido da ideologia*, de Slavoj Zizek. Documentário facilmente encontrado na internet. Ou ainda fracionado no youtube.com. Esse documentário tem 2 horas e 10 minutos, onde Zizek é o protagonista do vídeo, e traz análises feitas sobre a Ideologia em cima de trechos de filmes. Suas análises perpassam a filosofia, a sociologia, a política e a psicanálise.

No link https://farofafilosofica.com/2017/07/28/slavoj-zizek-filme-e-livro/ ele é disponibilizado na íntegra.

- No canal do youtube chamado *"Leitura ObrigaHistoria"* há um vídeo chamado *"O que é Ideologia (e o que não é)? - Conceitos Históricos",* apresenta um apanhado geral bem resumido do conceito de ideologia, que você, professor(a) pode se utilizar para ressaltar os conteúdos já apresentados, e ainda "linkar" com as ideias discutidas sobre a canção do Cazuza.

O vídeo é encontrado no link https://www.youtube.com/watch?v=zAdgefCuoQA

- O doutor Drauzio Varella, médico muito famoso, tem um canal com seu próprio nome no Youtube, e no canal há um vídeo chamado *"Ideologia de gênero | Coluna #121".* Nesse vídeo, Drauzio fala especificamente sobre a chamada "Ideologia de gênero" por um viés científico, mais especificamente pela biologia. Esse vídeo traz um olhar interessante sobre o tema de uma autoridade do meio científico, mas que discute através disso questões sociais importantes.

O vídeo é encontrado no link: https://www.youtube.com/watch?v=9kowwGuS_-8

- Há dois vídeos da professora Marilena Chauí, onde ela discute o tema da Ideologia de dois modos. Esses dois vídeos se encontram em dois canais diferentes no Youtube. São eles o canal do *Grupo Autêntica* e o canal do *Acervo Histórico.* No primeiro há o vídeo da Chauí intitulado "*Escritos de Marilena Chaui | O que é a ideologia da competência",* onde a professora, sob um viés marxista, ela discute o que ela chama de "Ideologia da competência", que a saber seria quem pode ou não falar sobre um assunto; sobre a questão ideológica da autoridade. Já no segundo vídeo, chamado *"Marilena Chauí – Falsa consciência: qual a função da ideologia?",* do canal *Acervo Histórico,* Chauí discute ainda sob um olhar marxista como a ideologia

dominante atua no mundo, e como essa ideia marxista de “falsa consciência” se aplica na realidade.

Ambos os vídeos são encontrados, respectivamente nos links: https://www.youtube.com/watch?v=_qYOUW-HnKs e https://www.youtube.com/watch?v=kKXMukpe2Ps

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse produto didático aqui proposto tem a finalidade de introduzir o tema da “Ideologia” no ensino médio, bem como pôde ser visto. Ele não é, de modo nenhum, uma tentativa de esgotamento da questão, mesmo porque, isso seria antifilosófico. No entanto, esperamos que esse produto aqui lhe tenha servido, professor(a), como uma base de trabalho, como um horizonte não apenas expresso dentro da sala de aula, mas também como reflexão à novas atividades que você é capaz de desenvolver nas suas aulas de filosofia.

O tema da Ideologia é extenso, assim como todos os temas sugeridos à filosofia pelo MEC ou outros órgãos competentes. Mas nem sempre esse tema da Ideologia é levado a sério; nem sempre ele é entendido como relevante nas discussões filosóficas do ensino médio no Brasil. O que buscamos aqui foi exatamente por em voga o tema, pois acreditamos ser de alta validade aos jovens estudantes brasileiros do ensino médio. Pois o tema envolve questões da vida prática dos estudantes, e ainda envolve também questões mais abstratas no âmbito da política, da psiquê, ou mesmo da epistemologia. O que nos faz acreditar que esse tema é importante dentro dos conteúdos da filosofia no ensino médio.

O uso do audiovisual foi utilizado, buscando uma dinâmica mais atraente para que as aulas fosse mais lúdicas e divertidas, tendo em vista como a própria ideologia dominante trata a filosofia na escolas do país, como sendo de menor importância aos jovens, ou mesmo querendo excluí-la das disciplinas das escolas do ensino médio. E isso nos impulsionou a desenvolver esse material, e não apenas para ser divertido unicamente, mas também para suscitar o debate de temas importantes, que muitas vezes uma ideologia quer esconder ou mesmo dizer que não existe. Cabe portanto a

filosofia esse trabalho de crítica, e é através, cremos nós, pela via da análise das ideologia e da ideologia enquanto significado, que certos problemas políticos, éticos e epistêmicos que poderemos rever ou mesmo ver, no sentido de revelar, onde as instâncias do poder e da alienação afetam os jovens e todos os atores sociais.

Esperamos que esse trabalho tenha sido de fato auxiliador em seu trabalho, querido(a) professor(a), pois temos consciência do quão complexo é seu trabalho em sala de aula aqui nesse país, sobretudo com a filosofia. Desde já agradecemos a oportunidade de crédito na tentativa mesma de utilização do aqui foi por nós proposto nesse trabalho, e esperamos que as aulas de filosofia possam se reforçar mais e mais com a ajuda mútua de todos nós em consonância. A ideologia dominante não prevalecerá, basta buscarmos a união de forças pela crítica e pelo diálogo. Não deixaremos que a filosofia seja destruída nem vilipendiada por forças ideológicas menores que a nossa força que vem exatamente da luta; luta por igualdade, justiça social e liberdade, coisas essas que só a educação pode nos trazer, e, que são precisamente frutos do nosso ofício enquanto educadores. Nenhuma ideologia que nos oprime e oprime nossos jovens estudantes prevalecerá. Cabe a nós lutar. E é através da busca por conhecimento que conseguiremos isso. Venceremos.

Mais uma vez, muito obrigado, professor(a).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

CAZUZA. Ideologia. **Ideologia** Universal Music Group, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia?.* 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

EAGLETON, Terry. Ideologia. Uma introdução / Terry Eagleton; tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

KANT, I. *Resposta à pergunta Que é Esclarecimento?*. In: _. *Textos seletos*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985. P. 100-117.

KONDER, Leandro. A questão da Ideologia. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael. Ideologias e ciência social :elementos para uma análise marxista I Michael Lõwy. -19. ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. 2° ed. Trad. de Sérgio M. Santeiro, rev. técnica de César Guimarães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,1972.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. SP: Martins Fontes. 2001.*

MENDONÇA, Sônia Regina de e FONTES, Virgínia Maria. *História do brasil recente – 1964 – 1992. 4ª edição.* SP: Ática. 1996.

ZIZEK, Slavoj (organização). Um mapa da ideologia. Tradução de Vera Ribeiro. Contraponto, 1996.

_____. Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.